

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CAMPUS CURITIBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA
CURSO SUPERIOR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA

KAROLINE SARRAF DE SOUZA

**A REPRESENTAÇÃO DA TECNOLOGIA NOS DISCURSOS
JORNALÍSTICOS SOBRE MEIO AMBIENTE EM REPORTAGENS DAS
REVISTAS ÉPOCA E SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL**

DISSERTAÇÃO

CURITIBA

2013

KAROLINE SARRAF DE SOUZA

**A REPRESENTAÇÃO DA TECNOLOGIA NOS DISCURSOS
JORNALÍSTICOS SOBRE MEIO AMBIENTE EM REPORTAGENS DAS
REVISTAS ÉPOCA E SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para a obtenção do título de “Mestre em Tecnologia” – Área de Concentração: Tecnologia e Trabalho.

Orientadora: Professora Dra. Angela Maria Rubel Fanini.

CURITIBA

2013

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas foram importantes na minha vida para que eu chegasse até aqui. Ofereceram ensinamentos, ajuda, paciência e apoio. Certamente estes parágrafos não irão atender a todas essas pessoas, familiares, amigos, colegas e pesquisadores, embora, com certeza, essas pessoas façam parte do meu pensamento e da minha sincera gratidão.

Reverencio a Deus por quem sou plenamente grata por todas as coisas. Agradeço por sua graça e misericórdia que me sustentam e que se renovam todos os dias. Suas promessas se cumpriram em minha vida, ao longo desses anos de estudo, e acredito que continuarão a se cumprir. Porque é por meio Dele que todas as coisas existem e é para Ele que vai o meu agradecimento principal.

Meus sinceros agradecimentos também vão à Professora Dra. Angela Maria Rubel Fanini, a quem me reporto com profundo respeito. Detentora de grande conhecimento sobre o tema. Sua orientação e dedicação serão sempre lembradas com gratidão e alegria. Nossa relação de parceria foi sempre amigável e com suas recomendações aprendi lições para a vida. Lições, que um amigo verdadeiro compartilha.

Agradeço a todos os professores do Departamento de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Suas contribuições, certamente foram importantes.

Agradeço a todos os professores componentes da banca. Suas correções, dicas, recomendações e instruções foram ouvidas e tiveram grande contribuição para o empreendimento dessa pesquisa, pois advertiram a um possível caminho tortuoso, ou asseguraram a veracidade do que estava sendo produzido.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, instituição que me ofereceu uma bolsa de estudos para minha pesquisa, recurso financeiro que possibilitou a mim, a condição temporal e econômica, necessárias para exercício do presente estudo.

“Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca.”

Mateus 12:34b.

RESUMO

SOUZA, Karoline Sarraf. **A Representação da Tecnologia nos Discursos Jornalísticos em Reportagens das Revistas *Época* e *Scientific American Brasil*** 2013. 108 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2013.

As intervenções humanas no ambiente, por meio da tecnologia e do desenvolvimento industrial têm provocado manifestações de conscientização sobre os problemas ambientais. Mas mesmo com discussões que atravessam os séculos, muitos são os problemas ambientais que continuam a afetar o planeta. Os ecossistemas naturais e suas condições de água, ar, terra e biodiversidade passam por contínuas transformações, várias devido às ações humanas. Nesse contexto, o jornalismo apresenta-se como um importante meio de comunicação para informar os cidadãos sobre a questão do ambiental. Este estudo visa discutir como se formalizam certas representações discursivas da tecnologia em textos sobre meio ambiente, no jornalismo impresso da revista brasileira *Época* e da revista internacional norte americana e alemã *Scientific American Brasil*. Foram selecionadas duas reportagens, cada qual pertencente a uma das revistas. A metodologia utilizada fundamenta-se, sobretudo, nos conceitos das teorias de Mikhail Bakhtin/Volochinov e Michel Foucault. Propõe-se verificar como são apresentadas as inovações e soluções tecnológicas nos discursos e, de acordo com a proposta do pesquisador Renato Dagnino, identificar sobre que perspectiva a tecnologia é interpretada, se determinista, instrumentalista, substantivista ou crítica.

Palavras Chave: análise discursiva, jornalismo, meio ambiente, tecnologia, reportagem.

ABSTRACT

SOUZA, Karoline Sarraf. **The Representation of Technology in Speeches Journalistic Reports in *Época* and Scientific American Brasil magazines.** 2013. 108 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2013.

Human interventions in the environment, through technology and industrial development have provoked demonstrations to raise awareness about environmental issues. But even with discussions covering several centuries, many environmental problems that continue to affect the planet. Natural ecosystems and their conditions of water, air, land and biodiversity undergo continuous transformations, many due to human actions. This context, journalism presents itself as an important means of communication to inform citizens about the environmental issue. This study aims to discuss how to formalize certain discursive representations of technology in texts on environment, print journalism of Brazilian *Época's* magazine season and North American and German international *Scientific American Brasil's* magazine. We selected two reports, each belonging to one of the magazines. The methodology is based mainly on the concepts of the theories of Mikhail Bakhtin / Volochinov and Michel Foucault. It is proposed to verify they are presented innovations and technological solutions in speeches and, according to the proposal the researcher Renato Dagnino, identify perspective on technology that is interpreted, is deterministic, instrumentalist, substantivist or criticism.

Keywords: discourse analysis, journalism, environment, technology, reporting.

dirppg-ct@utfpr.edu.br

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 DIAGRAMA DAS ETAPAS DE PESQUISA	25
FIGURA 2 CIRCUITO DE COMUNICAÇÃO DE SAUSSURE.....	46
FIGURA 3 DIAGRAMA DAS RELAÇÕES ENTRE INFRA-ESRUTURA E SUPERESTRUTURA.....	50

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE PRINCIPAL NA CAPA DA REVISTA ÉPOCA DO ANO DE 2009	68
TABELA 2 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE SECUNDÁRIO NA CAPA DA REVISTA ÉPOCA DO ANO DE 2009 ...	69
TABELA 3 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE PRINCIPAL NA CAPA DA REVISTA ÉPOCA DO ANO DE 2010	70
TABELA 4 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE SECUNDÁRIO NA CAPA DA REVISTA ÉPOCA DO ANO DE 2010 ...	71
TABELA 5 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE PRINCIPAL NA CAPA DA REVISTA ÉPOCA DO ANO DE 2011	72
TABELA 6 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE SECUNDÁRIO NA CAPA DA REVISTA ÉPOCA DO ANO DE 2011 ...	73
TABELA 7 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE PRIMÁRIO NA CAPA DA REVISTA SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL DE 2009.....	77
TABELA 8 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE SECUNDÁRIO NA CAPA DA REVISTA SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL DE 2009.....	77
TABELA 9 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE PRIMÁRIO NA CAPA DA REVISTA SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL DE 2010	78
TABELA 10 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE SECUNDÁRIO NA CAPA DA REVISTA SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL DE 2010.....	78
TABELA 11 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE PRIMÁRIO NA CAPA DA REVISTA SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL DE 2011	79
TABELA 12 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE SECUNDÁRIO NA CAPA DA REVISTA SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL DE 2011.....	79

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE PRINCIPAL NA CAPA DA REVISTA ÉPOCA DO ANO DE 2009	69
GRÁFICO 2 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE SECUNDÁRIO NA CAPA DA REVISTA ÉPOCA DO ANO DE 2009 ...	70
GRÁFICO 3 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE PRINCIPAL NA CAPA DA REVISTA ÉPOCA DO ANO DE 2010	71
GRÁFICO 4 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE SECUNDÁRIO NA CAPA DA REVISTA ÉPOCA DO ANO DE 2010 ...	72
GRÁFICO 5 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE PRINCIPAL NA CAPA DA REVISTA ÉPOCA DO ANO DE 2011	73
GRÁFICO 6 - VERIFICAÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS REPORTAGENS COM DESTAQUE SECUNDÁRIO NA CAPA DA REVISTA ÉPOCA DO ANO DE 2011 ...	74

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 TEMA	11
1.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	14
1.3 PROBLEMA E PREMISSAS	15
1.4 OBJETIVOS	20
1.4.1 Obejetivo geral	20
1.4.2 Obejetivo específico	20
1.5 JUSTIFICATIVA	20
1.6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	23
1.7 EMBASAMENTO TEÓRICO	24
1.8 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	25
2 TECNOLOGIA, SOCIEDADE E ANÁLISE DO DISCURSO.....	27
2.1 TECNOLOGIA E TRABALHO A LUZ DA ANÁLISE DISCURSIVA.....	28
3 DESDOBRAMENTOS SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO E QUESTÕES ACERCA DA LINGUAGEM.....	41
3.1 LINGUAGEM E DISCURSO EM MIKHAIL BAKHTIN.....	45
3.2 FILOSOFIA DA LINGUAGEM E MARXISMO.....	47
3.3 ANÁLISE DO DISCURSO EM MIKHAIL BAKHTIN.....	50
3.3.1 A enunciação de natureza social.....	52
3.3.2 O discurso.....	54
3.4 ANÁLISE DO DISCURSO EM MICHEL FOUCAULT.....	55
3.4.1 A ordem do discurso.....	56
3.4.2 Procedimentos de controle do discurso.....	58
3.5 RELAÇÕES ENTRE BAKHTIN E FOUCAULT	62
4 DADOS REFERENCIAIS DO OBJETO DE ESTUDO	65
4.1 REVISTA ÉPOCA.....	65
4.2 REVISTA <i>SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL</i>	75

5 ANÁLISE DISCURSIVA EM REVISTA E A REPRESENTAÇÃO DA TECNOLOGIA.....	81
5.1 REPRESENTAÇÕES DA TECNOLOGIA: REVISTA ÉPOCA.....	82
5.1.2 MATÉRIA DE 21 JUNHO DE 2010.....	82
5.2 REPRESENTAÇÕES DA TECNOLOGIA: REVISTA SCIAM.....	93
5.2.2 MATÉRIA DE JUNHO DE 2010.....	93
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
7 CONCLUSÃO E SUGESTÃO PARA ESTUDOS FUTUROS.....	109
REFERÊNCIAS.....	111

1 INTRODUÇÃO

1.1 DISCURSO SOBRE O MEIO AMBIENTE A PARTIR DAS RELAÇÕES ENTRE TECNOLOGIA E SOCIEDADE

A busca pelo conhecimento é algo constante na história do ser humano, o que se constata nos escritos filosóficos e nas experiências científicas tanto do passado, quanto da contemporaneidade, influenciando ideias e comportamentos. A humanidade, desde o princípio de sua existência na Terra, vem desenvolvendo, por meio do conhecimento, técnicas adequadas ao atendimento de suas necessidades, extraindo da natureza o substrato para tal feito. Em certa medida, exerce sobre o meio ambiente determinado controle que lhe permite transformar o seu entorno. Nesse decurso, desenvolve a comunicação, estabelecendo relações sociais, fundamentais para a produção, o progresso da atividade técnica e dos aparatos tecnológicos industriais e domésticos.

O processo de industrialização pode ser historicamente caracterizado pelo uso de diferentes tecnologias. No século XVIII caracterizou-se pelo emprego da energia a vapor e posteriormente no século XIX pelo uso da energia elétrica. Nos séculos XX e XXI é representado pela energia nuclear e pelo avanço da robótica e da informática. As transformações graduais e progressivas operadas no campo das ideias, da vida social, econômica e tecnológica, são notáveis com a inovação da técnica, influenciando a hierarquização social, sobretudo, no século XVIII, com o processo de mecanização dos meios de produção.

O fenômeno da industrialização ocorrido nessa época desencadeou mudanças nas formas de organização da sociedade. Aos poucos, em determinados setores, as máquinas foram substituindo a mão-de-obra humana, o êxodo rural foi crescendo, repercutindo em um desordenado aumento das cidades e conseqüente intensificação da poluição ambiental. Nesse contexto, de substituição da manufatura pela mecanização, muitos trabalhadores perderam o controle do processo produtivo manufatureiro, passando a oferecer a sua força de trabalho para os que detinham o controle dos meios de produção, isto é, para os empresários industriais com condições financeiras de investimento em máquinas produtivas. Os mesmos

passariam a retribuir em remuneração o trabalho, sobretudo, braçal. Ocorre um acelerado progresso econômico para os detentores do capital, os quais são motivados pela revolução no modo de produzir. As mercadorias passam a ter um preço mais baixo, o que intensifica o comércio. O foco exacerbado e unificado nessa nova atividade impede reflexões mais profundas sobre o desenvolvimento de métodos de produção ecologicamente sustentáveis, favorecendo a ocorrência da degradação ambiental.

Problemas ambientais como a poluição dos rios e lagos por esgotos domésticos e industriais, a poluição do ar pelas indústrias e pelos sistemas de transporte movidos a combustíveis fósseis, a necessidade de remover e tratar o lixo que cresce com a população, o desmatamento, a degradação de áreas agrícolas, dentre outros, foram intensificados fundamentalmente a partir do fenômeno da industrialização. Atualmente ainda são questões presentes e discutíveis que têm colocado em risco a própria sobrevivência das espécies.

É no século XX que são observados, em maior evidência, os questionamentos sobre o modelo industrial, sobretudo na emergência dos discursos ambientalistas que surgem com mais vigor e contam com o apoio dos meios de comunicação, para transmitir à população as informações preponderantes sobre a complexidade da questão ambiental e a sua relação com a economia e a sociedade.

O discurso ambientalista surge em defesa do meio ambiente, cujas primeiras manifestações politicamente organizadas aparecem no pós-II Guerra Mundial, (Fonseca 1999).

Ainda segundo Fonseca, o pensamento reflexivo sobre o meio ambiente vem sendo articulado ao longo de toda a história da humanidade. Mas em função, contudo, dos grandes desastres ecológicos provocados pelas guerras é que o tema passa a ser debatido mundialmente com maior relevância, por instituições políticas de diferentes países.

Há décadas existe um conjunto discursivo sobre o tema e que é apresentado a partir de várias perspectivas que denunciam as catástrofes ambientais ocasionadas pela interferência humana ou que apostam nos meios humanos para a resolução dos problemas ambientais.

Esta pesquisa se propõe a estudar as construções discursivas em reportagens, cuja temática se centra nas articulações ou disjunções entre tecnologia e meio ambiente, a partir do jornalismo impresso. Pensamos ser importante verificar

como ocorrem essas representações discursivas, uma vez que é função do jornalismo comunicar os acontecimentos. Para isso, valer-nos-emos de um estudo fundamentado em bases teóricas que auxiliam a análise discursiva, sendo estas de vertente francesa, nos escritos de Michel Foucault e de vertente russa nos escritos de Mikhail Bakhtin/Volochínov. Com isso, verifica-se o que está sendo emitido nas esferas jornalísticas escolhidas sobre a temática tecnologia e impacto ambiental, visando colaborar com reflexões, projetos e ações de sustentabilidade, em que se prevê o atendimento das necessidades do presente sem comprometer a qualidade de vida das gerações futuras.

A gênese da análise discursiva é formada no compartilhar de convicções sobre a história, a luta de classes e o movimento social, sob o horizonte comum do Marxismo e de um momento de crescimento da Linguística, segundo Mussalim em *Introdução à Lingüística – fundamentos epistemológicos* (MUSSALIM, 2007, p. 102).

A análise do discurso, como o próprio nome indica, trata do estudo do discurso, não especificamente da língua, da semântica ou da gramática como sistemas que se sobrepõem ao sujeito usuário. Etimologicamente a palavra discurso traz em si a ideia de curso, de percorrer, de movimento. Assim, é o discurso, palavra em movimento que percorre a história do homem, compreendendo as manifestações da língua, sua possibilidade de fazer sentido e simbolizar. Sendo assim, a transmissão de informações dentro de um complexo que compreende as relações entre sujeitos influenciados pela língua e pela história, representa não apenas o fluir de mensagens e informações, mas o processo de constituição dos sujeitos e de produção dos sentidos. “Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 1999, p.15-21).

A questão do uso de conhecimentos acerca da Análise do Discurso como base teórica para a realização do estudo será abordado particuladamente nos capítulos seguintes. O objetivo é investigar, por meio dos conhecimentos sobre análise do discurso, no jornalismo impresso das revistas *Época* e *Scientific American Brasil*, nas seções de discussão ambiental, como os textos veiculados ali têm apresentado determinado posicionamento em relação aos impactos ambientais e sociais, causados pelos avanços tecnológicos e pelo desenvolvimento industrial, atentando nas construções discursivas que emanam a partir dessa comunicação. Ressalta-se que são duas reportagens a serem investigadas, uma da revista *Época* e outra da revista *Scientific American Brasil*.

1.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa apresenta estudos sobre as construções discursivas como metodologia teórica de análise de duas reportagens veiculadas em revista impressa. A apresentação dos dados interpretativos adequa-se em duas categorias metodológicas: quantitativa, cujo intuito é verificar a frequência do aparecimento de determinada característica e qualitativa, que abordará os elementos dos discursos que compõem as reportagens, investigando os sujeitos enunciadore, o enunciado, os interlocutores e demais aspectos formais e contextuais.

Tomam-se como objeto de estudo as edições impressas das revistas *Época* e *Scientific American Brasil*, publicadas ao longo de um período de três anos, considerando sua periodicidade, editorial, seções e público, verificando onde estão mais evidentes os discursos sobre meio ambiente e tecnologia e como são elaborados tais discursos, ou seja, qual a materialidade dos discursos, qual a sua ação no determinado contexto, que é construído por meio de diferentes visões sobre a realidade observada, e em que perspectiva são produzidas as relações sociais de poder no plano discursivo.

Para a delimitação da pesquisa, em um primeiro momento, apresenta-se um levantamento de informações sobre o histórico das revistas. Em um segundo momento, quanto às representações discursivas do universo da tecnologia e meio ambiente em textos jornalísticos, foram selecionados para uma análise qualitativa, dois artigos, um da revista *Época* e um da revista *Scientific American Brasil*. Esses artigos versam sobre impactos da tecnologia sobre o meio ambiente e como são difundidos na sociedade. Há um levantamento de dados quantitativos que abrangem um período de três anos e que serve para ilustrar em formato de tabela e gráfico, a frequência de inserções sobre o tema nas revistas. Esses dados são apenas um complemento que testificam o segmento editorial de cada revista. Não se faz deles uma análise mais aprofundada, uma vez que são apenas dados complementares.

A pesquisa consiste, sobretudo, na análise das peças do *corpus*. Foram escolhidas as que apresentam definidamente, o enunciador, o local onde ocorre o fato informativo, em qual seção da revista apresenta-se a reportagem e o modo

como se transmite a mensagem, considerando os procedimentos discursivos e o espaço que tem para a exposição do discurso.

No momento em que se apresenta o enunciador¹, identifica-se quem ele é, de onde fala, que local social ocupa no contexto, que titulação tem. Já o co-enunciador é identificado no discurso construído; o enunciador tem dele uma ideia antecipada e a partir desta ideia é que produz a sua fala e o seu texto. O co-enunciador é quem recebe a mensagem, a quem se tenta seduzir e convencer.

As vozes representam o enquadramento do discurso do outro, que pode ser apresentado em discurso direto – quando se traduz na íntegra a fala do outro – ou discurso indireto – quando o enunciador reproduz o que foi dito por meio de suas próprias palavras. Os elementos formais representam as figuras de linguagem, da sintaxe, de disposição da matéria no espaço veiculado, da quantidade de linhas para cada fala, do estilo (narrativo, descritivo, explicativo, depreciativo).

1.3 PROBLEMA: O DISCURSO NO JORNALISMO EM REVISTA

O jornalismo é prática social voltada para a narração, descrição e informação de fatos. Assim pode ser definido o jornalismo, segundo Sousa (2002). Os registros jornalísticos compreendem a construção e reconstrução de um saber ou de um acontecimento, baseados em testemunhos ou investigações. Em seus discursos, o jornalista tenta apresentar à sociedade aquilo que conseguiu captar do mundo, falando e escrevendo a respeito deste, para este e muitas vezes por este. Ao se considerar o diálogo existente entre o jornalismo e a esfera social, e observando os diferentes produtos jornalísticos disponíveis ao público, é possível notar diferentes tipos de jornalismo, bem como os diferentes pontos de vista da sociedade por ele traduzidos. Nesse sentido, é possível perceber que o jornalismo é uma prática discursiva de transmissão e produção de um determinado saber. Possui uma maneira específica de registrar o que conhece ou busca conhecer. Suas

¹ O termo enunciador e co-enunciador poderá ser encontrado ao longo dessa pesquisa como locutor e interlocutor, seguindo os parâmetros para identificação do termo, do livro de Bakhtin/Volochínov *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2010).

atribuições fundamentais consistem na objetividade, na clareza e na concisão. Não se destina exclusivamente à transmissão de informações, uma vez que pode apresentar como outra característica, a formação de opinião. Outra faceta que apresenta consiste na tentativa de denunciar os problemas sociais.

Para a jornalista Gomes, no jornalismo reside a prática da vigilância, na qual o jornalista incide sobre a sociedade um olhar acurado para tornar público os possíveis deslizes, acertos e reivindicações dos cidadãos, com o intuito de denunciar, alertar, reconhecer, enaltecer e disciplinar, em certa medida, o sujeito da notícia e a sociedade que a recebe. “Assim a vigilância é instrumento de disciplinaridade, trabalhando este eterno casamento entre disciplina e controle: a disciplina visa o controle do campo sobre o qual incide de forma a administrá-lo a contento, (...)” (GOMES, 2003, p.46).

Para Fernanda Lima Lopes no artigo *Entre a Objetividade e a Vigilância: Contradições do Trabalho e da Identidade Jornalísticos* também se pode atribuir ao jornalista a função de vigia, que informa aquilo que for de interesse público, observando os deslizes das instituições de poder, investigando-as e denunciando-as em casos de irregularidades. Para ela, é possível identificar duas características relacionadas ao comportamento do jornalista como um vigia social: “pode tomar a forma de um jornalismo investigativo, que cuidadosamente checa as informações antes de levá-las ao conhecimento do público, ou agir de maneira denunciata, que bombardeia a mídia de denúncias sem verificar a veracidade delas” (Abreu 2002 apud LOPES, 2007, p. 11).

De modo análogo, Melo afirma que pela instituição jornalística observa-se atentamente a realidade, registrando-se os acontecimentos, sendo este ato correspondente à função informativa do jornalismo. Além disso, o público receptor das notícias pode reagir diante do seu conteúdo, difundindo opiniões próprias ou provenientes do que se leu ou ouviu. Nesse sentido, a função correspondente ao jornalismo seria a opinativa (MELO 1994, p.28).

Como meio jornalístico de comunicação, as revistas oferecem espaço para a transmissão de notícias em formato de reportagem escrita, que segundo Melo, apresenta um relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu na sociedade alterações percebidas pela instituição jornalística. Nas reportagens escritas pode haver entrevistas e comentários, o que possibilita ao leitor um contato direto com a coletividade, cuja opinião é veiculada em meio impresso (MELO 1994, p.65).

Assim, a revista é uma publicação periódica que, em geral, apresenta fatos de um modo mais analítico, já publicados por jornais diários ou já informados pela televisão e rádio, procurando fornecer mais informações sobre determinado assunto. Para Nascimento, a revista difere-se do jornal impresso pelo tratamento visual que recebe em relação à diagramação, utilização de cores, tipo de papel, e tratamento textual, não necessitando do imediatismo imposto pelos jornais diários. Outra característica marcante da revista é a segmentação de público, que de certa forma, classifica-a no mercado editorial em relação ao gênero² ao qual é voltada (NASCIMENTO, 2002, p.18).

Para a jornalista Scalzo, a vocação histórica das revistas não é especificamente noticiosa, mas apresenta outras duas funcionalidades: a da educação e a do entretenimento. A autora entende que a revista destaca-se por cumprir a função de ajudar na complementação da educação, no oferecimento de certos serviços a seus leitores, no aprofundamento de assuntos, na segmentação dos públicos e na interpretação dos acontecimentos (SCALZO, 2004, p.112).

A análise das reportagens em revista também se justifica por outros aspectos. Segundo Moraes (1994), as revistas podem ser consideradas veículos de comunicação com poderoso papel de formação ideológica no Brasil e que a classe média brasileira, quando pretende compor uma opinião mais sólida dos fatos, lê revista, crendo que nela os fatos estejam mais bem documentados.

Para Viana (2006), as revistas também são um meio que auxilia a formação de opinião sobre determinado assunto. As pessoas, sobretudo as de classes mais abastadas, podem buscar informação em jornais impressos, televisivos ou em notícias na *web*, mas para se aprofundar a informação sobre determinado tema preferem revistas de veiculação semanal. Segundo Viana, as classes A e B são o principal público-alvo das revistas de informação semanal (VIANA, 2006 p. 22, 34).

Os meios de comunicação são importantes no processo de tornar os cidadãos mais conscientes em relação aos problemas ambientais. Wilson da Costa Bueno em *Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa* (2007)

² Segundo Nascimento, em *Jornalismo em Revistas no Brasil: Um Estudo das Construções Discursivas em Veja e Manchete* considera-se hoje, no Brasil, pelo menos vinte gêneros na classificação dos principais títulos em circulação: interesse geral/informação/atualidades, interesse geral/ciência interesse geral/comportamento/beleza feminina/moda, etc. , de acordo com o Instituto Verificador de Circulação (IVC), (NASCIMENTO, 2002, p.19).

remete a relevância da comunicação e do jornalismo ambiental nesse decurso. Sobre a questão jornalística, Bueno afirma haver uma tendência das reportagens sobre meio ambiente a se voltarem para o crescimento tecnológico e econômico do Brasil, sobretudo quando a pauta é sobre desenvolvimento sustentável. Outra crítica consiste no destaque que certas reportagens conferem às questões ambientais relacionando-as, sobretudo, às desgraças o que o autor designa “notícia-espetáculo”. Nesse sentido, para que a produção jornalística sobre meio ambiente atinja os objetivos de promover a conscientização, o comunicador necessita de um comprometimento ético e ideológico. Ainda no mesmo livro, Bueno apresenta entrevistas que realizou e por meio destas, constata que os profissionais da comunicação não possuem conhecimento suficiente sobre a temática meio ambiente, apesar de reconhecerem que o assunto passou a receber mais destaque a partir da Rio 92³, ocorrida no Rio de Janeiro. Outro posicionamento crítico apresentado é em relação às empresas que alavancam a sua imagem, utilizando-se de discursos ambientalistas, contrapondo-se à ideologia que as rege sem nenhuma ligação com princípio ético e ambiental. O autor ainda ressalta que o interesse em pesquisas sobre meio ambiente está crescendo na esfera jornalística, citando o banco de dados da Capes com pelo menos 107 títulos sobre o tema jornalismo e meio ambiente produzidos nos anos 2005 e 2006.

O discurso jornalístico faz uma leitura da realidade e atua de forma colaborativa na constituição da estrutura social, seja por meio da informação seja por meio da análise da mesma. Para Nascimento (2002), o discurso em revista faz mais do que representar a formação editorial da revista ou a expectativa de um público leitor. A revista tem um funcionamento que lhe é próprio, possibilitando a emergência de significações que abrangem os interdiscursos, não sendo percebido na linearidade de um texto especificamente.

Assim, tendo por base as conceituações sobre jornalismo e a sua veiculação em revista, buscou-se analisar os periódicos de duas revistas com abrangente

³ A Rio 92 foi uma conferência internacional ocorrida no Brasil, Rio de Janeiro, no Riocentro em 1992, entre os dias 13 e 14 de junho. Reuniu cerca de 180 chefes de estado e de governo na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Rio 92) ou cúpula da Terra. A ONU confirma que nove mil jornalistas de todo o mundo se credenciaram para acompanhar as discussões sobre o desenvolvimento sustentável, as quais tinham sido iniciadas em 1972 na Conferência de Estocolmo. Foi na Rio 92 em que se consolidou uma agenda global sobre meio ambiente. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio20/o-que-foi-rio-92-4981033> . Acesso em 15 de dezembro de 2012.

tiragem e repercussão social.

Parte de um entendimento sobre a estruturação da sociedade é revelada nos discursos jornalísticos. Tal observação à luz da análise discursiva tem em sua proposta, investigar o uso linguístico como uma produção realizada em contextos sociais e concretos. A análise discursiva enquanto método crítico tem o propósito de tornar visíveis as relações entre prática social e linguagem.

Dentro da concepção da análise discursiva, a notícia vista como discurso é uma forma de representação simbólica estruturada pelos processos sociais. Trata-se de uma relação dialógica, uma vez que as notícias moldam esses processos e são por eles moldadas. Por isso, faz-se relevante um estudo que aborde atenciosamente a questão do discurso jornalístico impresso em revistas, considerando-se o contexto da temática desta pesquisa, tecnologia e problemas ambientais, discutidos pelas revistas *Época* e *Scientific American Brasil* em suas seções sobre meio ambiente e desenvolvimento tecnológico.

Nesse contexto, formulou-se a seguinte questão: Mediante o progresso tecnológico, em que medida, pelo método da análise discursiva, as duas reportagens da revistas *Época* e *Scientific American Brasil* apresentam percepções sobre a tecnologia e o trabalho, relacionados à necessidade de preservação ambiental?

Sobre a problemática e a pergunta apresentada repousa a premissa de que a análise discursiva pode ser metodologicamente objeto de interpretação e investigação do *corpus* selecionado, para verificar como são elaborados e ocorrem os discursos sociais que dialogam sobre as relações entre tecnologia e meio ambiente.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo geral

Examinar nos discursos selecionados sobre meio ambiente como são apresentadas as inovações e soluções tecnológicas que possam minimizar a degradação ambiental. Além disso, verificar se há crítica ou não ao modelo de desenvolvimento e consumo reinante na sociedade e se isso se vincula e de que maneira à sustentabilidade ambiental.

1.4.2 Objetivos específicos

Para atender a proposta do objetivo geral, são apresentados os objetivos específicos:

- a) Verificar se nos discursos das reportagens selecionadas a representação da tecnologia em relação ao meio ambiente, amolda-se a algum tipo de visão (instrumental, determinista, crítica ou substantiva).
- b) Verificar se nos discursos das reportagens selecionadas há ou não diferenças e semelhanças de interpretação sobre tecnologia e trabalho, colocando em confronto os resultados da análise.

1.5 JUSTIFICATIVA

O avanço tecnológico no século XX e a sociedade produtora e consumidora de bens são realidades concretas. Tal avanço tem como consequência a degradação e a escassez dos recursos naturais. Com o aumento da população e a intensificação dos processos industriais essa situação se constata cada vez maior. A partir desse cenário, surgiram com mais vigor os discursos que problematizam as relações entre meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Historicamente esse tipo de inquietação pode ser identificado em exemplos significativos como o

ordenado de replantio da Floresta da Tijuca no Rio de Janeiro feito pelo Imperador Dom Pedro II em 1862, no intuito de, já naquela época, preservar a Mata Atlântica. Outro exemplo é a conferência sobre recursos naturais nos Estado Unidos proferida pelo então presidente Theodore Roosevelt, em 1908, sinalizando para uma exploração mais sustentável. Embora reconhecível desde séculos passados, a preocupação com o impacto ambiental começou a ser mais enfatizada, do meio para o final do século XX. Nesse período, iniciaram-se várias discussões sobre o impacto danoso e degradante do modelo de desenvolvimento industrial sobre o meio ambiente, no qual se verifica, na infraestrutura, a intensificação da produção de bens e, na superestrutura, os discursos sobre meio ambiente, produção e tecnologias alternativas (DALLEMOLE, 2003).

Mesmo com discussões que atravessam os séculos, muitos são os problemas ambientais que continuam a afetar o planeta, colocando em risco a própria sobrevivência da espécie humana. Os ecossistemas naturais e suas condições de água, ar, terra e biodiversidade passam por contínuas transformações, várias, devido a intervenções humanas. Problemas atuais como desmatamento, degradação de áreas agrícolas, redução das fontes de água disponíveis parecem persistentes e as soluções de difícil aproveitamento (AGENDA AMBIENTAL, 2011).

Mas as empresas e instituições governamentais estão se deparando com o desafio de construir conhecimentos propícios ao desenvolvimento de produtos de alta tecnologia que agreguem em seus componentes a possibilidade de reutilização e reciclagem, *design* funcional e bom desempenho com baixo consumo de energia. Chefes de Estado e representantes da sociedade civil e de terceiro setor têm participado de reuniões mundiais para pensar em melhores estratégias de extração dos recursos naturais sem gerar consequências ameaçadoras à continuidade da vida.

A Conferência das Nações Unidas - ONU sobre Ambiente e Desenvolvimento Sustentável que aconteceu em 2002, em Johannesburgo na África do Sul, e a recente Conferência da ONU que ocorreu no Rio de Janeiro, Brasil em 2012, são exemplos de reuniões entre governantes de várias partes do planeta, fomentadas para discutir o uso de recursos naturais de modo a gerar um impacto menos nocivo ao ambiente, administrando recursos naturais para que as gerações futuras não sejam prejudicadas.

Nações têm buscado o investimento em educação para o desenvolvimento

sustentável, apresentando pesquisas dirigidas para concretizar a modificação dos processos de produção. Isso mostra que os ataques ao ambiente começam a ser encarados como forma de desperdício e sintoma de ineficiência da produção industrial (KIPERSTOK, 2002).

Sobre o contexto, a mídia tem apresentado informações, inclusive via jornalismo impresso em revista. O interesse em estudar o discurso jornalístico sobre tecnologia e meio ambiente, em particular, e a comunicação, de modo geral, justifica-se por se acreditar que as relações sociais também se fazem, com efeito, por meio da linguagem e das significações retratadas pelo jornalismo. Uma proposta com base na análise do discurso do que está sendo emitido e recebido pela sociedade, sobre a temática tecnologia e impacto ambiental, merece atenção, pois visa colaborar para o atendimento das necessidades do presente, minimizando, em certa medida, os impactos danosos à natureza, para que as gerações futuras sobrevivam. Entender como a sociedade tem se posicionado frente a esse assunto mediante o estudo das informações de duas reportagens com a mesma temática, mas de diferentes revistas, ajuda-nos a refletir sobre como tomar melhores decisões em busca da qualidade de vida, da conscientização e de ações inovadoras. Contribui para o debate de opiniões, proporcionando um pensamento reflexivo sobre o comportamento humano em relação ao ambiente onde se vive.

A análise discursiva é uma prática voltada para a análise das construções composicionais e ideológicas nos textos. Os textos, por sua vez, estão presentes em todos os ramos de atividade humana, sendo substanciais para a transmissão da informação. Diante de um momento em que a informação flui rapidamente em função dos avanços nos processos de telecomunicação, a proposta pretende considerar as condições e o contexto histórico em que o discurso foi produzido, vindo de diferentes emissores presentes nas revistas *Época* e *Scientific American Brasil*. Não se trata apenas de interpretação textual, mas de entender as construções ideológicas sociais e agir com base nesta compreensão. Por ora, pensamos em duas linhas de estudo para nortear a pesquisa, a russa de Bakhtin/Volochínov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2010) e a francesa de Foucault em *Microfísica do Poder* (2010) e *A Ordem do Discurso* (1996).

Vale destacar, também, a relevância desta pesquisa para o desenvolvimento e o aprimoramento do conhecimento científico e tecnológico. Estabelecida na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), a pesquisa segue o

direcionamento da linha de estudo em tecnologia e trabalho do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE), uma vez que, o *corpus* da pesquisa mostra que é pelo trabalho e pelo uso da tecnologia que o ser humano pode interferir em seu meio sócio-natural de vida. Assim, procura-se investigar as relações entre meio ambiente e as construções discursivas da tecnologia e do trabalho no âmbito do discurso jornalístico, contribuindo também para o Grupo de Pesquisa em *Formações Discursivas sobre Tecnologia e Trabalho*, na linha Representação do universo do trabalho e da tecnologia em textos literários e de comunicação, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

1.6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo os critérios para classificação de pesquisas indicados por Gil (2010, p. 27), quanto à finalidade e utilização dos benefícios, a pesquisa é de natureza científica básica, uma vez que objetiva gerar conhecimentos úteis para a refletir sobre o tema. É também uma pesquisa exploratória, pois torna a problemática mais explícita, proporciona maior familiaridade com o problema, apresenta a construção de premissas e envolve o levantamento bibliográfico e a análise dos exemplos selecionados. Quanto aos métodos, a pesquisa é fundamentalmente bibliográfica, tendo-se como objeto de análise as revistas.

As considerações sobre a análise discursiva relacionadas ao discernimento do contexto permitem identificar a condição histórico-social que envolve a comunicação entre enunciador e co-enunciador o que possibilita o entendimento dos sentidos que o discurso pode apresentar ou apresenta.

A análise discursiva que vamos empreender não se vincula às concepções de Dominique Mangueneau⁴, mas se utiliza de certos conceitos tanto de

⁴ O linguista Dominique Mangueneau é um proeminente estudioso no campo do discurso e tem apresentado novos conceitos importantes para a prática da Análise do Discurso. Foi influenciado por Michel Foucault e Michel Pêcheux, este precursor da Análise do Discurso (AD) desenvolvida na França entre os anos 60 e 70. A partir dos estudos de Pêcheux, os estudos sobre Linguística passam a ter uma base materialista, na perspectiva do materialismo histórico, no qual conceitos como luta de

Bakhtin/Volochínov e Foucault para entender como os referidos discursos são produzidos e circulam.

A análise das concorrências discursivas permite compreender quais procedimentos discursivos os jornalistas que acompanham e vivem as transformações ambientais têm usado para expor os anseios sociais no intuito de buscar, ou não, propostas mais efetivas para a solução dos problemas existentes.

Ao considerar a premissa de que a imagem no discurso do material imagético é também parte importante para a compreensão do mesmo, entende-se que a análise do mesmo pode oferecer condições para posicionamentos mais coerentes e confirmadores das possíveis reflexões e premissas a serem levantadas. Entretanto, esclarece-se que o foco da pesquisa está no discurso verbal escrito e não no discurso imagético que será parcialmente abordado no sentido de complementar a análise dos textos.

Salienta-se que estando dentro da categoria qualitativa de estudo, as análises temáticas sobre as representações discursivas são formais quando se referem principalmente às formas de apresentação e encadeamentos do discurso; e estruturais, quando destacarem o modo como os elementos da mensagem estão conectados, revelando aspectos subjacentes e implícitos da mensagem.

1.7 EMBASAMENTO TEÓRICO

Para examinar, nos discursos jornalísticos sobre meio ambiente, como são descritas e apresentadas as inovações tecnológicas e como a tecnologia é representada destaca-se como fundamentação teórica Foucault (1996), (2009), (2010) e Bakhtin/Volochínov (2010). Conta-se com o auxílio das contribuições teóricas de outras bibliografias, que na pesquisa atuam como complementares, provenientes de Gourhan (1964), Marx (1975), Williams (1979), Feenberg (2003), Dagnino (2010), Melo, (1994), Moraes (1994), França (1998), Pinto (2001), Nascimento (2002), Sousa (2002), Gomes (2004), Sennett, (2004), Scalzo (2004),

classes, enunciado, imaginário e resistência passam a ser discutidos como elementos norteadores para uma abordagem discursiva da linguagem.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_P%C3%A7heux Acesso em: 29 jan. 2013.

Oliveira (2005), Viana (2006), Bueno (2007) e Gil (2010). Para a revisão de literatura destacam-se os livros de Orlandi (1999), Bentes (2007) e Souza (2006), as teses de Sturm (2006) e de Fortunato (2009) e a dissertação de Ângelo (2008).

As etapas que constituem a pesquisa, verificando os seus procedimentos metodológicos, podem ser observadas na Figura 1 a seguir:

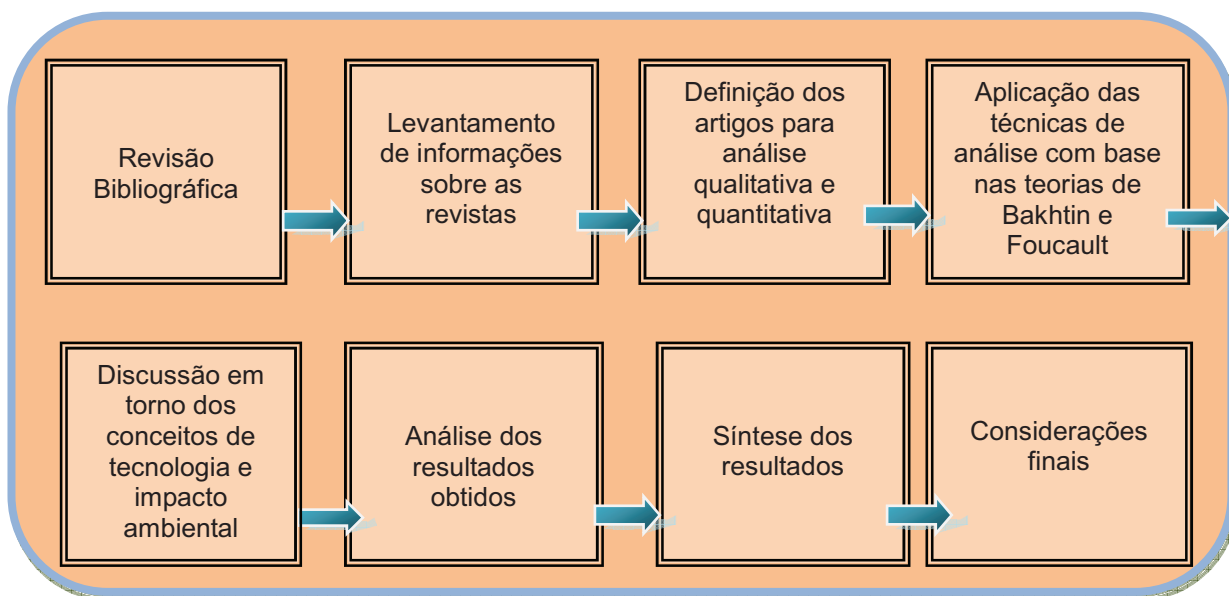


Figura 1 – Diagrama das etapas de pesquisa

Fonte: Autoria própria, Baseado em Gil (2010)

1.8 ESTRUTURA DO TRABALHO

A pesquisa constitui-se de uma estrutura formada por sete capítulos distribuídos especificamente, embora complementares. No capítulo 1, foram apresentados a caracterização do tema de pesquisa e seus delineamentos, seguidos pela formulação do problema, apresentação dos objetivos, das justificativas, dos procedimentos metodológicos, do embasamento teórico, da revisão de literatura e da estrutura da dissertação.

O capítulo 2 concentra na apresentação das correntes de pensamento sobre tecnologia e sociedade, bem como suas dimensões socioculturais vistas a partir da análise do discurso.

O capítulo 3 concentram na fundamentação teórica, na qual são apresentadas perspectivas das análise do discurso, valendo-se da teoria de Bakhtin/Volochínov e Foucault. Observam-se também, os métodos utilizados pelos teóricos.

No capítulo 4, apresenta-se o material de análise, isto é, os dados referentes às duas revistas, tais como apresentação organizacional, dirigentes, seções, estrutura, datas de veiculação, dados históricos, índices de distribuição e popularidade.

O capítulo 5 contém o detalhamento da metodologia, a técnica de coleta de dados, a forma de análise dos resultados, verificando os produtos finais baseados nas teorias de Bakhtin e Foucault relacionadas com as correntes ideológicas.

O capítulo 6 destina-se às considerações finais, apresentando o que foi realizado sinteticamente, confirmando as premissas, verificando se os objetivos foram atingidos em diálogo com as reflexões construídas ao longo das análises.

Por fim, apresentam-se no capítulo 7 a conclusão e as proposições para futuros trabalhos.

2.0 TECNOLOGIA, SOCIEDADE E ANÁLISE DO DISCURSO

Ciência e tecnologia são constituintes sociais integradas em diferentes perspectivas que manifestam relações com os universos do trabalho, da cultura, da economia, do gênero, do meio ambiente, da política e do discurso. Como base auxiliadora para realização de um estudo que se proponha a investigar os discursos jornalísticos, sobre tecnologia e sociedade no meio ambiente, este capítulo destaca algumas teorias que contribuem para o entendimento dos discursos produzidos na sociedade. Apresenta-se também a relevância da análise do discurso como teoria apropriada para a compreensão das construções discursivas na sociedade. Uma vez que as construções discursivas ocorrem no âmbito social, acredita-se que, seja também por meio delas, possível compreender algumas relações entre tecnologia, cultura e trabalho no meio ambiente.

Destacam-se algumas visões sobre tecnologia, sociedade e trabalho nessa pesquisa. Antecipa-se que aqui, as teorias dos pensadores Leroy Gourhan e Marx são trazidas para auxiliar no entendimento sobre o longo processo de invenção tecnológica na História do homem e como esse processo vai constituindo o ser social. Algumas reflexões do crítico e pensador Raymond Williams⁵ sobre política e cultura também são apresentadas, refletindo sobre a associação entre marxismo e produções culturais. As considerações dos professores Richard Sennett e Renato Dagnino e do pesquisador de filosofia da tecnologia Andrew Feenberg tratam sobre a formação do corpo social e a tecnologia na sociedade contemporânea. Lembra-se que a crítica substancial se foca nos conceitos de Dagnino sobre as possíveis perspectivas atribuíveis à tecnologia, as quais são expostas em articulação com os resultados da análise nos capítulos 5 e 6.

⁵ Raymond Williams nasceu em 1921, no vilarejo de Pandy, na chamada “quina” do País de Gales. Passou a infância na conjuntura da crise econômica entre as duas guerras mundiais. Seus avôs foram agricultores e seu pai era ferroviário, optavam pelo trabalhismo e socialismo. Militante político, desde os 14 anos, tendo denunciado o *apartheid*, Williams utilizava-se de uma linguagem política diferente. Dentro do currículo escolar suas opções sempre foram voltadas para a literatura e para a lingüística, sonhava em ser escritor (TAVARES, 2008).

2.1 TECNOLOGIA, CULTURA E TRABALHO À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO

Pela análise do discurso, o discurso em si não é uma formação estrutural e formal em que dado sistema gramatical se impõe aos usuários, mas vê-se a linguagem como resultado das relações históricas entre o sujeito usuário e o código, em uma dinâmica dialética e dialógica contínua⁶. Assim é o discurso, palavra em movimento que percorre a história da humanidade, compreendendo as manifestações da língua, sua possibilidade de fazer sentido e simbolizar.

Sobre a conjuntura intelectual da análise do discurso, Orlandi afirma que sua proposta é marcada pela linguagem, partindo-se do princípio que “linguagem é linguagem porque faz sentido e só faz sentido porque se inscreve na história”. O que interessa em análise do discurso não consiste no estudo da língua enquanto um sistema de signos ou regras formais, abordada especificamente pela gramática normativa, por exemplo. A análise do discurso trata do discurso, transmitindo a ideia de palavra em percurso no tempo, em movimento e que compreende a construção de sentidos, significando o que o autor chama de “prática de linguagem” (ORLANDI, 1999, p. 15,25).

No que se refere à linguagem, Leroy Gourhan em *O Gesto e a Palavra*⁷ (1964), considera o homem um ser que pratica a linguagem, em constante alteração. Um ser que sempre foi social. Técnica e linguagem evoluíram simultaneamente ao desenvolvimento fisiológico humano, consequência também das transformações

⁶ O discurso, nesse sentido, passa a ser estudado não apenas como palco do Estruturalismo, corrente de pensamento da qual Ferdinand Saussure (1916-1974) fora precursor. Ao leitor consultar a obra *Curso de Linguística Geral*, considerada como fundadora da Linguística pela abordagem da língua fundamentada em regras, sendo possível uma análise científica estrutural dentro dos padrões da época. Já o discurso, em teorias como a de Bakhtin/Volochínov passa a ser entendido como elemento do materialismo histórico, em que é construído nas situações históricas concretas entre os seus sujeitos reais. Bakhtin/Volochínov vê o discurso como resultado das relações históricas entre os homens e isso o faz perceber o dinamismo do discurso.

⁷ *O Gesto e a Palavra* é um dos livros do antropólogo Leroy Gourhan que trata da concepção materialista do fenômeno social. Em uma primeira parte dedica-se ao estudo da memória e ao gesto técnico, em outra, aos simbolismos dos ritmos e das formas das ações humanas. Partindo destes princípios, apresenta a temática, “desenvolvimento tecnoeconômico” como fundamento social e cultural, bem como a problemática da superestrutura que ainda, com certa independência, é condicionada pelo desenvolvimento tecnoeconômico. Para o autor, o princípio tecnoeconômico rege as relações sociais desde os primórdios da história do homem, sendo as inovações tecnológicas uma constante. A palavra acompanha o desenvolvimento material do homem. As palavras, a tecnologia e o trabalho se acham associados. O autor não tem uma visão idealista das palavras.

provenientes do sistema nervoso. De forma semelhante, variações ocorridas nas estruturas técnicas e econômicas da sociedade oscilam em proporção direta às mudanças ocorridas na sociedade generalizada, assim como o pensamento que evolui junto com o corpo e o faz provocar ações sobre o meio social. Contudo, para o autor, é complexo provar que é o pensamento o criador da evolução fisiológica. O que fica claro para Leroy Gourhan é a influência direta do mundo material, econômico e técnico sobre a constituição do pensamento humano, o qual é, em certa medida, equivalente em humanos de diferentes culturas, ainda que existam as particularidades de cada cultura. Essa possibilidade de construção social, ele associa ao fenômeno do tempo e do espaço. Sobre o argumento tratado, afirma:

A evolução dos ritmos e a organização espaço-temporal permitirão mais tarde distinguir mais claramente a estreita conexão do comportamento social e do aparelho tecnoeconômico, uma dialéctica comparável à das relações do aparelho corporal e do pensamento alcançado pelo sistema nervoso. (LEROY GOURHAN, 1964, p. 150).

Para Leroy Gourhan as transformações nas relações sociais variam em proporção direta de acordo com as variações evolutivas ocorridas nas estruturas técnicas e econômicas da sociedade. Em se tratando da abordagem científica da análise discursiva, proposta pelo filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin/Volochínov, ressalta-se uma semelhança em que, tais contextos técnicos e econômicos, também são preponderantes para a formação do sujeito social, o qual irá elucubrar um discurso circulante nas sociedades, provocando transformações. Nesse sentido, pode-se entender que também pela análise discursiva, o desenvolvimento tecnoeconômico influi sobre a constituição do sujeito e a criação dos seus discursos, repercutindo em transformações sociais.

Leroy Gourhan explica o mundo material se institui a partir da tecnoeconomia, e essa tem influência sobre a linguagem, correspondendo a uma visão materialista (LEROY GOURHAN, 1964, p. 147-150).

A visão de Gourhan sobre os meios de produção é a de que esses influenciam as alterações sociais e culturais. São as condições materiais de existência, ou seja, o modo de produção da vida, no trabalho e na técnica importantes para influenciar todas as outras esferas da sociedade, tais como as artes, a política, a filosofia e a linguagem. A tecnoeconomia atravessa a história da humanidade. Sobre o tema, afirma:

Sem que os problemas morais mudem realmente de natureza, a sociedade modela o seu comportamento com os instrumentos que o mundo material lhe oferece; (...). O determinismo tecnoeconômico é uma realidade que marca a vida das sociedades profundamente o bastante para que existam leis morais que regem o comportamento dos indivíduos face a si mesmo e aos seus semelhantes. Admitir a realidade do mundo do pensamento em face do mundo da matéria, afirmar mesmo que o segundo só está vivo por efeito do primeiro, nada retira ao facto de que o pensamento se traduz em matéria organizada e que esta organização marca diretamente, segundo modalidades variáveis, todos os estados da vida humana. (LEROY GOURHAN, 1964, p. 149).

Sobre a questão da técnica, Gourhan afirma que o homem se utiliza do avanço da mesma para dominar, seja por meio da violência ou por meio do trabalho (LEROY GOURHAN, 1964, p. 150-151). Tem-se que ao criar um instrumento, o homem modifica o seu comportamento por meio daquilo que criou, modificando-se a si mesmo.

Em uma análise histórica e antropológica, ao destacar a figura do artesão, Leroy Gourhan conflui com o Marxismo a medida que apresenta uma visão positiva do trabalhador, sendo aquele que, para obter o seu sustento passa a vender, em um primeiro momento, produtos de suas criações artesanais e posteriormente suas potencialidades para o trabalho, adequando-se ao modelo de desenvolvimento econômico estabelecido, que se firma na expansão industrial. Nesse contexto, o trabalhador é estimulado a adaptar-se a novas formas de socialização pelo trabalho, sobretudo quando ocorre um aumento da população e mudanças na produção de alimentos, na disponibilidade de tempo e na cristalização das artes do fogo, as quais possibilitam os trabalhos industriais e metalúrgicos. O enfoque no trabalho se desvia do artesanal para o industrial. Outro encontro entre os autores consiste em caracterizar a exploração do homem pelo homem. Entretanto, o antropólogo francês vê essa exploração a partir de uma perspectiva de longa duração, ou seja, sempre houve na história do homem essa violência de um sobre o outro. Já Marx a percebe como constituinte do ser humano, e a destaca no modelo de produção capitalista.

Na visão de Engels em *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem* (1977), o trabalho e a natureza são fontes de riqueza e o trabalho, especificamente, é muito mais do que isso, sendo condição básica e fundamental de toda a vida humana. Em certo ponto, pela interpretação do autor, pode-se dizer também que o trabalho é o criador do próprio homem, enquanto um ser que se distingue pela racionalidade. Tal fato está associado ao uso das mãos,

posto que estas não são apenas instrumentos do trabalho, mas também produto dele. A análise voltada a este membro corporal é semelhante à realizada por Gourhan, visto que este também entende no gesto, a possibilidade de elaborar instrumentos e executar trabalho (ENGELS, 1977 p. 63-64).

Ao dissertar sobre o trabalho e o desenvolvimento da maquinaria, Marx em *O Capital* (1975), no capítulo *A Maquinaria e a Indústria Moderna – capítulo XIII*, explica que ferramentas são movidas por forças humanas e que máquinas, por outras forças que não sejam humanas. A evolução da ferramenta em máquina e a sofisticação desta substituem o trabalhador especializado em operar uma ferramenta específica. Ao se converter o instrumento de trabalho em maquinaria, exige-se a substituição da força humana por forças naturais e de outras categorias desenvolvidas pela ciência. Por consequência, os modos de produção se modificam e se propagam. Modifica-se a constituição social, consequentemente a interação entre os sujeitos e os discursos proferidos ou simbolizados (MARX, 1975, p. 450-460).

Tem-se no discurso de Marx a “maquinização do homem e a humanização da máquina”. Ao longo da história, a maquinaria passa a permitir o emprego de trabalhadores sem especialização e força física fazendo uso, por exemplo, da mão de obra feminina e infantil, às quais paga-se menos pela produção. O capital passa a exercer domínio direto sob a constituição social da família, de modo que todos os seus integrantes passam a ter a chance de se tornarem assalariados, independente de sexo ou idade. Com a entrada do capital na família, o discurso, ou seja, o efeito de construção dos sentidos entre os sujeitos passa a ser outro, de modo que a organização da família muda, assim como muda a organização do trabalho com o surgimento da maquinaria e da nova faceta do Capitalismo.

A teoria marxista influenciou, em certa medida, uma abordagem científica da análise do discurso à luz da teoria bakhtiniana que considera a possibilidade de construção de novos discursos a partir de influências provenientes de um sistema econômico e social. É nesse sentido que também se pode fazer uma assimilação das duas construções teóricas, a serem apresentadas no próximo capítulo.

Em análise do discurso, os discursos se constituem nas interações entre sujeitos, dada uma determinada situação. Em um sentido amplo, incluem o contexto sócio-histórico e ideológico em sua produção. (ORLANDI, 1999, p. 30). Em Leroy Gourhan, por exemplo, viu-se que o homem se constitui ao interagir com o outro,

desenvolvendo-se técnica e racionalmente. Nesse sentido há uma relação nas teorias em que se observa a criação dos discursos, dado um contexto histórico-social e o desenvolvimento de instrumentos técnicos. Os discursos se multiplicam, assim como os diferentes sujeitos e se produz a diversidade social intermediada pelas criações humanas. O homem se distingue pela técnica que aprimora e se distingue em si mesmo na criação de uma nova técnica.

Raymond Williams tem como um de seus propósitos rever a ideia de cultura como uma instância autônoma imposta à sociedade, passando a refleti-la a partir de teorias materialistas. É por isso que em seu texto *Marxismo e Literatura* valoriza as relações entre língua, literatura e ideologia, bem como faz Bakhtin/Volochínov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Williams, no entanto, ao focar a questão da cultura, defende que só se pode conceituá-la considerando esses elementos em conjunto, com a filosofia, economia, religião e política.

Williams recupera alguns estudos de Bakhtin/Volochínov por definirem a linguagem como uma prática social e por defenderem a ideia de que a consciência se forma no social, em um processo dialético e que transforma os seres humanos, ou seja, ela vem de fora do sujeito, mas este a devolve para o exterior, modificando os elementos externos. É apoiado também nessa concepção bakhtiniana que Williams desenvolve a sua concepção de cultura. Assim ele ultrapassa os conceitos marxistas reducionistas que consideravam a cultura como superestrutura determinada pela infra-estrutura. Nesse sentido, bem como explica a teoria bakhtiniana, há um processo de interação social que é refletido nas relações entre superestrutura e infra-estrutura⁸ e que produzem e reproduzem a vida real. Sobre a relação entre infra e superestrutura, Williams afirmou que:

é todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente (WILLIAMS, 1979, p. 113).

Raquel Sousa Lima no artigo *O conceito de cultura em Raymond Williams e Edward P. Thomson: breve apresentação das idéias de materialismo cultural e experiência* discute o conceito de cultura nesses dois pensadores. Sobre Williams

⁸ Ver diagrama na página 48.

ela entende que este contribui para a criação de uma teoria materialista de cultura e ressalta a interdependência das diferentes esferas sociais, as quais atuam como forças produtivas, transformando a sociedade (LIMA, 2005).

Assim, Williams apresenta uma visão diferente de Leroy Gourhan, pois não acredita no determinismo econômico. Ele considera que, de fato, há uma influência, mas ela não é determinante, uma vez que existem outros elementos que formam a sociedade, sobretudo, a cultura e a linguagem. Essa podem, inclusive, modificar a vida material, ou seja, a infra-estrutura.

Na contemporaneidade, as questões relacionadas ao trabalho ganham novos sentidos diante das inovações tecnológicas e econômicas da época, conforme o economista e professor Richard Sennett (2004) explica em *A Corrosão do Caráter*.

Sennett, em uma abordagem sociológica, econômica e filosófica sobre a globalização na contemporaneidade, caracteriza o sistema econômico como um capitalismo flexível, que nos tempos atuais é responsável pela criação de trabalhadores ágeis, abertos às mudanças, mais dispostos a correr riscos, porém mais ansiosos, doentes emocionalmente e iludidos pela falsa sensação de liberdade. O capitalismo imerso no mercado global e o uso intenso das novas tecnologias que tornam a vida mais dinâmica obrigam as pessoas, a cada vez mais, prepararem-se para as frequentes mudanças, inclusive as de emprego, que são as marcas centrais da atualidade (SENNETT, 1998, p.10-12).

O excesso de tecnologia e a nova divisão do trabalho, refletida na falta de compromisso das empresas em relação aos seus funcionários e no aumento da rotatividade, causam no indivíduo a busca pelo distanciamento e o não estabelecimento de fortes laços. Atitudes essas, qualificadas como melhores opções para vencer o aumento das incertezas e dos conflitos psicológicos gerados pelo capitalismo flexível. É o que explica Sennett como sendo o culto ao discurso do “eu” e o pavor do discurso “nós” na abordagem com a qual fecha a sua discussão sobre o tema, intitulando-a de “*O Pronome Perigoso*” (SENNETT, 1988, p. 162).

Apesar de desfavorecido nesse contexto, o uso do “nós” é aceito como um ato de auto proteção. Manifesta-se nas diversidades dos grupos que tentam discutir os seus direitos, ou mesmo no desejo da comunidade de se proteger de imigrantes ou marginais. Nesse sentido, Sennett vai dizer que: “Nós é muitas vezes uma locução falsa quando usada como ponto de referência contra o mundo externo” de modo que o “nós” é nada mais que a busca do favorecimento do eu, ou seja, um

“eu” maquiado.

Em uma sociedade estabelecida para quem está disposto a correr riscos, a estabilidade é associada ao fracasso, por isso a capacidade de inovar é tão enaltecida; o indivíduo experiente passa a não ter mais tanto valor. Nessa sociedade flexível, individualista e que se faz contemporânea, o detentor do capital se importa menos com o conhecimento compartilhado pelos sujeitos e mais com o seu potencial de mudança e de se adaptar às novas tecnologias, sempre iminentes. Posto isso, aumenta-se a rotatividade nos empregos, a insegurança e apreensão nos trabalhadores (SENNETT, 1998 p. 89-114).

O trabalho em equipe, supervalorizado na contemporaneidade, no qual se concentra a moderna ética do trabalho, mostra-se como uma farsa, uma vez que é a superficialidade que mantém as pessoas unidas, ou seja, conhecimentos e relacionamentos profundos são recusados já que são considerados causadores da estabilidade, característica nefasta para os tempos flexíveis. Assim, os administradores de empresas são menos responsáveis pelos seus atos, justamente por atuarem mais como facilitadores do que como detentores de poder estável e passível de ações profundas. A ausência de autoridade deixa os que estão no controle cada vez mais livres para fazerem o que quiserem sem ter de justificar seus atos.

Os elementos centrais apontados por Sennett são flexibilidade, reinvenção descontínua, produção flexível e concentração de poder descentralizado provenientes de tecnologias implementadas na economia, sem uma análise mais profunda de suas conseqüências. O fracasso nessa civilização é a experiência que, em longo prazo leva o indivíduo a reconhecer que ele, em si mesmo, não se basta. Em uma sociedade de curto prazo, na qual as pessoas tendem a fracassar mais, está posta a contrariedade que desnorteia o homem.

Sennett mostra que o trabalho pode se tornar mais desinteressante se for realizado exclusivamente por meio de máquinas, substituindo as relações sociais humanas, a capacidade instantânea e humana de resolver problemas, o que poderia enfraquecer a identidade do trabalhador em relação ao trabalho.

É pautado nessa contextualização histórico-contemporânea que se pretende estudar as reportagens jornalísticas apresentadas nos próximos capítulos, cujo direcionamento se dá pela análise do discurso. Ressalta-se, bem como lembra Orlandi, que o produto da análise deriva do rigor no uso do método e do alcance da

análise do discurso. Cada material de análise pode variar de acordo com a questão formulada para investigar. “Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição do material” (ORLANDI, 1999, p. 26).

Uma das desafiantes idéias que surgiu no desenvolvimento desta pesquisa foi a de pensar na possibilidade de refletir sobre o discurso ambiental ou sobre as reportagens analisadas a partir das teorias de Hans Jonas presentes em seu livro *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica*⁹ (1979). Hans Jonas foi um pensador situado entre os campos teológico e filosófico, do início do século XX, que viveu entre o exílio e a perseguição nazista, o que lhe proporcionou amplas reflexões, expressas inclusive, no livro em questão, cujo foco central consiste na preservação da vida para o e no futuro.

Por que é necessário garantir condição e qualidade de vida para as gerações futuras se muitos de nós não estaremos mais aqui? Porque isso seria agir de modo ético e respeitoso em relação à vida. Porque esse seria um princípio de responsabilidade para com o próximo e para com o que virá. A técnica é um meio pelo qual se pode viver de diferentes formas. Mas acima da técnica está o viver, a própria vida em si.

Jonas ressalta a necessidade de considerar a vulnerabilidade da natureza e que não se trata apenas de defendê-la, mas de se pensar em ética e direitos próprios para ela, como forma de superação do poder da técnica e garantia de vida humana no futuro, sem a apresentação de ameaças para o planeta e para a existência.

A dimensão do problema da técnica no mundo contemporâneo lhe desperta a necessidade de uma compreensão mais profunda e abrangente do problema, o que seria a proposta de uma filosofia da tecnologia.

Jonas se propõe a discutir como a técnica moderna afeta a natureza do agir humano, destacando a diferença da técnica moderna e a dos tempos anteriores.

⁹ O livro *O princípio e responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica* (1979), escrito por Hans Jonas. Para ele, a ética antiga não se preocupava com a vida das gerações futuras e nem com o futuro longínquo. As consequências das ações ficavam ao critério do acaso. Jonas examina a possibilidade de propor um novo imperativo categórico para a ética reivindicando, uma ética bio ou cosmocêntrica em lugar da ética antropocêntrica (JONAS, PV, p. 36, 2006).

A violação da natureza e a civilização do homem caminham de mãos dadas. Ambas enfrentam os elementos. Uma, na medida em que ele se aventura na natureza e subjuga as suas criaturas; a outra, na medida em que erige no refúgio da cidade e de suas leis um enclave contra aquelas. O homem é o criador de sua vida como vida humana. Amolda as circunstâncias conforme sua vontade e necessidade, e nunca se encontra desorientado, a não ser diante da morte (JONAS, p. 32, 2006).

O sucesso da técnica é caracterizado por Hans Jonas pela sobreposição do *homo faber* ao *homo sapiens*. É essa inversão do agir humano que mostra a necessidade de uma revisão de valores morais, daí o direcionamento para uma reflexão ética que leve o homem à responsabilidade, de modo a considerar as consequências de suas ações, sejam positivas ou negativas, não apenas para a civilização do presente, mas também para as gerações futuras.

Jonas lembra que a técnica, mesmo sendo bem sucedida pode ter um caráter catastrófico e é por isso que se deve refletir sobre ela, uma vez que não se tem o total controle da mesma, é importante desenvolver uma postura de reverência e de temor sobre o que possa acontecer no futuro.

Cada inovação tecnológica implica prudência e precaução responsável, em função da sociedade de risco em que se vive atualmente. Hans Jonas vê a humanidade como uma família que deve se unir e somar forças para decidir o futuro e garantir condições adequadas de existência para as gerações vindouras, tendo como princípio fundamental o respeito pela natureza.

O espírito de solidariedade que proporciona a noção de responsabilidade universal é fortalecido quando se reverencia o mistério da existência, tendo gratidão pela vida e humildade em relação ao lugar que o homem ocupa na natureza. O ser humano deve se lembrar que é apenas uma parte de um todo maior.

Para o pesquisador de filosofia da tecnologia Andrew Feenberg, ciência e tecnologia se tornam alicerces para novas convicções a partir do século XVIII. No texto *O que é a Filosofia da Tecnologia?* ele afirma que “a tecnologia se torna onipresente na vida cotidiana e os modos técnicos de pensamento passam a predominar acima de todos os outros” (FEENBERG, 2003, p. 01). Em sua proposição defende a importância de se pensar mais acerca da tecnologia, objetivando se construir uma imagem mais democrática da mesma.

A teoria crítica é uma visão sobre a tecnologia defendida pelo autor. Nela, ele crê na capacidade humana de alterar a sociedade tecnológica, transformando-a em um lugar apropriado para se viver. Ele critica a sociedade individualizada e

defende a reflexão coletiva. Assim, Feenberg se parece com Sennett quando este ressalta a decadência da noção de coletividade na sociedade contemporânea. Ao defender a intervenção democrática na tecnologia, Feenberg entende que o controle social depende dos seus próprios agentes e que estes, em reunião, devem agir sobre o seu entorno. Nesse sentido afirma que:

O problema não está na tecnologia como tal, senão em nosso fracasso, até agora, em inventar instituições apropriadas para exercer o controle humano dela. Mas, poderíamos adequar a tecnologia, submetendo-a a um processo mais democrático no design e no desenvolvimento. (...) A teoria crítica descobre (...) uma tendência de maior participação nas decisões sobre design e o desenvolvimento. A esfera pública parece estar se abrindo lentamente para abranger os assuntos técnicos que eram vistos antigamente como esfera exclusiva dos peritos (FEENBERG, 2003, p. 06-08).

Considerando as relações de interação, entre ciência, tecnologia e sociedade e com o intuito de construir um marco analítico conceitual e proporcionar aos cidadãos visões para a participação nos processos decisórios acerca da tecnologia, o professor e pesquisador Renato Dagnino apresenta uma nova proposta com vistas a alterar a orientação dos processos de estudo sobre ciência, tecnologia e sociedade, conforme consta no artigo "*Mais além da participação pública na ciência: buscando uma reorientação dos Estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade em Ibero-américa.*" Ao ler textos sobre tecnologia, autores e filósofos da tecnologia, dentre eles, Thomas Samuel Kuhn, Andrew Feenberg, López Cerezo, Hugh Lacey e Dana Kay Nelkin, citados como referência no artigo em questão, construiu circunstâncias para discutir a capacidade científica de inovar enquanto condição suficiente para o desenvolvimento tecnológico de um país, questionando também se esta prática levaria mesmo, o país ao desenvolvimento econômico. Para tanto, entende que a ciência e a tecnologia não podem ser tratadas independentemente, pois ambas estão em constante interação, repercutindo nas atividades sociais, sobretudo as de trabalho, nas quais se manifestam quatro diferentes percepções sobre a tecnociência¹⁰: determinista, substantivista, instrumentalista e crítica.

¹⁰ O termo tecnociência, segundo Dagnino, deve ser entendido como a relação imprescindível entre ciência e tecnologia. Nessa pesquisa, a terminologia dada à tecnociência como podendo ser instrumental, determinista, substantivista e crítica se voltará, fundamentalmente, para a questão da tecnologia.

Suas apreciações acerca dos estudos sobre ciência¹¹, tecnologia e sociedade se apóiam, fundamentalmente, em dois eixos principais: o da crítica ao modelo político e econômico-social dominante e a necessidade de um maior controle social da ciência e tecnologia e a ideia de construção social da ciência e tecnologia ora contrastante e divergente, ora relacionável, em certa medida, à interpretação do marxismo tradicional voltada à ciência e tecnologia. É com base nesse parâmetro que reconhece a possibilidade de se admitir ou não que a relação entre ciência e tecnologia possa ser neutra ou condicionada a valores, autônoma ou socialmente controlável, resultando em quatro percepções sobre a tecnologia, com as quais se pretenderá trabalhar nos próximos capítulos, verificando-se segundo tais parâmetros e via análise discursiva, as possíveis representações da mesma, nos discursos jornalísticos selecionados.

Pela análise de Dagnino, o surgimento dessas quatro possibilidades de percepção da tecnociência está nas diferenças entre duas tendências de trabalho consistentes nos Estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade (ECTSs), em que se pode considerar a tecnologia como neutra ou não e autônoma ou não. Se neutra, pode ser usada para o bem ou mal e está livre de influências econômicas, políticas, sociais e morais. Já a não neutralidade admitiria a influência de tais valores. Se autônoma, entende a tecnologia como capaz de conduzir o homem sempre à verdade e à maximização da eficiência, em que a sociedade estaria submetida ao seu poder de determinação, aceitando os seus impactos e extraindo destes, o melhor proveito. O contrário, considera a sociedade formada por seus grupos sociais, capaz de interferir e decidir nos rumos dados à tecnologia, que pode ser planejada, antes de implantada.

Pela concepção determinista, a tecnologia é apresentada como neutra e autônoma, ou seja, não é designada por valores políticos, éticos, sociais e morais. Flui sem ser controlada pelo homem, ao contrário é ela que, “utilizando-se do conhecimento do mundo natural, verdadeiro e neutro, molda (e empurra para um futuro cada vez melhor) a sociedade” mediante as exigências que ela mesma estabelece. Sua característica principal é a crença otimista que, em longo prazo, a força produtiva conduzirá inexoravelmente a modos de produção mais perfeitos e

¹¹ O termo: “Estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade” poderá ser encontrado nesse texto pela abreviação segundo a sigla ECTS.

harmônicos para a história da espécie (DAGNINO, 2010).

A visão instrumentalista apresenta a tecnologia como neutra e controlável. Nela a tecnologia e a ciência, detentoras de um conhecimento verdadeiro e eficiente para o mundo natural estão a serviço de qualquer projeto. A tecnologia, neste caso, seria um instrumento gerado pelo homem, fluindo por meio de métodos que atribuem à ciência o sinônimo de verdade e à tecnologia o sinônimo de eficiência. Mesmo sem estar condicionada a valores sociais pode ser controlada por um conjunto de princípios éticos reconhecidos consensual e explicitamente. Por meio de tal discussão ética consensual é que se poderia utilizá-la de maneira aprazível e benéfica à sociedade.

Na visão substantivista, a tecnologia estaria condicionada a valores e seria autônoma. Nesse caso, os meios e os fins seriam determinados pelo sistema e a tecnologia seria autônoma, justamente por incorporar valores do sistema vigente, que no caso da maior parte do mundo ocidental seria o capitalista. Mesmo incorporando valores, não poderia ser utilizada para propósitos diferentes de indivíduos ou sociedade, porque flui por conta própria por ser condicionada aos valores predominantemente econômicos e morais.

Já na concepção da teoria crítica, a tecnologia seria condicionada a valores e controlável. Reconhece o substantivismo, no sentido em que acredita que o capitalismo confere à tecnologia características específicas que geram conseqüências sociais e ambientais inibidoras à mudança social. Contudo é otimista, pois acredita que seja possível um controle de suas formas e conseqüências por meio da participação de todos os setores envolvidos em sua criação e acontecimento, internalizando valores na criação, no desenvolvimento e no produto. Não vê a tecnologia como ferramenta, mas como suporte para diferentes estilos de vida. É como se a eficiência tecnológica fosse a moldura de um quadro e este, por sua vez, os diferentes valores substantivos de um sistema, neste caso, o capitalista.

Considerando tais reflexões sobre as relações entre tecnologia, sociedade e análise discursiva, observa-se que as atividades humanas são notadamente influenciadas pelos elementos diretamente relacionados: ciência e tecnologia. Quando determinadas sociedades depositam total confiança na ciência e na tecnologia, a lógica do comportamento humano passa a ser a lógica da eficácia tecnológica e suas razões passam a ser as da ciência, resultando na supervalorização da ciência e também do mito, tomando-se como base o senso

comum, de que todos os problemas podem ser resolvidos cientificamente, o que nem sempre se mostra verdadeiro, quando, por exemplo, não se consegue conter o aumento das crises ambientais, mesmo com o uso de novas tecnologias consideradas mais sustentáveis. Nessa perspectiva, o discurso também segue essa direção, laudando a ciência e a tecnologia, ou não, dependendo da intencionalidade do autor, a materialidade do discurso.

Quando a maior parte da humanidade opta por determinado tipo de tecnologia, a minoria que se contrapõe a essa opção vê-se submetida ao uso da tecnologia escolhida pela maioria, para que assim também possa estar inserida nos círculos e sistemas sociais. O que não quer dizer que essa tecnologia determine o comportamento e as escolhas humanas, mas em certo sentido, a opção da maioria não deixa outra saída aos usuários que a ela se contrapõe, senão escolhê-la.

3.0 DESDOBRAMENTOS SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO E QUESTÕES ACERCA DA LINGUAGEM

Existem várias correntes teóricas que estudam a língua pela perspectiva da Análise do Discurso. Para explicar a história e os desdobramentos dessa concepção teórica vamos aqui dedicar a nossa atenção para uma dessas manifestações, conhecida como “escola francesa da análise do discurso.” Ela surgiu nos anos 60 na França, país tradicionalmente conhecido por estudar textos literários.

Segundo Helena Hatshue Nagamine Brandão em *Analisando o Discurso*, a década de 60 foi um período de conflitos políticos e culturais na França. Na época, o movimento estudantil universitário de 1968, requeria reformas no ensino. No Brasil artistas e intelectuais manifestavam-se politicamente contra a ditadura militar e o golpe de 1964. É nesse momento que a análise do discurso procura entender as manifestações ideológicas, debruçando-se primeiramente sobre os discursos políticos marcados pelas oposições entre direita e esquerda (BRANDÃO, 2001, p. 6).

Um dos autores mais representativos da época, segundo Ingrid Nancy Sturm, foi Michel Pêcheux que:

visava a eliminar qualquer atitude reducionista no tratamento da linguagem, tal como acontecia, para ele, no estruturalismo e na ciência clássica da linguagem, que não ultrapassavam o estudo do texto em si mesmo. O deslocamento do corte estruturalista língua/fala resulta em, pelo menos, duas assunções teóricas intoleráveis a seus propósitos, quais sejam, considerar a língua como o único objeto de análise aceitável e ver reaparecer o “sujeito falante como *subjetividade em ato*, unidade ativa de intenções que se realizam pelos meios colocados a sua disposição” (apud 2006 PÊCHEUX, 1990, p. 71) (grifo nosso).

Percebe-se que a Análise do Discurso passa a não se limitar exclusivamente ao estudo da língua dedicada a estudar a linguagem a partir de um saber especificamente linguístico que considera somente a parte gramatical e formal da linguagem, mas compreende também outros aspectos, como os elementos históricos, sociais e ideológicos que participam da produção de todo discurso.

Mikhail Bakhtin/Volochínov e Michel Foucault são filósofos da linguagem que apresentam em suas proposições, concepções teóricas sobre o discurso e a sua análise, seguindo essa mesma linha de raciocínio. Bakhtin é originário da Rússia, e a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2010) que usamos na pesquisa, mesmo tendo sido escrito na década de 30, só veio a ser amplamente difundida, depois de

1960. Vários aspectos presentes nesse livro confluem com o que propõe a escola francesa, sobretudo no que tange a perceber os aspectos extremos como determinantes formais do discurso. Não nos utilizaremos da obra de Pêcheux visto não termos familiaridade com ela. Optamos por Bakhtin, filósofo sobre o qual já temos alguma leitura.

Nos escritos de Foucault (1996) e (2010) é possível perceber que no discurso, princípios de saber e poder se reúnem e são articulados. Aquele que fala, fala de um lugar, para determinado alguém, a partir de um direito que lhe é atribuído socialmente. As relações de poder são estabelecidas na fala e se manifestam pela forma como um fala com o outro.

É no discurso que também se manifestam os valores, as crenças e os aspectos ideológicos de uma determinada comunidade. Ele é evidenciado pela língua, daí o conceito de formação ideológica. Os escritos de Bakhtin/Volochínov permitem compreender esse conceito como um conjunto de ações e reações que locutores produzem e reproduzem e que estão associados às relações de poder provenientes da posição social de onde falam ou escrevem. Assim, pode-se falar em formação ideológica econômica capitalista, formação ideológica religiosa cristã, formação ideológica filosófica, entre outras.

Para Foucault, por exemplo, as formações ideológicas estão repletas de formações discursivas, e estas por sua vez são compostas por textos e enunciados com características linguísticas, ideológicas ou temáticas em comum. No caso dessa pesquisa, por exemplo, encontraremos a ideologia sustentável que compreende várias formações discursivas como a ambientalista, a pró-desenvolvimento sustentável, a que é contra as tecnologias anti-sustentáveis, dentre outras.

Partindo-se desse princípio que a linguagem é atividade exercida por locutores e interlocutores que falam e ouvem, escrevem e leem, o que pensam ou sentem, o que vem a ser o discurso? (BUENO, 1996, p. 397). A partir das afirmações iniciais nesse capítulo, apresenta-se a seguir, uma lista fundamentada teoricamente nos conceitos de Bakhtin/Volochínov e Foucault, caracterizando o discurso:

- 1) Segundo Bakhtin/Volochínov, o discurso pode ser entendido como uma concepção que não se restringe a uma abordagem fundamentalmente gramatical e linguística. O discurso encontra respaldo na gramática da língua com os seus recursos normativos como fonemas, palavras, frases

e orações, mas, fundamentalmente, deve-se levar em conta os interlocutores que são dotados de crenças, valores e situados em um determinado tempo histórico e espaço geográfico. É o que ele chama de filosofia sociológica da linguagem, e usa a palavra como exemplo de signo social para mostrar que está carregada de valores (BAKHTIN, 2010, p. 38, 94, 95).

- 2) Para produzirem e compreenderem os discursos, os locutores e interlocutores devem dominar conhecimentos linguísticos, entender a língua e saber organizar um ato comunicativo em narração ou argumentação, bem como conhecer também os conteúdos linguísticos como a imagem que o sujeito tem de si mesmo e do outro e as instituições de poder que determinam como, quando e a quem o sujeito deve falar (FOUCAULT, 1996, p. 7).
- 3) Todo discurso é contextualizado e todo enunciado só tem sentido dado o seu contexto de produção. A um mesmo enunciado produzido em contextos diferentes, pode ser atribuído um sentido diferente e corresponder a um discurso diferente (FOUCAULT, 1996, p. 14 BAKHTIN, 2010, p. 97, 135).
- 4) O discurso é produzido por um sujeito, alguém que é responsabilizado pelo que disse. Segundo Foucault, essa autoria responsável fornece ao discurso a sua “unidade e a origem de significação” (FOUCAULT, 1996, p. 26, 29). Nesse sentido, o discurso pode estar explícito, como no caso daquele que assina uma matéria jornalística, ou implícito como no mesmo caso, tal assinatura não depender apenas de quem a assinou, mas envolver outros profissionais do jornal responsáveis por sua elaboração, como o chefe da redação, o editor, o pauteiro, o dono do jornal, o fotógrafo, o entrevistado, entre outras.
- 5) O discurso é dialógico, se dá na coletividade, num processo de comunicação interativa que exige no mínimo dois sujeitos. É o que Bakhtin/Volochínov explica sobre a enunciação de natureza social. Quando se fala ou se escreve responde-se ao já dito e aquilo eu possa ser uma réplica. O discurso é sempre bi-orientado. O discurso é sempre dialógico, mesmo quando se tenta apagar essa dialogia (BAKHTIN, 2010, p. 113).

- 6) O discurso é uma forma de exercer ação e poder sobre o outro (FOUCAULT, 1996, p. 10, 21).
- 7) O discurso é formado por enunciados orais ou escritos que podem ou não revelar as intenções do sujeito, gerando situações questionadoras que buscam encontrar um sentido que está por trás de tal enunciado. Por exemplo: quando alguém pergunta algo para outro, mesmo já conhecendo a resposta e mesmo sabendo que o outro também tem consciência que o que pergunta sabe a resposta. Dessa forma, o discurso só ganha legitimidade quando alguém lhe atribui um significado (FOUCAULT, 1996, p. 49).
- 8) O discurso é regido pelo princípio do dialogismo, mesmo em um monólogo o locutor expressa o que diz para alguém. É quando Bakhtin/Volochínov destaca que o locutor considera o receptor, ou quando explica que a palavra é dirigida ao interlocutor (BAKHTIN, 2010, p. 96, 116).
- 9) O discurso também é dialógico, porque quando falamos, trazemos o discurso do outro para o nosso discurso. Isso pode acontecer de forma explícita, que segundo Bakhtin/Volochínov se dá na apresentação do discurso direto, indireto ou indireto livre, colocando aspas, parênteses, ou itálico para referenciar o discurso do outro (BAKHTIN, 2010, p. 150, 161, 181).
- 10) Todo discurso se constrói em uma rede interdiscursiva. Nessa relação de citação, comentário ou apropriação dos discursos, ocorre uma disputa pela verdade em uma relação de harmonia ou oposição. É nesse sentido que Bakhtin explica o discurso como uma arena de lutas em que locutores de diferentes posições ideológicas procuram atuar ou interagir uns sobre os outros (BAKHTIN, 2010, p. 96 FOUCAULT, 1996, p. 10, 30,31, 43).

Há nas teorias de Bakhtin/Volochínov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2010) e Michel Foucault em *A Ordem do Discurso* (1996) e *Microfísica do Poder* (2001) semelhanças, diferenças e eixos de complementaridade. Vejamos em específico, alguns tópicos importantes para o estudo.

3.1 LINGUAGEM E DISCURSO EM MIKHAIL BAKHTIN

Mikhail Bakhtin¹² dedicou-se a desenvolver uma filosofia da linguagem de fundamentação marxista. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* tratam da natureza ideológica do signo linguístico considerado como arena da luta de classes. Examinam-se também os fenômenos de enunciação nos aspectos semânticos e a análise de diferentes tipos de discurso. Seus estudos abrangem diferentes domínios das ciências humanas, tais como a psicologia, a linguística, a comunicação, a etnologia, a estilística e a literatura.

Ao partir do princípio que signo verbal e enunciado são elementos de natureza social, Bakhtin buscou compreender em que medida a linguagem pode determinar a consciência e a atividade mental e em que medida a ideologia pode determinar a linguagem. Sua visão, contudo, irá se contrapor ao estruturalismo de Ferdinand Saussure em *Curso de Lingüística Geral* (2003).

Saussure, ao considerar, por exemplo, duas pessoas que conversam, entende que quando uma delas fala expressa signos lingüísticos ou imagens acústicas da sua consciência, por meio da fala. A conversa é, portanto, um fenômeno inteiramente psíquico, seguido por sua vez, de um processo fisiológico. O cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso que corresponde à imagem; depois, as ondas sonoras se propagam da boca do falante até o ouvido do ouvinte. Com o ouvinte ocorre o processo inverso, este recebe o impulso audível, e faz a associação psíquica desta imagem com a sua consciência, o que Saussure chama de conceito correspondente.

Nesse sentido, a linguagem tem enquanto embrião, o ato individual, mas manifesta-se também no contexto coletivo, ou seja, social. Os indivíduos unidos pela

¹² M. M. Bakhtin nasceu em 1895, em Oriol. Sua família foi descendente da velha nobreza. Estudou na Universidade de Odessa e depois na de São Petersburgo, diplomado em História e Filologia em 1918. Em 1920 instalou-se em Vitebsk ocupando vários cargos de ensino. Era pertencente a um círculo de intelectuais e artistas que se dedicavam a produzir idéias inovadoras principalmente nos campos da arte e das ciências humanas. O livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* foi publicado em 1929 em Leningrado em co-autoria com Volochinov, um de seus amigos também participante do círculo de estudo. Segundo estudiosos, há indícios de que inicialmente Bakhtin não teria admitido a autoria por recusar as modificações propostas pelo editor. Outra hipótese estaria no seu gosto pela máscara ou também por sua modéstia científica, pelo fato de não querer ser identificado. Segundo Roman Jakobson e Marina Yaguello autores do prefácio e da introdução do livro, é difícil afirmar com exatidão quais as partes do texto pertencem a Volochinov e quais pertencem a Bakhtin (BAKHTIN, 2010, p. 22,12).

linguagem vão produzir os mesmos signos unidos ao mesmo conceito. Por ser social, ou seja, um sistema socialmente dado e que precede o indivíduo é que este pode se comunicar. Cada falante capta do sistema dado, o que necessita para se comunicar. O receptor, também pertencente à mesma comunidade, reconhece o discurso do outro, visto que este vem de um sistema já pré-existente a todos (SAUSSURE, 2003 p. 21).

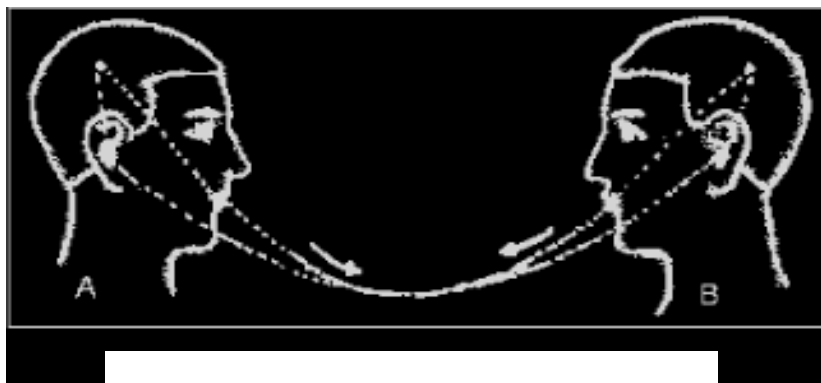


Figura 2: Circuito de comunicação de Saussure (2003:19)

Fonte: Curso de Lingüística Geral. Ferdinand de Saussure

Ao separar a língua da fala, Saussure propõe a separação do que é social do que é individual; é nesse sentido que Bakhtin se diferencia de Saussure. A língua é social, pois é o produto que o indivíduo registra, mas não exclusivamente de modo passivo, como afirma Saussure. Em contraposição, Bakhtin não acredita que a fala seja um ato individual da vontade e da inteligência, exprimindo seu pensamento pessoal por meio de um mecanismo psicofísico. Para Bakhtin, os conflitos da língua refletem os conflitos sociais (étnicos, de classe, de gênero, de faixa etária, dentre outros) que existem no interior de um sistema. Assim é a linguagem, formada por signos linguísticos que recebem diferentes significações conforme variam os contextos, e que expressa a luta entre os sujeitos falantes.

Assim, ao contrário da linguística unificante de Saussure, Bakhtin valoriza a fala, a enunciação, e afirma a sua natureza social e não individual. É na fala, articuladora do discurso, em que se confrontam os valores sociais e os conflitos da língua que refletem as inquietações sociais. É esse discurso articulado pela linguagem, o revelador das relações de dominação e resistência, hierarquias e estruturas de poder. A fala está ligada a qualquer condição de comunicação e esta por sua vez está ligada às estruturas sociais. Sobre o assunto, Bakhtin afirma:

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A *palavra dirige-se a um interlocutor* : ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.) (...). Na maior parte dos casos, é preciso supor além disso um certo *horizonte social* definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito (BAKHTIN, 2010 p. 116).

Para Bakhtin/Volochínov é pelo estudo da linguagem que se pode compreender a comunicação social como um fator que condiciona os locutores e interlocutores de um enunciado. E é pela palavra (signo lingüístico), por sua possibilidade de significar de diferentes formas em diferentes contextos, dado um processo comunicativo, que locutores e interlocutores se condicionam e são por ela condicionados a diferentes situações e *status* sociais.

Sobre a palavra especificamente, Bakhtin/Volochínov explica que é a “multiplicidade de significações que faz de uma palavra, uma palavra” e ainda que “sua significação é diferente a cada vez, de acordo com a situação” (BAKHTIN, 2012 p. 135).

3.2 FILOSOFIA DA LINGUAGEM E MARXISMO

Autores de perspectiva marxista pouco abordam o domínio da filosofia da linguagem. Entretanto, a proposta de Bakhtin é fazer uma análise marxista e materialista dos problemas da linguagem, utilizando-se de certo método marxista para a análise do discurso. Perplexo mediante dos estudos que associavam exclusivamente os problemas ideológicos à natureza psicológica percebeu a necessidade de estudar a língua como uma realidade material da criação ideológica, ou seja, o signo lingüístico enquanto palavra, sendo social e contendo nele os conflitos sociais dos falantes.

A linguagem tem um referente, este se constitui no concreto das relações sociais. Porém, a linguagem não descreve esse referente tal qual, pois os falantes desejam interferir nessa realidade e dependendo das várias mediações de classe,

idade, hierarquia, gênero e da intenção do discurso, distorcem, idealizam, ampliam e caracterizam essa realidade. Segundo Bakhtin/Volochínov, tudo que é ideológico possui um significado social e é um signo. Nesse sentido, a linguagem é aquela que materializa a existência de um signo. Algo que concerne significado, isto é, o signo, “reflete e refrata a realidade”, tanto daquele a quem lhe atribui um sentido, quanto daquele que recebe o elemento já significando. Além disso, um signo verbal pode distorcer a realidade ou apreendê-la sob um ponto de vista específico (BAKHTIN, 2010, p. 31-32).

Para Bakhtin/Volochínov, os signos só emergem de um processo de interação social, entre uma consciência individual de um sujeito em relação à outra, dando-se o que chama de dialogia. Até mesmo esta consciência individual é um fenômeno socioideológico, ou seja, a consciência individual se forma a partir das relações interpessoais. Os signos são os que sustentam a consciência individual, mas ambos são criados na coletividade (BAKHTIN, 2003, p. 36).

Para Bakhtin, o problema das relações entre infra-estrutura e superestrutura está intimamente ligado aos problemas da filosofia da linguagem. Seu interesse está em saber como esses elementos podem determinar o signo verbal e conseqüentemente os discursos. Para tanto, mostra que é na comunicação verbal, escrita ou falada, em que se confrontam os valores sociais contraditórios, refletindo os conflitos de classe, as relações de dominação e resistência e hierarquização social. Para ele, é a situação social determinada pelas relações entre infra-estrutura e superestrutura o que afeta o processo de significação, caracterizando o signo também como mutável.

Pela concepção de Bakhtin/Volochínov, a palavra, enquanto signo, não tem o significado exclusivo que lhe é atribuído pelo dicionário, ao contrário, pode ser plurivalente dependendo da natureza da situação. Por ter esta característica é que pode ser interessante às classes dominantes, que na visão bakhitiniana, tentam torná-la monovalente, monológica, unívoca.

A visão marxista da filosofia da linguagem que Bakhtin/Volochínov apresenta consiste em considerar que as relações de produção e a estrutura sociopolítica fatores determinantes dos contatos verbais possíveis entre os indivíduos. Esses determinantes influenciam, moldam, agem sobre os atos de fala, ou seja, que são as “conversas de corredor, as trocas de opinião no teatro e, no concerto, nas diferentes reuniões sociais e as trocas puramente fortuitas, (...), etc.” (BAKHTIN, 2003, p. 43).

O que permite que a existência de algo seja refletida e refratada no signo é o confronto de interesses sociais dentro de uma mesma comunidade semiótica, o que Bakhtin chama de “luta de classe”. É nessa comunidade ideológica, aquela que utiliza o mesmo código ideológico de comunicação em que classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua, dando ao signo vivacidade, mobilidade e capacidade de evoluir, justamente pelo confronto de classes. A crítica que Bakhtin/Volochínov traz está no uso que a classe dominante faz do signo ideológico, na tentativa de tentar abafar a existência de luta de classes. A língua é um meio neutro, mas cada indivíduo ou classe social a utiliza, acentuando-a e modificando-a para atender aos seus propósitos e intenções políticas, econômicas e pessoais.

A palavra dentro da enunciação concreta, servindo à comunicação real, não é mais neutra, pois serve aos propósitos daquele que a emite. A palavra fora da enunciação, ou seja, no Dicionário ou no sistema da língua é neutra, não está na corrente de comunicação entre os falantes e sua intencionalidade discursiva.

É pelo estudo do signo linguístico que a filosofia da linguagem pode abordar a problemática do processo dialético de articulação descrito pela corrente marxista, que vai da infraestrutura à superestrutura. O diagrama a seguir ilustra as relações entre infraestrutura e superestrutura da qual Bakhtin faz menção. Há, contudo, uma adaptação do conteúdo, relacionado ao tema da presente pesquisa.

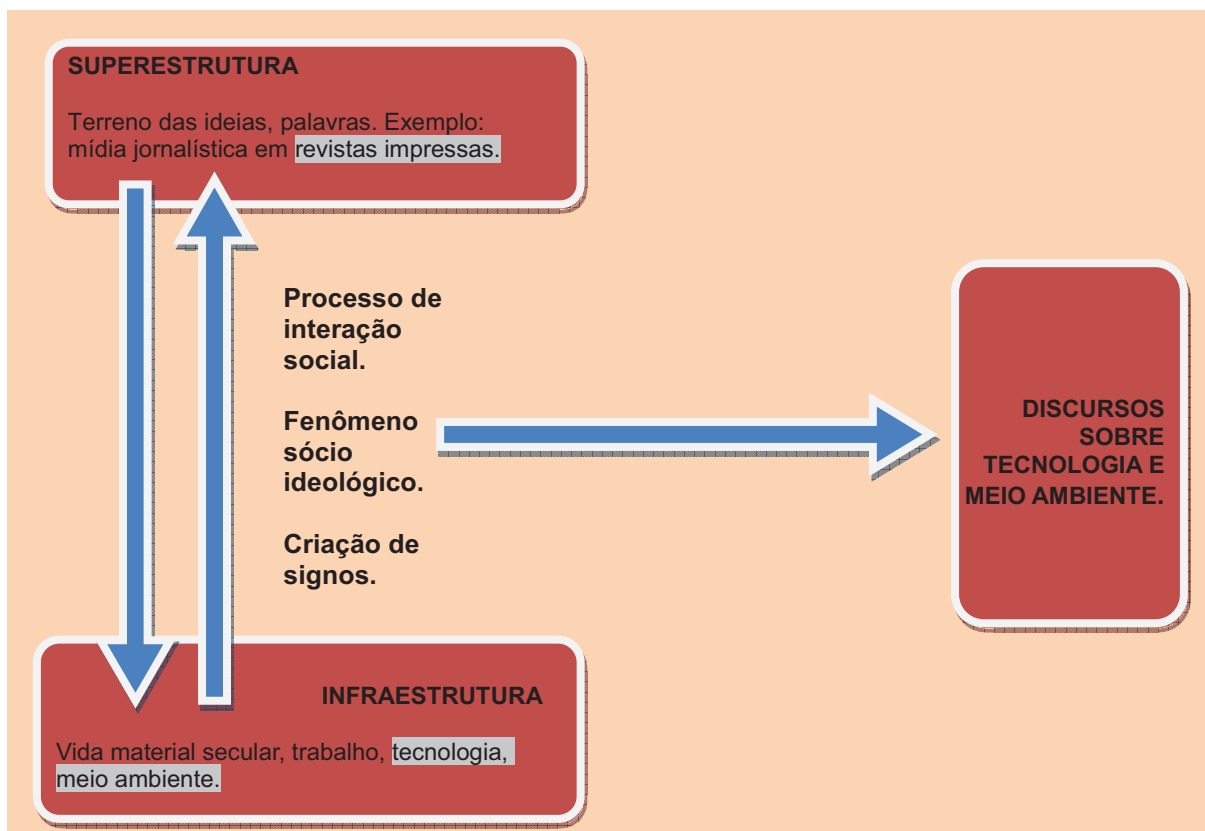


Figura 3 – Diagrama das relações entre infra-estrutura e superestrutura.

Fonte: Autoria própria, baseado em Bakhtin (2003).

Pelo diagrama pode-se ter uma noção visual de que o desenvolvimento material e tecnológico do homem gera impactos no meio natural e na qualidade de vida do ser humano, degradando o meio físico. Essa esfera pertence ao domínio infra-estrutural. Ela existe e demanda do ser humano uma reflexão e um planejamento, que se dá pela linguagem. Há um processo duplamente orientado entre infra e superestrutura em que a palavra nomeia e modifica o objeto. Os discursos sobre meio ambiente surgem, sobretudo, quando este se degrada. O homem aí percebe a necessidade de falar e escrever sobre ele.

3.3 ANÁLISE DO DISCURSO EM MIKHAIL BAKHTIN

Segundo Bakhtin/Volochínov, o estudo do signo linguístico permite estudar com mais facilidade o processo de articulação e desarticulação que ocorre entre a infra-estrutura e a superestrutura. Bakhtin afirma que “é preciso fazer uma análise profunda e aguda da palavra como signo social para compreender seu

funcionamento como instrumento da consciência” (BAKHTIN, 2003, p. 38).

A palavra é o signo verbal, resultado de um consenso ou dissenso de indivíduos socialmente organizados num processo de interação, no qual, por meio da palavra, do gesto e do ato se constituem os fenômenos ideológicos. Para analisar os discursos enquanto fenômenos ideológicos a psicologia do corpo social deve:

Ser estudada de dois pontos de vista diferentes: primeiramente do ponto de vista do *conteúdo*, dos temas que aí se encontram atualizados num dado momento do tempo; e, em segundo lugar, do ponto de vista dos *tipos de formas de discurso* através dos quais estes temas tomam forma, são comentados, se realizam, são experimentados, são pensados, etc. (BAKHTIN, 2010 p. 44).

Para Bakhtin/Volochínov, a organização hierarquizada das relações sociais, as relações de produção e a estrutura política social exercem forte influência sobre as formas de enunciação, determinando os signos. Uma mudança no estabelecimento dessas bases ou mesmo na condição histórica ou circunstancial em que estas relações acontecem, podem ocasionar a modificação dos signos linguísticos.

Ainda que um signo seja uma manifestação ideológica proveniente de um processo de interação consensual ele terá duas faces, parecendo para uns a verdade viva e para outros a maior mentira. Segundo Bakhtin, essa “*dialética interna do signo*” não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social, de confronto, de lutas sociais. (BAKHTIN, 2003, p. 48).

Segundo Bakhtin/Volochínov até mesmo um psicólogo precisa compreender o sistema ideológico em que ocorrem os acontecimentos que se expressam nas palavras. Sem essa capacidade de assimilar o contexto ideológico, as palavras perderiam o seu teor de significação. Essa pesquisa, contudo, não se destinará a investigar sobre os processos de significação ocorrentes no interior do indivíduo estudados pela psicologia cognitiva, e nem tem como finalidade criticar ou desfavorecer, pela teoria bakhtiniana seus méritos, mas sim o de apreender, pelas contribuições de Bakhtin, um dado signo no contexto ideológico correspondente. A ideia é não dar vazão ao subjetivismo individualista que considera a fala como ato individual. O que se pretende é entender o processo de enunciação, ou seja, os discursos, que partem do locutor em direção à ideologia, obtendo uma compreensão da enunciação. Cabe aqui aceitar que a compreensão de um signo verbal ocorre em

uma situação social.

Na situação social tem-se a infraestrutura que é a sociedade de produção de bens e serviços e a superestrutura – de onde emanam os discursos sobre a prática, no caso dessa pesquisa, de onde surgem os discursos sobre meio ambiente, degradação ambiental e tecnologias sustentáveis. Nesse contexto há sempre um locutor, cuja mensagem tem um destino específico. A mensagem é dirigida para o interlocutor que, ao recebê-la, assume uma posição em relação a ela e interage pela comunicação.

3.3.1 A enunciação de natureza social

Segundo Bakhtin/Volochínov, a expressão é a exteriorização daquilo que se forma por meio de um código de signos exteriores ao psiquismo do indivíduo. Divide-se em duas partes: no conteúdo exterior e na sua expressão para o outro. Ao ser exteriorizado, o conteúdo interior muda de aspecto porque se submete às regras do mundo material exterior. É um fluxo que se direciona do exterior para o interior e retorna ao mundo exterior.

A formação da consciência é diretamente proporcional ao seu grau de orientação social. A sensação interior que o indivíduo terá ao tomar consciência dependerá da situação imediata em que estiver situada a sua percepção e condição social. O contexto social imediato determina quem serão os possíveis ouvintes acerca da sensação causada pela tomada de consciência em determinado indivíduo. A mesma se manifestará de diferentes maneiras se tomada individual ou em coletividade¹³.

A tomada de consciência experimentada por membros de uma coletividade unida por vínculos materiais toma uma dimensão completamente diferente. Recebe uma tonalidade de protesto em contraposição a uma possível resignação ou vergonha que, em outros contextos, a tomada de consciência poderia ocasionar. São modelos e formas de enunciação correspondentes que se apresentam distintamente conforme variam os contextos.

¹³ Ao leitor, consultar o exemplo de Bakhtin em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, p. 118-120, sobre a tomada de consciência em relação à fome.

A consciência, embora constituinte de uma imensa força social, não é maior e nem determina o ser, pois afinal, faz parte dele, como mais uma de suas forças. Ainda que tomada no universo interior humano ecoando a enunciação, é importante lembrar que pela teoria bakhtiniana tal enunciação e suas formas de expressão, tem como centro organizador, o mundo exterior. É, portanto, a enunciação, um produto da interação social. Por isso, tal concepção vincula-se a uma perspectiva materialista da linguagem e não idealista, ou seja, o centro da linguagem é social, consiste nas relações sociais de seres reais que vivem, trabalham, lutam, expressam sentimentos. É somente no horizonte social de luta que a palavra terá significado.

Quanto a compreender a enunciação do outro, para Bakhtin, significa encontrar o lugar adequado da mesma no contexto correspondente. A compreensão é uma forma de diálogo em que se realiza o processo de significação dos discursos.

Um elemento que se mostra importante para a compreensão das palavras é a entonação expressiva. Nos termos dessa pesquisa, por se tratar de análise de textos escritos, tal problemática poderá ser observada fundamentalmente por meio das pontuações. O tema dá o teor de cada enunciação caracterizada por uma entonação. Sobre o ato de compreender e o processo de significação, Bakhtin/Volochínov afirma:

Compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*. Só na compreensão de uma língua estrangeira é que se procura encontrar para cada palavra uma palavra *equivalente* na própria língua. É por isso que não se tem sentido dizer que a significação pertence a uma palavra enquanto tal. Na verdade a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da *interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro* (BAKHTIN, 2010 p. 137).

Ao discutir as formações discursivas existentes em um parágrafo e suas possíveis análises, Bakhtin apresenta algumas considerações relevantes. Todo discurso tem um destinatário. Observar a quem ele é dirigido permite apreender a forma de decompô-lo. Outra consideração sobre este aspecto é a forma como o discurso citado é apresentado no parágrafo: discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre. Esses esquemas, antes, durante e depois de ocorrerem, são dotados de uma orientação sociológica, especialmente quando se trata de um fenômeno de transmissão da palavra de outrem. Transmite-se o que o outro fala de modo a enaltecer, subestimar, valorizar, depreciar o que é dito, ou seja, o discurso

também pode distorcer a fala do outro, não apenas a transmitir de modo neutro.

O narrador do discurso, no caso dessa pesquisa, será a jornalista, pois é ela quem apresenta a situação discursiva em formato de reportagem. Segundo Bakhtin, o narrador “*toma o lugar do autor da narrativa, com as interferências que isso implica,*” sendo que aí pode haver uma multiplicidade de significados atribuídos ao discurso, provenientes da interpretação de outrem (BAKHTIN, 2003, p. 18). Assim, veremos também, como a jornalista, considerada aqui como locutora, ou seja, aquela que emite um enunciado discursivo enquadra os discursos dos outros e expressa o discurso da situação em questão, de modo a fortalecer opiniões, demonstrar teses, informar ou construir realidades.

3.3.2 O discurso

Sobre o discurso que se apresenta em citação, Bakhtin/Volochínov o definiu: “é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN, 2003, p. 150).

Além do discurso citado, há outro modelo de construção discursiva: o discurso narrado. Em um discurso narrativo, a enunciação citada passa a constituir o seu tema. Entre ambos há uma inter-relação. Para tanto, convém discernir até que ponto a apreensão social do discurso do outro é caracterizada numa determinada comunidade lingüística, até que ponto suas particularidades têm significância social. Segundo Bakhtin, convém discernir em que escala social, em que grau de firmeza ideológica o discurso é apreendido. Se sua emissão está colorida de entonações diferentes de sua matriz geradora, em que posição social está o narrador, se o discurso traz em si a marca de um idealismo ou de um coletivismo em relação à apreensão do discurso do outro. Vale lembrar que em um discurso indireto os elementos não são literalmente transpostos. Ao analisarmos as reportagens essa problemática do enquadramento das vozes dos outros ao contexto do discurso dos jornalistas será investigada, pois pode auxiliar no esclarecimento do propósito e do objetivo do texto da reportagem.

Segundo Bakhtin/Volochínov, a condição com que a comunicação acontece, por meio da enunciação com a qual a língua toma contato, é determinada pelas condições sociais e econômicas de cada época. O modo com o qual se observa o discurso do outro, é também, influenciado por estas condições. Desse modo, valer-nos-emos de tais considerações, para apreciar como os jornalistas emitem os discursos sobre tecnologia e meio ambiente e como enquadram, citam, reproduzem as vozes de seus entrevistados. Algumas são valorizadas, outras depreciadas a fim de, em certa medida, fortalecer a tese daquele que orienta a narrativa, seja a jornalista repórter, ou o organizador da pauta jornalística, ou o editor chefe da revista.

3.4 A ANÁLISE DO DISCURSO EM MICHEL FOUCAULT

Algumas funções da língua, quando consideradas isoladamente, podem distorcer o entendimento sobre o fenômeno da comunicação. O processo ativo, aquele que compreende a emissão do locutor e o processo passivo, aquele que compreende a recepção pelo ouvinte ou leitor, são exemplos de esquemas que fazem parte da comunicação verbal, mas que não a definem por completo e nem são capazes de exclusivamente, explicar as relações sociais que se estabelecem pela comunicação. Há uma complexidade na linguagem que mostra a impossibilidade de reduzi-la a um sistema de códigos (locutor – receptor). Assim, um procedimento especificamente estrutural não seria suficiente para compreendê-la.

A palavra discurso, que por vezes pode parecer um tanto vaga, indeterminada, existe a partir de um enunciado proferido por alguém ou algo para outrem como visto anteriormente, segundo a teoria bakhtiniana.

Em Foucault, as noções de discurso e enunciado oferecem a possibilidade de compreender que a linguagem é composta por fatores históricos e políticos, fornecendo uma visão abrangente sobre o processo da comunicação e das relações sociais que se estabelecem por meio dela. Ainda que seu propósito não fosse discorrer sobre a análise do discurso propriamente dito, em determinadas configurações de saber e de época, Foucault conseguiu apresentar como funciona tal prática.

Para Foucault a linguagem manifesta o discurso e ela é um tipo de saber

que se constitui por meio de práticas sociais, políticas e econômicas. Os saberes, por sua vez, são elementos de natureza essencialmente política e se constituem por meio das relações de poder, como ele mesmo exemplifica nas relações entre médico e paciente, ou delinquente e policial (FOUCAULT, 1996 p.113, 129).

Seu trabalho filosófico contribuiu para o desenvolvimento da construção do saber filosófico, da análise do discurso, além de ter estudado também as relações de poder e conhecimento na sociedade bem como as práticas de subjetivação do sujeito. É conhecido por suas críticas às instituições sociais, especialmente à psiquiatria, à medicina e às prisões. Os principais temas que foram abordados por este filósofo e professor francês localizam-se nos campos da Psicologia, Filosofia Política, Filosofia da História e Epistemologia.

3.4.1 A ordem do discurso

Foucault entende que o discurso está na ordem das leis¹⁴ e que seu poder é proveniente das instituições ao qual pertence. Há uma relação entre leis e instituições por onde interagem os discursos. O homem deseja identificar-se com o discurso vigente, por vezes, porém, a lógica da instituição atribuidora de poder ao discurso, é contrária a esse anseio humano. Nesse sentido, a lógica das instituições e o desejo humano são comparados a réplicas que refletem as inquietações humanas.

O discurso não oculta ou manifesta o desejo, pode ser também objeto do desejo¹⁵. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos

¹⁴ Para Foucault a lei acaba sendo uma verdade construída de acordo com as necessidades de poder. Pela perspectiva desse pensamento, pode-se dizer que as diferentes definições de tecnologia são construídas de acordo com as necessidades de poder do meio que a utiliza. Dizer que as tecnologias são desenvolvidas para atender as necessidades humanas, onde a necessidade humana é apresentada como um meio, paralela ao raciocínio de Foucault, a necessidade humana seria a necessidade de poder, que constrói uma verdade, neste caso, que constrói uma tecnologia. Ao leitor consultar a obra *Vigiar e Punir*, 2009 p. 194.

¹⁵ Aqui, há uma diferença em relação ao que propõe Bakhtin/Volochínov, pois esse autor enfatiza que é no discurso que a luta entre as pessoas, entre as classes ocorre. Para Michel Foucault, o discurso em si, é já poder, e os indivíduos lutam por conquistá-lo. Nesse caso é como se o sujeito quisesse, não apenas ter o discurso de poder, mas exercer o domínio sobre tal discurso. Mais relações entre Bakhtin e Foucault serão discutidas no item 3.5 desta pesquisa.

apoderar.” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Aqui ocorre uma diferença em Bakhtin/Volochínov, para quem o discurso se dá na luta social, no embate entre sujeitos ideológicos. Já Foucault, coloca o discurso como o quê pelo qual se luta, se quer conquistar e dominar.

Foucault explica que a ordem do discurso está em todas as situações de comunicação estabelecidas pela linguagem verbal ou escrita, e que esta ordem delimita o que pode ser dito e como pode ser dito, mas que pode se diferenciar pelo momento histórico. Contudo, há uma delimitação e essa ordem do discurso é institucional:

Existe em muita gente, penso eu, um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo de se encontrar, logo de entrada, do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que ele poderia ter de singular, de terrível, talvez de maléfico. A essa aspiração tão comum, a instituição responde de modo irônico; pois que torna os começos solenes, cerca-os de um círculo de atenção e de silêncio, e lhes impõe formas ritualizadas, como para sinalizá-los à distância. O desejo diz: Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso (...). E a instituição responde: Você não tem por que temer começar, estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida da sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós que lhe advém (FOUCAULT, 1996 p. 6,7).

Aqui vemos que há pontes de semelhança com Bakhtin/Volochínov, pois esses autores destacam que há gêneros discursivos pelos quais nos comunicamos, dependendo de nossos propósitos enunciativos. Falamos e escrevemos dentro de uma ordem de gênero que pode ser poético, romanesco, familiar, científico, dentre outros.

A instituição exerce sobre o sujeito determinado poder que o molda de acordo com a circunstância e o faz proferir o discurso mais adequado para o momento. É nesse sentido que Foucault afirma que contra a vontade do sujeito, a essa aspiração tão comum, a “instituição responde de modo irônico.” São, pois as instituições, as ordenadoras do discurso. Assim, sai do âmbito do indivíduo e vai para o social. Esse social não é abstrato, como o conjunto de regras gramaticais e formais de Saussure, mas é um social onde prevalece o poder das instituições. Nesse sentido, linguagem e poder caminham juntos.

3.4.2 Procedimentos de controle do discurso

Ao supor uma sociedade organizada como a sociedade humana, com os seus padrões que visam determinar acontecimentos e evitar certos tipos de poderes e perigos, existem certos procedimentos de exclusão que servem de apoio para que os indivíduos de uma sociedade alcancem seus objetivos pela prática do discurso. O mais evidente seria a interdição, ou palavra proibida. Nesse princípio “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” Nem todos os sujeitos que falam têm os mesmos direitos privilegiados. Tais interdições revelam a ligação do discurso com o desejo e o poder. (FOUCAULT, 1996, p. 9-10).

Assim, é a interdição que não permite que tudo seja dito por qualquer um em qualquer situação. Existe o tabu, algo que sempre determina o direito exclusivo e privilegiado do sujeito que fala. São essas interdições que revelam a ligação que o discurso tem com o desejo e o poder. Há uma rede complexa nestas relações discursivas que aumentam, em se tratando das regiões da sexualidade e da política. São nessas regiões que para Foucault, os discursos exercem poderes temíveis.

Outro princípio de exclusão é a separação e a rejeição, ou segregação da loucura. Na Idade Média, Foucault exemplifica o louco como aquele cujo discurso não circulava como o dos outros, já que sua palavra era anulada, pois a ela não se dava validade. Um psicanalista não tratava de seu paciente mentalmente perturbado, escutando o que ele tinha a dizer. Hoje um médico adota este procedimento, mas ainda que o faça, a exclusão continua a existir seja no silêncio daquele que apenas ouve e não dialoga, seja na censura de um diálogo.

Um terceiro sistema de oposições seria o par de oposições verdadeiro ou falso ou a vontade de verdade¹⁶, mas que segundo Foucault pode ser considerado

¹⁶ Em *A Ordem do Discurso*, Foucault vai dizer que: “há, sem dúvida, uma vontade de verdade no século XIX que não coincide nem pelas formas que põe em jogo, nem pelos domínios de objeto aos quais se dirige, nem pelas técnicas sobre as quais se apóia, com a vontade de saber que caracteriza a cultura clássica” (1996, pg. 16). Sendo assim, entende-se que a vontade de conhecer a verdade diverge, à medida que se diferenciam os períodos históricos e nesta linha de raciocínio o nosso desejo de saber pode ser diferente do século XIX, por exemplo. Talvez aí esteja uma possível resposta para a forma atribuída às tecnologias atuais. O desejo de saber é diferente, logo o que se sabe também pode ser diferente. Assim como foi no século XIX, assim como é no presente. Há, por exemplo, vários discursos sobre o que é a tecnologia, a partir de vários pensadores. Todos desejam passar uma verdade, uma definição. Alguns vão receber mais créditos que outros. No caso dessa

hipoteticamente um raciocínio errôneo, já que a verdade pode ser modificada ou deslocada, conforme se modifica a história.

A separação que rege a vontade humana de saber a verdade foi historicamente construída. No século VI, por exemplo, o discurso verdadeiro era aquele proferido por alguém de direito, poder e conforme o ritual requerido. Eram os discursos dos juízes e dos profetas, cuja verdade residia no que o discurso “fazia”. Um século mais tarde a verdade passara a consistir no que o discurso “dizia”.

Sobre a vontade de verdade, assim como outros sistemas de exclusão, Foucault afirmou que “se apóia sobre um suporte institucional” e é reconduzida fundamentalmente pelo modo como o saber é aplicado na sociedade, “como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.” Neste sentido, pode-se dizer que a vontade de saber é guiada por princípios semelhantes às práticas pedagógicas. Essa vontade tende a exercer sobre os discursos uma espécie de pressão, funcionando como um poder de coerção (FOUCAULT, 1996, p. 17-18).

Considerando os três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso, a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade, Foucault considerou que o terceiro é o que está sempre a se fortalecer. Os outros dois, podem ser fragilizados ou enfraquecidos, em função das diferenças históricas e das instituições de poder. Estes são princípios capazes de controlar e delimitar o discurso. São procedimentos de nível externo porque vêm do outro.

Há, todavia, os procedimentos internos, capazes de submeter o discurso a outra dimensão: a do acontecimento e do acaso. Segundo Foucault, há algo de curioso nesse tipo de discurso que é narrado conforme circunstâncias bem determinadas e expressa coisas ditas que se conservam (FOUCAULT, 1996, p. 22). Há os discursos que fluem nas trocas e no correr dos dias, mas se vão e há os discursos que permanecem, sempre estão na origem de certo número de novos atos de fala. Esses discursos que permanecem ditos e que ainda estão por dizer são conhecidos em nosso sistema cultural por textos religiosos, textos jurídicos, textos curiosos de acordo com o seu estatuto, textos literários e de certo modo, textos científicos.

O comentário é apontado como princípio que tem por fim repetir em certa medida o que já foi dito por um texto inicial. Por outro lado, o comentário pode revelar o que estava articulado silenciosamente em um primeiro texto. Pode ser, portanto, a repetição do que já foi dito, mas também a expressão do que não se disse, embora já estivesse presente no discurso. O comentário evita o acaso do discurso, ou seja, vai contra a exposição de uma novidade. Assim, Foucault explica que o novo não está no que é dito em um primeiro momento, mas no comentário ao redor, no acontecimento em volta.

O autor de um discurso é também outro elemento que o delimita e é capaz de controlá-lo. O sujeito é “o princípio do agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações, foco de suas coerências.” Contudo, ao redor, circulam muitos discursos os quais não são mencionadas as autorias. Esses discursos estão nas conversas cotidianas, nos textos de contratos, nas receitas transmitidas no anonimato. Entretanto, nos domínios em que é regra atribuir menção a um autor, tais como em textos acadêmicos e literários, vê-se que a rarefação de um discurso não desempenha o mesmo papel de clarear o entendimento. Serve também para reafirmar a veracidade do que é dito. Nesse sentido, o autor é aquele que permite a confirmação e reafirmação do discurso, já que, como explicou Foucault, a vida pessoal do emissor, experiências vividas e história permitem a coerência do discurso e a sua inserção na realidade (FOUCAULT, 1996, p. 27-28).

A questão da autoria é importante, pois pode fornecer credibilidade ao discurso. O autor pode ser alguém considerado na sociedade e daí poderá empoderar certo comentário. O sujeito empírico e histórico é revelado para conferir poder ao discurso que emite¹⁷. Nas reportagens, vamos verificar se o sujeito extraverbal empírico pode fornecer mais credibilidade ao discurso que emite. A autoria deseja “conjurar o acaso do discurso” (FOUCAULT, 2010).

Assim como a repetição contida no comentário limita o acaso do discurso; a individualidade do autor também o faz. Mas há ainda outro princípio que também limita o acaso do discurso: as disciplinas. Embora também limitadoras, sua organização se opõe ao princípio do comentário e ao princípio do autor. Deste porque não exigem que sua validade esteja relacionada ao seu inventor. Elas são

¹⁷ Veja-se o caso do discurso literário como exemplo. Ele tem um autor que lhe dá um estilo singular, diferenciado, mesmo que escreva a partir de um mesmo gênero discursivo.

consideradas por Foucault como jogos de regras, de técnicas e de definições à disposição de qualquer um que queira delas se servir. É oposta ao princípio do comentário porque não precisa repetir e nem redescobrir nada, pois ela é de fato, o que se requer para construir novos enunciados.

As disciplinas são constituídas de verdades e erros e suas proposições são dirigidas à delimitação de assuntos específicos, de acordo com o que é aceitável como verdadeiro em cada assunto. As disciplinas são ainda, um princípio de controle do discurso, pois fixam um limite do que é dito e do que pode ser dito em circunstância específica, conforme as regras criadas pelas instituições.

Para Foucault, o desejo de ter o poder¹⁸ e de controlar está na constituição do discurso, pois para ele, os princípios ilustrados até aqui, o do comentário, o da individualidade e o da disciplina são princípios de coerção. Com esses princípios os poderes do discurso são dominados e são conjurados os acasos de sua aparição.

A realidade do discurso em termos filosóficos é entendida por Foucault em uma determinada ordem em que as instituições determinam quem pode falar o quê, onde e quando. O sujeito está reduzido à sujeição, submisso às normativas das instituições. A cumplicidade com o mundo permite que se fale dele, nele; permite designá-lo, nomeá-lo, julgá-lo e conhecê-lo, finalmente sob a forma de verdade é realizado por um sujeito submetido às alterações ou modificações institucionais.

A metodologia de análise usada por Foucault, admite a necessidade de se optar por pelo menos dois princípios: “questionar a vontade de verdade” o que seria verificar se aquilo que se diz ser verdade é realmente aplicável em todos os contextos, e “restituir ao discurso seu caráter de acontecimento”, considerando o contexto histórico e institucional em que acontece o discurso (FOUCAULT, 1996 p. 57).

¹⁸ Se o poder só produzisse recalçamento, impedimento, censura, exclusão ele seria muito frágil. Ele produz algo de positivo a nível do desejo. De certa forma, é como se as pessoas desejassem ser dominadas, por terem uma compensação futura. Não existe poder sem saber e nem saber que não engendre um poder. Ao leitor, consultar a obra: *Microfísica do Poder*, p. 142, 148.

3.5 ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE BAKHTIN E FOUCAULT

Bakhtin teve uma vida de produção científica acadêmica conturbada em função de seu exílio na década de 30 e da instabilidade política na União Soviética nas décadas de 20 e 30. Como consequência, várias de suas obras foram publicadas posteriormente à sua produção. Outras ainda foram lançadas sob a autoria de conhecidos, participantes do Círculo de Estudos que comungavam, em boa parte, dos mesmos fundamentos materialistas sobre a linguagem.

Por um tempo ficou esquecido no campo da produção intelectual, ganhando evidência novamente na década de 60, coincidindo com a publicação de sua revisão sobre a obra de Dostoiévski, cuja repercussão se deu no Ocidente, com a obra primeiramente traduzida para o francês no final de 1960. Pouco tempo depois, Foucault ministrava sua aula inaugural no *Collège de France* em 1970, originando a obra *A Ordem do Discurso*. Assim, vê-se que não houve tempo ou situação favorável para que Foucault conhecesse a obra de Bakhtin.

Os campos discursivos de ambos, embora diferentes, uma vez que Bakhtin volta-se para a linguística e a filosofia da linguagem, já Foucault para o campo da psicologia, filosofia e história, convergem em falar sobre o discurso e sua forma de manifestação. Ambos podem ser considerados filósofos da linguagem.

Segundo a doutora em Educação Fortunato em sua tese *Autoria e aprendizagem da escrita (2009)*, Bakhtin e Foucault além de igualmente discordarem das teorias estruturalistas, entendiam o discurso não apenas como uma produção linguística, mas uma situação comunicativa que envolvesse um contexto social e histórico determinado.

Para Fortunato, uma das divergências mais notáveis entre os teóricos consiste na função do autor de um discurso. Em Foucault ela é a forma de compreender como se dá a articulação das ideias ao longo do tempo nos campos das ciências, das artes e da filosofia; já em Bakhtin relaciona o autor com a sua obra tentando desvendar as ações que o levaram a apresentar determinados discursos na obra em questão. Bakhtin faz uma análise mais metodológica, enquanto que Foucault volta-se a uma abordagem mais holística, associando os fenômenos sociais à constituição do sujeito (FORTUNATO, 2009).

Em Foucault o sujeito é assujeitado à ordem do discurso dada pelas

instituições históricas e detentoras de poder. Em Bakhtin/Volochínov o sujeito é formado em função da história, lutando com o outro para expressar seu horizonte de classe social.

Bakhtin/Volochínov e Foucault consideram que cada época e cada grupo social têm o seu repertório de formas de discurso e que o contexto influencia a interpretação da palavra e do acontecimento discursivo. Para Bakhtin/Volochínov o essencial para compreender um signo, isto é, decodificá-lo, posto que este possa ser uma palavra, é compreendê-lo num contexto concreto e preciso das relações sociais. O contexto confere ao discurso uma orientação particular. Em um dado contexto o processo de enunciação que ocorre entre os indivíduos não é apenas um sinal que emana de um vai para o outro, mas sim uma relação de significância intervinda pelo contexto. É por isso que Bakhtin afirmou: “Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc.” (BAKHTIN, 2010, p. 96-98).

Foucault entende que o discurso está na ordem das leis e que seu poder advém das instituições ao qual pertence. Há uma relação entre leis e instituições em que interagem também os discursos. Há um ordenamento discursivo. O sujeito não é livre para criá-lo, alterá-lo. Para Bakhtin/volochínov esta relação é influenciada pelas condições econômicas sociais, teoria proveniente de uma filosofia marxista da linguagem. (BAKHTIN, 2010 p. 32, 40-48).

Em Foucault, os saberes participantes da construção dos discursos, constituem-se por meio de práticas políticas e também econômicas e com o saber o homem obtém o poder. Logo, não são as condições econômicas as determinantes para as formações discursivas, mas sim as possibilidades de se obter o saber, ainda que influenciado economicamente. Por mais que essas possibilidades sejam influenciadas por condições econômicas, provenientes da luta de classes, sugerindo um poder repressor, o poder pode até reprimir, mas também é capaz de normalizar, disciplinar, produzir e reproduzir saber. Enquanto elemento fundamentador do discurso, o poder é prática social construída historicamente e não apenas economicamente, mesmo inserido em determinada época (FOUCAULT, 2010, p.172, 179).

Dessa forma, entende-se que ambos os conceitos desenvolvidos por Foucault e Bakhtin, ainda que fluam por caminhos diferentes são relevantes

enquanto instrumentos na metodologia de análise de discurso, uma vez que não se anulam, justamente por tratarem algumas questões do discurso embora, sob perspectivas parcialmente distintas. É perfeitamente exequível se fazer uma análise dos discursos, dos enunciados, tendo por base esses dois autores.

Bakhtin/Volochínov faz uma análise econômica do discurso, por ter um viés marxista considerando o poder como dominação de classes e aparelho de Estado. Foucault apresenta uma análise política do discurso, e não estritamente econômica, permitindo identificar e compreender o poder que ele carrega em outras escalas da sociedade, como no caso das instituições psiquiátricas e penais designadas para a normalização dos indivíduos. (FOUCAULT, 2010, p. 6, BAKHTIN 2010, p. 196).

Tanto Foucault como Bakhtin reforçam a ideia do homem como ser histórico, situado em um contexto, trazendo consigo a marca dos acontecimentos, que os revela e deste carrega a união, o conflito, a desagregação. Ambos consideram o homem, marcado pela linguagem através da história. Um, porém, lança-se para uma análise de filosofia marxista da linguagem, o outro, para uma análise política e nisso se complementam, o que viabiliza a utilização de ambos na execução dos estudos a seguir.

4.0 DADOS REFERENCIAIS DO OBJETO DE ESTUDO

O capítulo presente destaca algumas informações sobre as revistas *Época* e *Scientific American Brasil*, enquanto veículo de comunicação midiática impressa. Nessa seção, os dados referenciais do objeto de estudo resumem-se brevemente na apresentação organizacional do mesmo, junto com a caracterização da estrutura do veículo de comunicação, suas seções, seus dados históricos, seus índices de distribuição e popularidade. Há também a exposição de gráficos e tabelas que ressaltam, em dados quantitativos, o segmento editorial das revistas. As informações que provêm daí são estritamente complementares para reafirmar a linha editorial de tais meios comunicativos.

O levantamento desses conteúdos característicos se fez necessário já que é por meio dele que se pode conhecer, ainda que superficialmente, os meios de onde fluem as reportagens. Lembra-se que o intuito é perceber de que forma a tecnologia foi representada nas reportagens com a finalidade de propor reflexões acerca do tema discutido, e que as informações dispostas neste capítulo contribuem, portanto, para que o objetivo seja alcançado.

4.1 REVISTA ÉPOCA

Por ser a Revista *Época* uma das mais representativas revistas no Brasil e por estar vinculada a uma das empresas de comunicação mais influentes no país é que se despertou o interesse em escolhê-la como objeto de onde uma das reportagens, em questão neste estudo, é extraída.

A história da editora responsável pela veiculação da Revista *Época* inicia-se em 1952, no Rio de Janeiro. A Rio Gráfica Editora, empresa das Organizações Globo, firma-se nas duas décadas subsequentes como editora de periódicos e quadrinhos. Dentre as revistas lançadas pela Rio Gráfica Editora estão: *Sítio do Picapau Amarelo* em 1977 e *Globo Rural* em 1985.

Em 27 de agosto de 1986 a Editora Globo de Porto Alegre, fundada pela família Bertaso em 1883 e com reconhecida tradição na publicação de livros, é comprada pelo Rio Gráfica Editora. Passa a editar livros dos autores Monteiro

Lobato, Oswald de Andrade, Mario Quintana, Cyro dos Anjos, Hilda Hilst, W. Somerset Maugham, E.M. Forster e Aldous Huxley e revistas que surgem na sequência como: *Criativa* em 1989, *Globo Ciência* em 1991 (que em 1998 passaria a se chamar *Galileu*), *Marie Claire* em 1991, *Net* em 1994 (que em 2003 passaria a se chamar *Monet*).

A Revista *Época* foi fundada em 1998, lançada em 25 de maio, sustentada pela missão definida como:

A missão da *Época* é investigar e ajudar a entender o complexo mundo contemporâneo. É antecipar as tendências e captar o espírito do nosso tempo. É perseguir, toda semana, as principais notícias para delas extrair uma agenda de construção do amanhã. É aliar a força investigativa à capacidade analítica. É jogar luz no que há de mais relevante na atualidade, converter informação em conhecimento, transformar a confusão em clareza. (Época, 2011).

Pelo texto sobre a missão da *Época* é possível perceber que tal veículo de jornalismo não objetiva apenas informar, mas esclarecer, pesquisar e contribuir para a formação do cidadão, tanto no tempo presente, quanto influenciando no futuro, criando condições para uma sociedade esclarecida. Esses objetivos podem estar vinculados a uma tradição iluminista e ilustrada, de levar o esclarecimento ao que está obscuro, recuperando um ideal moderno da época do Iluminismo francês.

Com a sua entrada no mercado, o percentual de exemplares das revistas *Veja* e *IstoÉ*, primeira e segunda colocadas respectivamente, no ranking de revistas mais conhecidas e com maior tiragem no mercado brasileiro, caía. No ano em que foi lançada, 1998, a média nacional de circulação da *Época* representava 16%. Em 1999, *Época* ultrapassa a *IstoÉ*, e aparece em segundo lugar, com uma média de 486.000 exemplares por ano, enquanto que a *IstoÉ*, com 354.000. (NASCIMENTO, p. 23, 2002).

Segundo o jornalista e mestre em Ciência Ambiental Fabrício Fonseca Ângelo em *O jornalismo ambiental como ferramenta para a sustentabilidade*, a revista impressa de publicação semanal, é voltada, sobretudo, para as classes A e B, que são consideradas público alvo de uma revista com essa característica (ÂNGELO, p. 49, 2008).

A Associação Nacional de Editores de Revistas – ANER, informa em seu *web site* que a *Época* apresenta uma grande tiragem no ramo, com média de circulação estimada em 420 mil exemplares, entre os anos de 2008 e 2009, permanecendo no

segundo lugar no ranking, segundo dados coletados pelo Instituto Verificador de Circulação – IVC. A ANER também divulga que a capa da *Época* foi eleita a melhor dos anos de 2009 e 2010, conforme a votação popular realizada via internet (ANER, 2013).

A *Época* é uma revista estruturada em seções, geralmente apresentadas na segunda folha, antes do Editorial, as quais delimitam os temas por área de conhecimento e organizam a apresentação das informações. São definidas pelos nomes: Nossos Colunistas, Entrevista da Semana, Primeiro Plano, Brasil, Ciência e Tecnologia, Negócios e Carreira, Mundo, Sociedade, Saúde e Bem-Estar, Vida Útil e Mente Aberta. Apresenta também espaço para publicidades, bem como errata e resposta aos leitores que entram em contato com a revista, pela apresentação de críticas, sugestões ou comentários sobre as notícias difundidas.

O site de notícias Noticiaki informa que a *Época* possui um modo editorial e gráfico inspirado na revista Focus,¹⁹ justamente por valorizar figuras e gráficos na exibição das reportagens. Ela também publica uma edição especial intitulada *Época Negócios*, voltada às empresas e pequenos proprietários (NOTICIAKI, 2013).

Em resumo, a *Época* pode ser definida como uma revista de circulação semanal, publicada pela Editora Globo, com abrangência nacional, incluindo em sua categoria de notícias diversos temas tais como, sociedade, política, economia, ciência, saúde, tecnologia, meio ambiente, entretenimento e cultura.

Realizou-se um levantamento de dados quantificáveis, que reafirmam o caráter editorial da revista e também demonstram com que frequência foram veiculadas notícias sobre meio ambiente em destaque primário, sendo este a reportagem da capa; e secundário, representando as chamadas de notícias, ou seja, os artigos a serem noticiados ao longo da revista, também citados em capa, porém com texto em menor destaque. Os gráficos e tabelas a seguir reúnem os dados verificados durante o período que compreende os anos de 2009 a 2011.

O conceito de meio ambiente pode ser bastante amplo e divergente em suas peculiaridades. Em geral envolve tudo o que é vivo ou não, e que ocorre na Terra ou em alguma região dela, afetando os ecossistemas e a vida humana. Para a ONU, meio ambiente é a reunião de elementos físicos, químicos, biológicos ou sociais capazes de afetar direta ou indiretamente, em um prazo curto ou longo, todos os

¹⁹ Revista internacional de origem alemã.

seres vivos e as atividades humanas (SIGNIFICADOS, 2013). É baseado nessa conceituação que se classifica como “meio ambiente” o gênero temático das revistas *Época* e *Scientific American Brasil* que tratam desses assuntos, no qual as reportagens analisadas também se enquadram. No caso da *Época* não há nenhuma seção para se discutir em específico assuntos desse teor. Mas pela análise do material, verificou-se a relação desse tema sendo apresentada no formato de reportagens avulsas de duas formas distintas: associada às questões de ciência e tecnologia, economia e sociedade com uma abordagem que valoriza o caráter ecológico, ou a questões de fenômenos físicos e desastres naturais, com uma abordagem que valoriza o trágico. É nesse sentido que se dividiu o gênero temático em “meio ambiente tragédia” e “meio ambiente sustentabilidade”. A revista, contudo, apresenta um caderno intitulado “Brasil Meio Ambiente” que veicula sem regularidade definida e que é exibido como tópico quando se pretende destacar uma reportagem com esse teor.

Ressaltam-se as partes coloridas em alaranjado na tabela destacando os maiores índices de frequência de inserção anual das reportagens de capa. Já as divisões coloridas em verde, tanto na tabela, quanto no gráfico destacam as frequências anuais das inserções de reportagem sobre meio ambiente.

Destaque principal de capa	Frequência	Frequência %
Economia nacional	5	9,8%
Economia internacional	1	2,0%
Economia nac./internacional	1	2,0%
Ciência e Tecnologia	6	11,8%
Meio ambiente tragédia	0	0,0%
Meio ambiente sustentabilidade	2	3,9%
Saúde e Bem estar	8	15,7%
Sociedade arte cultura	1	2,0%
Sociedade comportamento	14	27,5%
Sociedade educação	0	0,0%
Sociedade esportes	1	2,0%
Sociedade religião	2	3,9%
Sociedade tragédia	1	2,0%
Política nacional	6	11,8%
Política internacional	2	3,9%
Política nac./internacional	1	2,0%

Tabela 1 – Verificação de frequência das reportagens com destaque principal na capa da Revista *Época* no ano de 2009.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

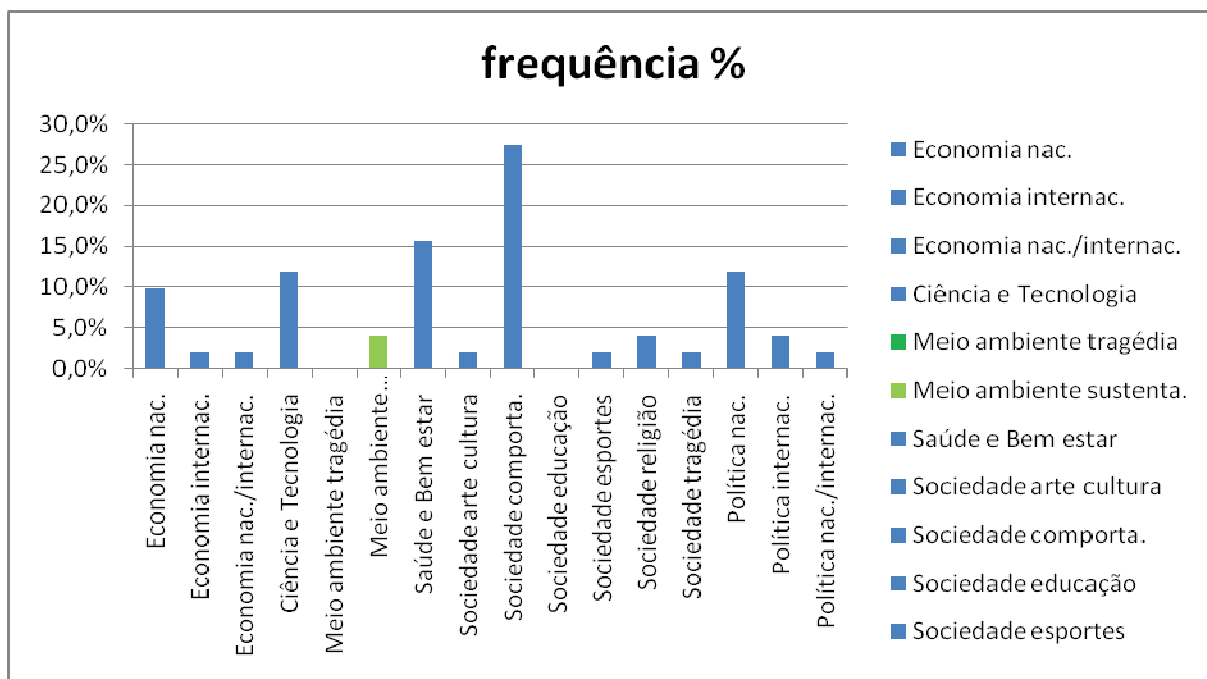


Gráfico 1 – Verificação de frequência das reportagens com destaque principal na capa da Revista *Época* no ano de 2009.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

Destaque secundário de capa	Frequência	Frequência %
Economia nacional	9	9,0%
Economia internacional	3	3,0%
Economia nac./internacional	1	1,0%
Ciência e Tecnologia	10	10,0%
Meio ambiente tragédia	1	1,0%
Meio ambiente sustentabilidade	5	5,0%
Saúde e Bem estar	5	5,0%
Sociedade arte cultura	8	8,0%
Sociedade comporta.	15	15,0%
Sociedade educação	4	4,0%
Sociedade esportes	3	3,0%
Sociedade religião	2	2,0%
Sociedade tragédia	4	4,0%
Política nac.	20	20,0%
Política internacional	8	8,0%
Política nac./internacional	2	2,0%

Tabela 2 – Verificação de frequência das reportagens com destaque secundário na capa da Revista *Época*, no ano de 2009.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

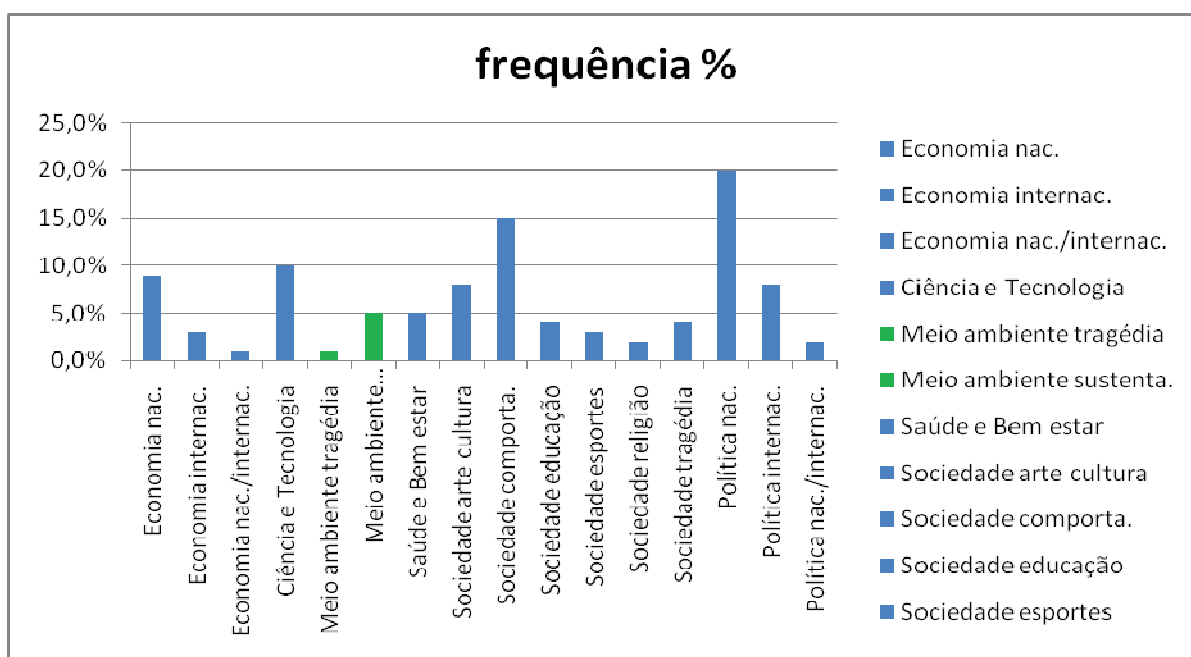


Gráfico 2 – Verificação de frequência das reportagens com destaque secundário na capa da Revista *Época* no ano de 2009.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

Destaque principal de capa	Frequência	Frequência %
Economia nac.	0	0,0%
Economia internac.	0	0,0%
Economia nac./internac.	3	6,4%
Ciência e Tecnologia	5	10,6%
Meio ambiente tragédia	2	4,3%
Meio ambiente/sustentabilidade	1	2,1%
Saúde e Bem estar	6	12,8%
Sociedade arte cultura	3	6,4%
Sociedade comporta.	8	17,0%
Sociedade educação	2	4,3%
Sociedade esportes	1	2,1%
Sociedade religião	2	4,3%
Sociedade tragédia	2	4,3%
Política nacional	12	25,5%
Política internacional	0	0,0%
Política nac./internacional	0	0,0%

Tabela 3 – Verificação de frequência das reportagens com destaque principal na capa da Revista *Época* no ano de 2010.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

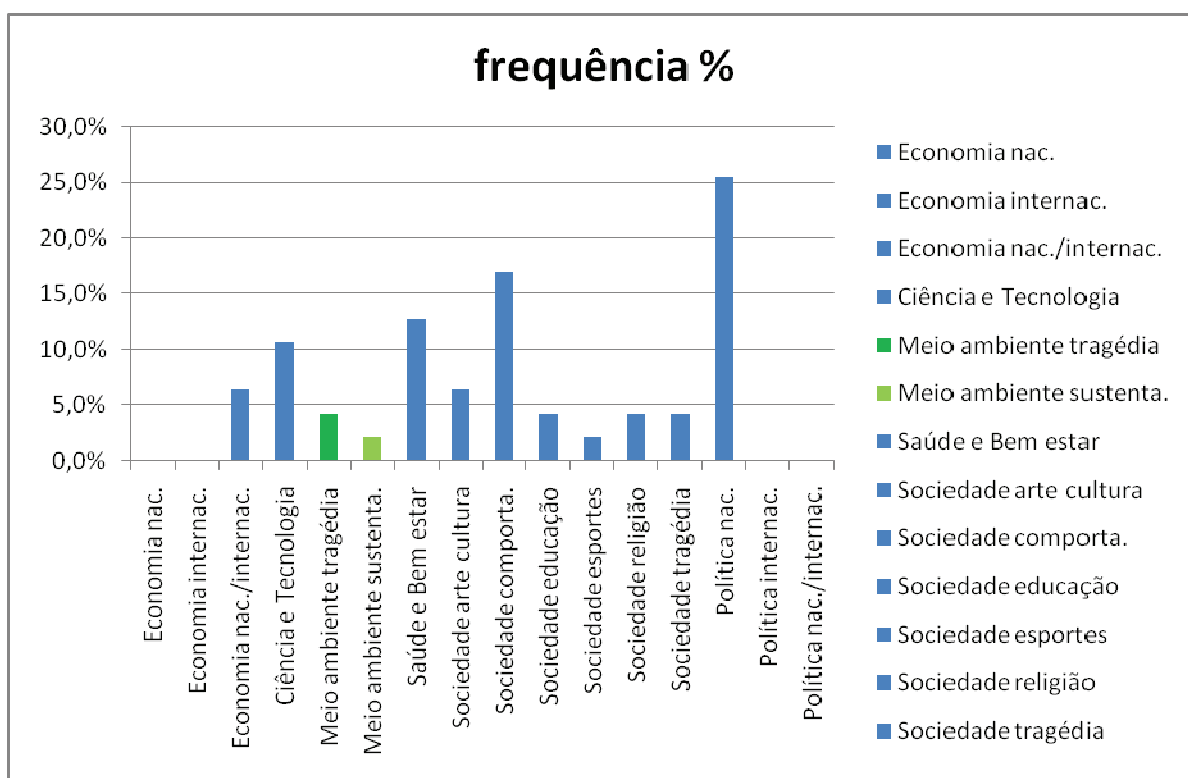


Gráfico 3 – Verificação de frequência das reportagens com destaque principal na capa da Revista *Época* no ano de 2010.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

Destaque secundário de capa	Frequência	frequência %
Economia nacional	4	3,9%
Economia internacional	0	0,0%
Economia nacional/internacional	4	3,9%
Ciência e Tecnologia	12	11,8%
Meio ambiente tragédia	5	4,9%
Meio ambiente sustentabilidade	0	0,0%
Saúde e Bem estar	8	7,8%
Sociedade arte cultura	13	12,7%
Sociedade comporta.	13	12,7%
Sociedade educação	2	2,0%
Sociedade esportes	7	6,9%
Sociedade religião	2	2,0%
Sociedade tragédia	5	4,9%
Política nacional	21	20,6%
Política internacional	4	3,9%
Política nacional/internacional	2	2,0%

Tabela 4 – Verificação de frequência das reportagens com destaque secundário na capa da Revista *Época* no ano de 2010.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

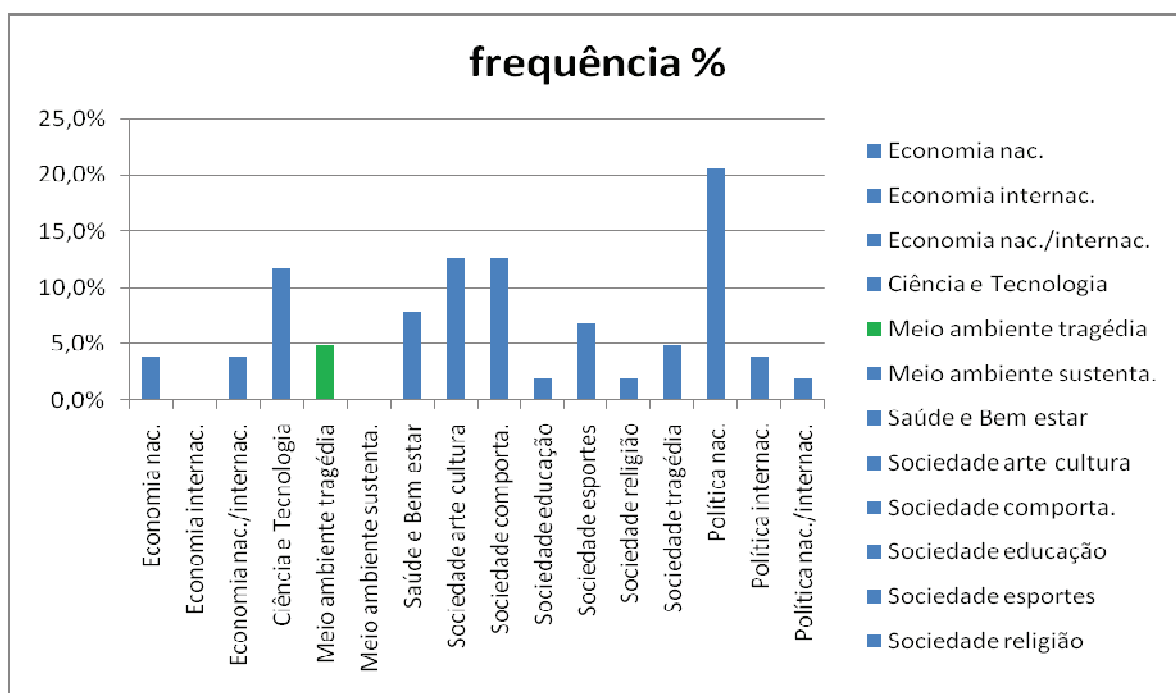


Gráfico 4 – Verificação de frequência das reportagens com destaque secundário na capa da Revista *Época* no ano de 2011.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

Destaque principal de capa	Frequência	Frequência %
Economia nacional	4	8,7%
Economia internacional	0	0,0%
Economia nac./internacional	0	0,0%
Ciência e Tecnologia	5	10,9%
Meio ambiente tragédia	3	6,5%
Meio ambiente sustentabilidade	1	2,2%
Saúde e Bem estar	5	10,9%
Sociedade arte cultura	2	4,3%
Sociedade comportamento	10	21,7%
Sociedade educação	2	4,3%
Sociedade esportes	0	0,0%
Sociedade religião	0	0,0%
Sociedade tragédia	3	6,5%
Política nacional	6	13,0%
Política internacional	2	4,3%
Política nac./internacional	3	6,5%

Tabela 5 – Verificação de frequência das reportagens com destaque principal na capa da Revista *Época* no ano de 2011.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

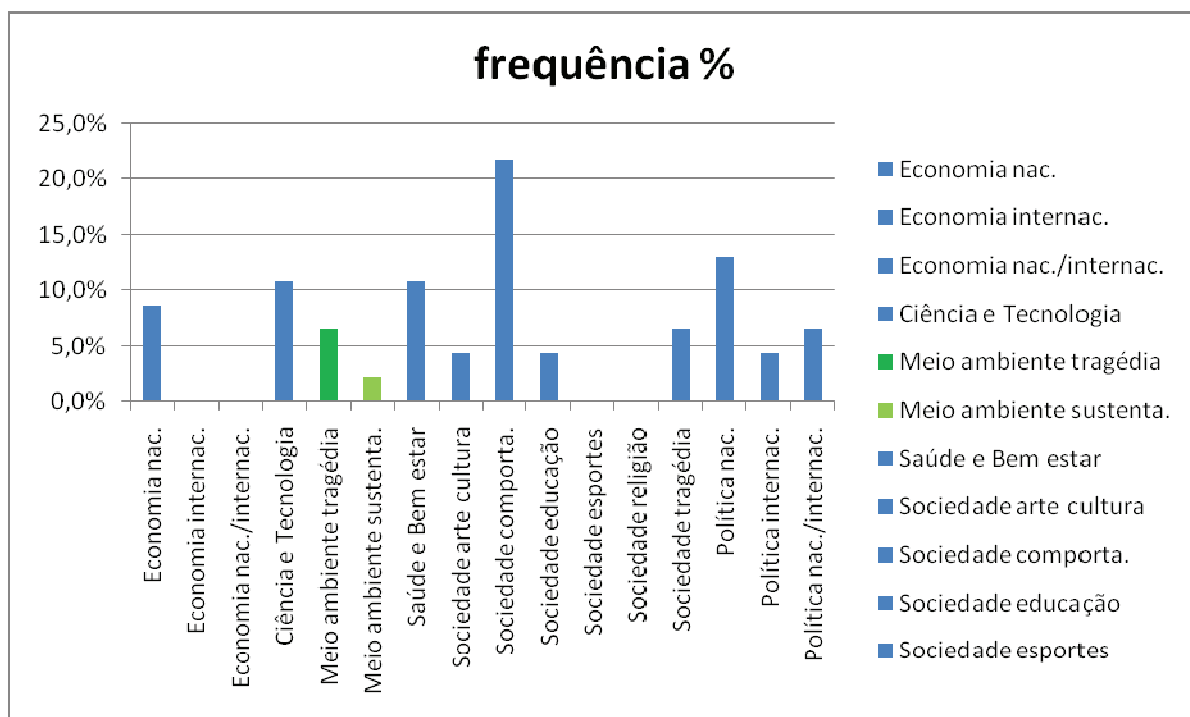


Gráfico 5 – Verificação de frequência das reportagens com destaque principal na capa da Revista *Época* no ano de 2011.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

Destaque secundário de capa	Frequência	Frequência %
Economia nacional	2	2,2%
Economia internacional	1	1,1%
Economia nac./internacional	2	2,2%
Ciência e Tecnologia	13	14,4%
Meio ambiente tragédia	1	1,1%
Meio ambiente sustentabilidade	1	1,1%
Saúde e Bem estar	2	2,2%
Sociedade arte cultura	7	7,8%
Sociedade comportamento	17	18,9%
Sociedade educação	3	3,3%
Sociedade esportes	4	4,4%
Sociedade religião	1	1,1%
Sociedade tragédia	5	5,6%
Política nacional	16	17,8%
Política internacional	11	12,2%
Política nac./internacional	4	4,4%

Tabela 6 – Verificação de frequência das reportagens com destaque secundário na capa da Revista *Época* no ano de 2011.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

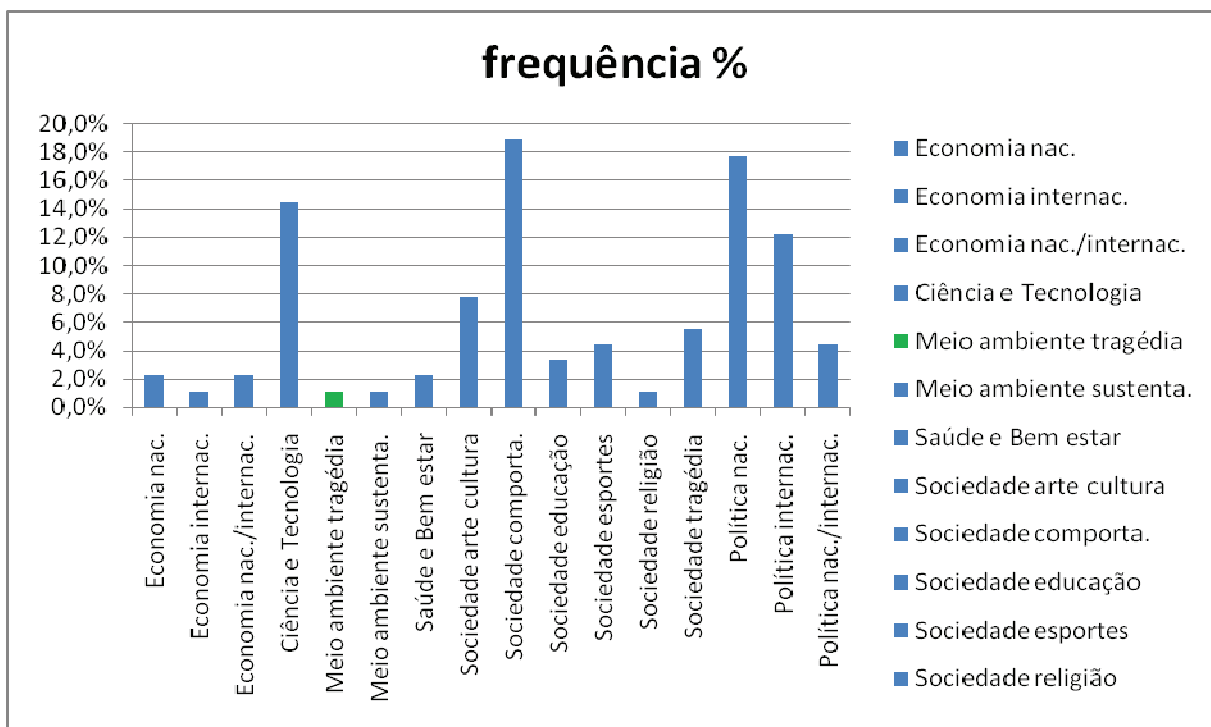


Gráfico 6 – Verificação de frequência das reportagens com destaque secundário na capa da Revista *Época* no ano de 2011.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

Pela observação dos dados referentes às reportagens de capa percebeu-se que a Revista *Época* busca destacar, em primazia, temas que dizem respeito ao comportamento da sociedade e à questão da política nacional. Notou-se relevante a inserção dos temas ciência e tecnologia e saúde e bem-estar, mas ainda sim tal temática é menos debatida em relação aos assuntos políticos e aos relacionados ao comportamento dos indivíduos, dado um contexto social.

Nos três anos observados, notou-se que o tema meio ambiente e natureza sempre esteve associado à tragédia e à sustentabilidade, justificando-se assim a nomeação utilizada no processamento das informações na tabela e no gráfico. A primeira, relacionada a alguma catástrofe ecológica causada pela própria natureza ou pelo homem e a segunda, relacionada às iniciativas empresariais e governamentais na tentativa de promover uma relação mais harmônica entre a sociedade e o meio ambiente em função da extração de seus recursos naturais, sendo que estas foram identificadas em menor relevância em relação às notícias sobre desastres naturais.

Não é, portanto, foco da revista discutir assuntos sobre a qualidade do meio ambiente com essa abordagem. Com efeito, não se verificou uma associação direta

do tema meio ambiente natural com a inovação de aparatos tecnológicos. Há sim, uma relação entre a tecnologia e o meio ambiente, verificada nos discursos selecionados e analisados, mas tal relação se dá dentro das reportagens, não em forma de secção específica para discussão ou de chamada noticiosa presente nas capas.

4.2 REVISTA *SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL*

A revista *Scientific American Brasil*, também informalmente conhecida pela abreviação *SciAm*, é notável por ter uma história que se iniciou há dois séculos. Quando foi fundada em 1845, nos Estados Unidos, caracterizava-se pelas veiculações que enfatizavam, sobretudo, fatos relacionados ao Escritório de Patentes dos Estados Unidos, que licenciava descobertas científicas. Até 1948, suas publicações sobre ciência e tecnologia destinavam-se a um público intelectualizado academicamente, em se tratando de conhecimento científico. A partir dessa data, passou a tratar dos seus temas de interesse, de modo mais abrangente ao conhecimento das massas, tornando-se, nesse sentido, mais popularizada.

Em 1986, passou a pertencer ao grupo alemão Holtzbrincz, ao qual está vinculada atualmente. No Brasil é editada desde 2002, pela Duetto Editorial, editora fundada em 2001, sendo resultado da junção de duas editoras brasileiras, a Ediouro Publicações e a Editora Segmento.

Seu alcance internacional existe desde 1890, quando publicou sua primeira edição em língua estrangeira, o espanhol. Apesar de a publicação ter sido suspensa em 1905, sessenta e três anos depois, a revista veio a lançar edições em italiano, japonês, chinês e árabe. Atualmente é editada em vinte países e pode ser encontrada em dezesseis idiomas diferentes: italiano, japonês, chinês, árabe português do Brasil, checo, holandês, francês, alemão, grego, hebraico, coreano, lituano, polonês, romeno e russo. O Brasil é o vigésimo país a editar essa revista.

Desde sua primeira edição, a *SciAm* tem divulgado valorosas descobertas científicas e inovações tecnológicas, dentre elas a lâmpada, o telefone, o raio X, a televisão, viagens interplanetárias, descobertas sobre o átomo, a descoberta do DNA, a fibra ótica e o desenvolvimento do computador.

Entre os articulistas que contribuíram para o renome da revista, destacam-se mais de 200 ganhadores do prêmio Nobel, dentre eles Albert Einstein, Niels Bohr, Robert Hofstadter, dentre outros. Já teve também em seus meios comunicativos a contribuição de outros cientistas renomados como, por exemplo, a publicação dos esquemas de telefone de Alexander Graham Bell e da lâmpada incandescente de Thomas Edison, concedidos à revista pelos mesmos períodos²⁰ entre 1876 a 1879.

Sua estrutura é organizada em seções que servem para delimitar assuntos, apresentados nas primeiras folhas, definidos pelos nomes: Pontos de Vista, Cartas, Memórias e Bloco de Notas, Livros, Massa Crítica, Telescópio, Desenvolvimento Sustentável e Observatório.

Em resumo, a *SciAm* pode ser considerada uma revista de abrangência internacional, categorizada pela informação dos progressos científicos e tecnológicos, com frequência mensal de publicação, tiragem²¹ total em média de 476.867 exemplares por ano, pertencente atualmente à Companhia *Nature Publishing Group*.²²

Realizou-se um levantamento de dados quantificáveis, para verificar com que frequência foram veiculadas notícias sobre meio ambiente, as quais estiveram em destaque primário, que nessa pesquisa nomeamos como notícia de capa. Verificou-se também o índice de inserções de notícias sobre meio ambiente relacionadas às vertentes temáticas observadas na revista, sendo estas: sustentabilidade, biodiversidade, biotecnologia, evolucionismo e futurologia. Também se observou se as mesmas estiveram em destaque secundário representado pelas chamadas de notícias, constantes nas capas e com menor predominância. As tabelas a seguir apresentam os dados verificados durante o período que compreende os anos de 2009 a 2011.

Os temas delimitadores contidos nas tabelas como destaque principal de

²⁰ Fonte: http://www2.uol.com.br/sciam/sciam_no_mundo/sciam_no_mundo.html Acesso em 18/11/11 às 12h18.

²¹ Segundo Audit Bureau of Circulations disponível em: http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&langpair=en%7Cpt&u=http://en.wikipedia.org/wiki/Scientific_American Acesso em 18/11/11, às 11h38.

²² Nature Publishing Group (NPG) é uma organização internacional editorial que publica revistas acadêmicas, bancos de dados on-line e serviços sobre as áreas de conhecimento da, física, química, ciências aplicadas e medicina clínica. É propriedade do grupo Holtzbrink. Fonte: http://translate.google.com.br/translate?hl=ptBR&langpair=en%7Cpt&u=http://en.wikipedia.org/wiki/Scientific_American. Acesso em 18/11/ 11, às 12h00.

capa, apresentados como base de referência foram extraídos da revista a partir de uma observação em que se notou a característica do assunto noticiado em relação à área de conhecimento apresentada pela revista. Nessa coleta, a frequência representa a quantidade de vezes em que o tema central meio ambiente e suas vertentes- sustentabilidade, biodiversidade, biotecnologia, evolução e futurologia estiveram em destaque secundário.

Destaque principal capa	Frequência
Meio ambiente/sustenta.	1
Meio ambiente/futurologia	0
Meio ambiente/evolucionismo	3
Meio ambiente/ biotecnologia	0
Física/astronomia	2
Neurociência	0
Embriologia	0
Ciência e Tecnologia	0
Física	4
Astronomia	2
Comportamento Social	0
Meio ambiente: 4	33%

Tabela 7 – Verificação da frequência das reportagens em destaque primário na capa da Revista *Scientific American Brasil*, 2009.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

Mês	Frequência*²³
Janeiro	1
Fevereiro	3
Março	0
Abril	2
Maio	5
Junho	1
Julho	3
Agosto	2
Setembro	1
Outubro	1
Novembro	1
Dezembro	1

Tabela 8 – Verificação da frequência das reportagens em destaque secundário na capa da Revista *Scientific American Brasil*, 2009.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

²³ * Quantidade de vezes em que o tema central meio ambiente e suas vertentes, sustentabilidade, biodiversidade, biotecnologia, evolução e futurologia estiveram em destaque secundário.

Destaque principal capa	Frequência
Meio ambiente/sustenta.	2
Meio ambiente/futurologia	1
Meio ambiente/biotecnologia	0
Meio ambiente/evolucionismo	1
Física/astrologia	1
Neurociência	2
Embriologia	1
Ciência e Tecnologia	1
Física	1
Astronomia	2
Química	0
Comportamento social/psicologia	0
Meio ambiente: 4	33%

Tabela 9 – Verificação da frequência das reportagens em destaque primário na capa da Revista *Scientific American Brasil*, 2010.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

Mês	Frequência
Janeiro	1
Fevereiro	3
Março	3
Abril	2
Maio	1
Junho	3
Julho	0
Agosto	4
Setembro	2
Outubro	3
Novembro	1
Dezembro	3

Tabela 10 – Verificação da frequência das reportagens em destaque secundário na capa da Revista *Scientific American Brasil*, 2010.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

Destaque principal capa	Frequência
Meio ambiente/sustenta.	0
Meio ambiente/futurologia	2
Meio ambiente/evolucionismo	1
Meio ambiente/ biotecnologia	1
Física/astronomia	1
Neurociência	2
Embriologia	0
Ciência e Tecnologia	1
Física	2
Astronomia	1
Química	1
Comportamento social/psicologia	0
Meio ambiente: 4	33%

Tabela 11 – Verificação da frequência das reportagens em destaque primário na capa da Revista *Scientific American Brasil*, 2011.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

Mês	Frequência
Janeiro	1
Fevereiro	3
Março	2
Abril	1
Maio	2
Junho	1
Julho	2
Agosto	2
Setembro	2
Outubro	9
Novembro	0
Dezembro	3

Tabela 12 – Verificação da frequência das reportagens em destaque secundário na capa da Revista *Scientific American Brasil*, 2011.

Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

Verificou-se na revista *SciAm* que o tema meio ambiente é relacionado à quatro diferentes áreas do conhecimento: sustentabilidade, futurologia, evolucionismo e biotecnologia. Na *SciAm*, o tema meio ambiente está mais correlacionado à ciência e à tecnologia, enquanto que na revista *Época*, correlaciona-se mais à economia e a fatalidades. Observou-se 33% de inserções anuais de notícias em destaque principal na capa, sendo que tal frequência foi idêntica nos três anos consecutivos observados. A temática é bastante relevante, uma vez que foi discutida pelo menos uma vez por mês como notícia em destaque secundário, ao longo de

onze meses verificados em cada ano analisado. Isso ressalta o seu caráter editorial de discussão científica e acadêmica, mas abrangendo classes que não sejam exclusivamente acadêmicas ou científicas. O fato de que a degradação ambiental nos Estados Unidos, país onde é produzida, já estar em situação bastante problemática, pode ser uma hipótese para a ênfase nesse tema. Há outra possibilidade, talvez haja um interesse em firmar a ideia de consciência coletiva sobre meio ambiente, por se tratar de uma revista de circulação internacional.

O discurso sobre meio ambiente aí ocorre associado ao seu contexto histórico. Os EUA se industrializaram já no século XIX, sobretudo na região norte do país. Esse processo industrialização no modelo ocidental levou a degradação ambiental. Essa pressão real no meio ambiente faz com que discursos de vários gêneros se destaquem sobre o tema. No Brasil que adentra o universo da industrialização sistemática só no século XX, esses discursos demoram a acontecer. Outra possibilidade de se explicar essa emergência discursiva nesse periódico, se dá pelo motivo de que ele circula internacionalmente, abrangendo, sobretudo a Europa, que também teve o seu processo de industrialização no século XVIII e XIX, gerando impactos no meio ambiente e uma produção de discursos sobre a temática referida mais frequente e de modo mais específico e sistemático.

Para a análise da reportagem baseada na metodologia da análise do discurso escolheu-se um artigo, reportagem de capa da revista *Scientific American Brasil* de junho de 2010, com o título: “*Preservar o futuro da terra*”, a ser apresentado no capítulo cinco.

5.0 A ANÁLISE DAS REPORTAGENS: PRÁTICA DISCURSIVA E REPRESENTAÇÃO DA TECNOLOGIA

Este capítulo aprecia as reportagens selecionadas para a análise, bem como o detalhamento da metodologia aplicada, a forma de análise dos resultados e algumas considerações reflexivas baseadas nas teorias de Bakhtin e Foucault.

Pretende-se observar o debate da preservação ambiental e da sustentabilidade em conexão com as possíveis representações da tecnologia, conforme propõe o esquema de Dagnino (2010) visto no capítulo dois.

Torna-se objeto de análise para a verificação da linha de pensamento condutora do debate, no âmbito social em que o jornalismo se faz presente, uma notícia da Revista *Época* e uma notícia da Revista *Scientific American Brasil*. A partir de bases teóricas provenientes da análise do discurso, interpretam-se os textos jornalísticos do referido *corpus*, buscando identificar o sujeito locutor e seus interlocutores, bem como os procedimentos prescritivos para a construção dos discursos. A análise não se foca no público leitor real das revistas, mas no discurso que se constrói a partir do fenômeno que compreende a reportagem em revista. O público leitor, porém, pode ser afetado pelo discurso jornalístico, uma vez que é informado e pela informação pode ou não ser influenciado em suas decisões. Lembra-se que a conexão entre o discurso jornalístico, a formação de opinião e tomada de decisão acontece, mas não de igual modo para todo o interlocutor e não cabe aqui voltar a análise para esse sentido.

Considerando-se um universo de diferentes possibilidades de interpretação sobre a tecnologia, a linguagem jornalística é favorável à veiculação e retratação acerca do tema, podendo até mesmo fortalecer opiniões e influenciar decisões. Diariamente leitores de revistas formam opiniões, não apenas por meio daquilo que leem, mas o que leem, de fato, pode estar relacionado àquilo que pensam e decidem fazer.

Cada época, segundo Bakhtin/Volochínov, tem seu repertório de gêneros discursivos. Nossa época tem no jornalismo uma grande predominância. É um discurso bastante procurado para se obter formação e informação.

O interlocutor a ser apreciado é interno ao discurso, uma vez que, nos embasamos nos referidos filósofos da linguagem. Não há enunciado sem interlocutor e cada enunciado somente adquire significado no meio social. O sujeito

que enuncia tem em vista a audiência de seu discurso e o formaliza a partir da imagem que faz mesma. Portanto, o interlocutor é interno ao discurso.

Com a escolha das notícias de duas diferentes revistas, pretendeu-se verificar se a representação da tecnologia acontece de igual modo nas duas reportagens, o que pode acontecer por meio de procedimentos prescritivos diferentes na construção dos discursos os quais serão, para tanto, verificados.

5.1 REPRESENTAÇÕES DA TECNOLOGIA: REVISTA *ÉPOCA*

O estudo, a seguir, concentra-se no discurso da reportagem veiculada pela Revista *Época* com data de publicação em 21 de junho de 2010. Focam-se as representações da tecnologia e o seu envolvimento com as questões ambientais.

5.1.2 Matéria de 21 de junho de 2010

Resumo da matéria: “Proteger menos para preservar mais”: lei de florestas atual não evita o desmatamento nem incentiva a produção. O Congresso tem agora o desafio de criar regras menos idealistas, sem liberar a devastação.

Essa matéria foi noticiada no caderno “Brasil Meio Ambiente”, cuja veiculação na revista não apresenta uma regularidade definida. Não foi destaque em capa, mas preencheu três folhas completas. A reportagem é organizada pela jornalista Aline Ribeiro e apresenta a seguinte problemática: o Código Florestal Brasileiro de 1934, com revisão em 1965, e a sua difícil aplicabilidade no que concerne especialmente na proibição das plantações já existentes ocuparem áreas de proteção como matas ciliares, topos e encostas de morro. A reportagem caracteriza-se pela defesa do projeto de lei do deputado Aldo Rebelo no que concerne à revisão do Código para proteger a produção agrícola, aumentar a produtividade e retirar os produtores da ilegalidade em que se encontram. Algumas soluções tecnológicas são apresentadas a fim de maximizar a produção.

O cenário inicial se encontra nas serras gaúchas em que colonos ali estabelecidos e, plantando em locais tornados ilegais pelo Código, acham-se ameaçados pela legislação. Esse cenário, no entanto, expande-se para o âmbito

brasileiro agrícola. A jornalista não é a única organizadora da matéria, já que em um jornal a reportagem passa por vários setores e processos antes de ser definitivamente publicada. Mas é ela quem assina, sendo, portanto, na visão de Bakhtin/Volochínov, a sua autora, estando a sua presença na escolha de recursos discursivos agenciados para construir uma dada opinião, informar e esclarecer sobre o tema. As imagens, as fontes, a disposição do texto nas páginas, a quantidade de texto verbal, os discursos de autoridade ou de tradição, os enquadramentos das vozes alheias, a seleção dos elementos vocabulares e sintáticos, são usados para informar o leitor, defendendo uma determinada verdade sobre o código e, sobretudo, a necessidade de sua revisão. Há, portanto, um centro organizador do discurso. A investigação pretende verificar se esse centro se orienta por uma visão mais aberta que abriga a contradição entre os posicionamentos e falas que incorpora, ou se tende a reforçar uma idéia, uma certeza, uma visão, tornando-se monológico e conclusivo. A linguagem, contudo, é dialógica, à medida que vários discursos são trazidos para o interior da reportagem, mas pode não ser polifônica, dando mais espaço a um grupo de vozes e não a outros.

Os locutores do discurso

Foram identificados sete locutores, sujeitos que emitem enunciados, que fazem parte da formação ideológica meio ambiente e sustentabilidade, por discutirem o tema na reportagem, mas que participam de formações discursivas distintas. Estas formações discursivas se distinguem pela posição ideológica e temática que apresentam e são representadas no discurso da lei, no discurso do colono, no discurso do legislador, no da jornalista, no das Ongs ambientalistas, no do acadêmico e dos ruralistas. Cada sujeito traz em seu discurso imediato e concreto formações discursivas que lhe dão credibilidade ou não. Há discursos de cunho nacionalista, outros que recuperam a tradição cultural e histórica de longa duração, outros matizados de xenofobismo e ainda os que advem da academia e de instituições internacionais de renome.

O discurso jornalístico enquadra as demais vozes referentes à outros discursos. Ele atua como centro organizador da reportagem, destacando principalmente dois sujeitos: o colono e o político. Ambos, além de serem os únicos a ter a fotografia estampada na matéria, são também os únicos a quem se presta o

espaço para a narração de uma breve história de suas vidas, desde a mocidade até o presente momento em questão. Com isso, percebe-se a tendência de reafirmação e evidência notória de ambos os discursos, enfatizando a necessidade de atendimento dos interesses agro-econômicos.

O discurso do colono

O colono recebe tratamento em destaque de página inteira, sendo mostrado em sua pequena propriedade de uvas na serra gaúcha. A imagem mostra também uma casa simples que se imagina ser de propriedade do mesmo. O colono aparece segurando suas videiras em atitude de apego e afeição ao objeto que produz. Ele tem um nome, conta-se a sua história que remonta a várias gerações, pois a terra foi herdada de seus antepassados. Cria-se uma narrativa desse sujeito e ela remete à tradição familiar da pequena propriedade da terra de imigrantes alemães no sul do Brasil. Esse sujeito tem uma concretude imagética e narrativa. Isso, pode formalizar uma certa identificação narrativa por parte do interlocutor da reportagem. Esses procedimentos auxiliam a identificação com esse locutor. Esse sujeito também tem uma fala direta, aspeada e enquadrada ao gênero jornalístico de discurso. O sujeito é alguém que transmite valor ideológico, à medida que produz enunciados, dado um determinado contexto (BAKHTIN, 2010, p.152)

O agricultor em foco é relatado como trabalhador que retira o seu sustento e de sua família da terra pelo cultivo de parreiras, herança recebida dos avôs. O problema dessa atividade está na ilegalidade praticada pela maioria dos colonos. A transgressão à lei se dá pelo fato de suas plantações ocuparem áreas de proteção como matas ciliares, topos e encostas de morros. Pelo discurso jornalístico, os agricultores já ocupavam a região antes mesmo da legislação existir.

Aqui, o discurso jornalístico conta a História da região e da tradição produtiva. Embora tal prática de agricultura esteja na ilegalidade, insere-se na categoria de ser quase inimputável uma vez que, no caso do colono, este sempre agiu assim, despreocupado com questões ambientais. Enfatiza-se essa situação a partir do seguinte excerto: “*Schiavenin e seus parceiros do campo estão ali muito antes da legislação existir (...)*”, o discurso apela ainda para uma questão moral e ética, visto que o agricultor afirma, em fala direta, que não teve problema de consciência, já que sempre agira do mesmo modo e nunca fora advertido a “*colocar a cabeça no travesseiro e dormir tranqüilo*”.

O agricultor é apresentado como um sujeito ligado à terra, em cujo local está a essência do seu trabalho. Uma vez que o trabalho esteja no centro da discussão, a incapacidade de realizá-lo a contento causada pelo poder da lei, pode provocar o sentimento de injustiça social, conferindo ao ato de desobediência à lei certa legitimidade ao agricultor, que não se sente culpado, portanto.

A argumentação também se expande para o domínio do econômico quando se destaca que a produção do agricultor vai para os supermercados. Sua atividade é enfatizada pela dependência econômica da região e também pelo fato de garantir que pelo menos 170 mil garrafas de vinho preencham as prateleiras dos supermercados. Aí se constrói outro cenário, ou seja, não mais da tradição ou da história, mas do mercado e da circulação de bens. O valor já não é só moral, familiar ou histórico, mas mercantil. Aqui, a questão da centralidade do trabalho digno e honesto também é agenciada para minimizar a irregularidade. A visão positiva sobre o trabalho como condição humana, é um discurso de circulação social e que também da sustentação para a reportagem.

Na sequência, a matéria mostra que o conflito com a lei não é apenas um problema para os produtores de uva do Rio Grande do Sul, mas preocupa o setor agrícola geral do Brasil, generalizando o problema, ou seja, o Brasil rural se acha parcialmente na ilegalidade. O discurso aqui atinge, um de seus objetivos, que é a defesa do agricultor em geral e a contestação da lei uma vez que o problema está com todos e a lei os tornará ilegais. O setor produtivo agrícola está na ilegalidade o que gera um problema de dimensão nacional. Aqui, sai do âmbito narrativo particularizado e chega ao geral, chamando para o texto ruralistas e grandes fazendeiros. No início tem-se o vocábulo “colono” remetendo à pequena propriedade, agora há os ruralistas, desdobrando-se para as grandes plantagens. No entanto, para não perder a sua narrativa inicial centrada no colono, a jornalista enfatiza que a lei “prejudica pequenos e grandes”. Porém seu intento vai se concretizando, ou seja, questiona a vigência do Código e o vê como obstáculo para a produção agrícola nacional. O discurso sai do particular, criando identificação e atinge o geral, apresentando o grande latifúndio. A mecânica discursiva vai do específico ao geral, do particular ao típico.

O discurso do político

O discurso político provém de um deputado e que representa a ordem da governança, tendo certa capacidade para interferir em situações e mediar interesses. A matéria relata a filiação do deputado ao Partido Comunista. Aqui o discurso é cauteloso, pois pela primeira vez, usa-se o vocábulo “latifundiários” para designar os ruralistas. Sabe-se que esse vocábulo tem conotação negativa visto que remete à Reforma Agrária, uso social da terra, MST e lutas fundiárias. O deputado é apresentado como comunista e a reportagem lembra que os políticos comunistas foram inimigos da propriedade privada, porém ressalta que o deputado é um comunista diferente. Utiliza-se, inclusive, o vocábulo “mas”, para informar que o deputado está ao lado da produção, do desenvolvimento do país e sabe fazer justiça ao grande proprietário, sujeito desse desenvolvimento.

A reportagem implicitamente faz alusão ao discurso que afirma a insensatez dos comunistas, mas que tem suas exceções, a ser confirmada no projeto fidedigno desenvolvido por um deputado comunista. A matéria faz questão de classificá-lo como “um nacionalista de linguajar erudito”, porém com projetos populares. Lembra os projetos de lei do deputado de banir estrangeirismo na Língua Portuguesa e da implantação do Dia do Saci-Pererê. A opinião do deputado é ressaltada várias vezes na matéria, revelando-se o seu caráter, salvacionista e nacionalista. Na visão dele, segundo a jornalista, o Brasil precisa aumentar a produção para combater a fome do mundo, mas ONGs estrangeiras pretendem impedir o desenvolvimento da agricultura brasileira.

Aqui, o discurso do deputado remete a uma formação discursiva maior, ou seja, o discurso nacionalista, pois da pequena propriedade, passa-se ao mundo e ao planeta. O Brasil pode acabar com a fome do mundo, mas o Código Florestal obstaculiza tal caráter messiânico. O vocábulo, “estrangeiras”, usado para designar as ONGs, advindo da voz do deputado, também corrobora para a visão negativa das ONGs, contrárias aos interesses nacionais.

Sabe-se que dentro de uma visão comunista, o foco deve ser a luta entre capital e trabalho, mas há também uma linha nacionalista que visa reforçar a ideia de economia local contra o capital estrangeiro. Essa perspectiva nacionalista contribui para a adesão ao discurso, visto que o nacionalismo, no senso comum, é pouco problematizado.

O deputado também recebe um tratamento imagético. Aparece de modo

iluminado e olhando para um certo horizonte como se fosse um idealizador visionário, lembrando até figuras hagiográficas. Nota-se que a imagem se localiza no topo direito da página e o deputado olha para cima como se o seu olhar transcendesse o lugar de onde ele fala, ou seja, o Brasil, uma vez que sua fala enfatiza o caráter messiânico do Brasil e dos ruralistas, cujo fito é acabar com a fome do planeta. Em decorrência da sua concretude, o deputado pode figurar como se fosse outro herói da narrativa, pois o leitor tem acesso a mais informação particularizada do mesmo, tal qual ocorre com o colono referido. O deputado é o redator do projeto de lei que objetiva revisar o Código Florestal. Ao descrever o projeto, a jornalista utiliza a expressão “gestado em nove meses,” para identificar a ação de elaboração do projeto a algo como a gestação de um filho. O projeto aí é idealizado, recorrendo-se a uma terminologia que o legitima.

Ao retornar a expressão de opinião do deputado, a reportagem enfoca um estudo publicado pela Universidade de São Paulo USP, que revela a possibilidade de se dobrar a produção de alimentos em áreas abertas sem ocasionar desastres ecológicos, o qual é definido pelo deputado, que afirma oferecer algo mais interessante que a lei. Ele categoriza a lei como defeituosa pelo fato de sua normativa não ter conseguido impedir a ilegalidade do desmatamento. Aqui o discurso acadêmico-científico é também agregado, para legitimar o discurso do deputado cujos matizes são, sobretudo, de ordem ética e moral, ou seja, o Brasil teria uma missão, a de alimentar o planeta, e conseguiria isso, pela revisão do Código e pelo avanço da tecnologia nacional.

O discurso do pesquisador

Segundo o texto, conciliar os interesses dos agricultores que estão sendo prejudicados sem destruir as florestas é a questão que um dos entrevistados, engenheiro agrônomo e professor da USP, levanta. A lei, para os ruralistas está impedindo o crescimento econômico que precisa atingir a margem de 70% até 2050, segundo a matéria. Pelos cálculos da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), o Brasil estaria perdendo 71 bilhões de reais e 5,7 milhões de empregos no campo.

Para ressaltar que o Código Florestal atual é impossível de ser cumprido, apresenta-se o discurso do professor e pesquisador que fala de uma universidade renomada e que é membro da Academia Brasileira de Ciências, ou seja, o local de onde emanam os discursos, o que lhe confere credibilidade. A neutralidade de lei é

inexistente, na afirmação do pesquisador, uma vez que ela prejudica, sobretudo, os pequenos agricultores.

O professor é apresentado como pesquisador e também recebe tratamento diferenciado, pois tem seu nome divulgado e sua fala é enquadrada em discurso direto, de modo a valorizá-la. O contexto narrativo do discurso jornalístico vai assimilando certas falas e com elas vai construindo uma versão de verdade sobre os fatos. O pesquisador, no entanto, não é apresentado de modo a ter uma narrativa pessoal, como acontece com o colono e com o deputado. O seu discurso não precisa desse amparo, visto que a linguagem acadêmico-científica é impessoalizada, já que se apóia em dados científicos, e estes trazem em si mesmo certo teor de veracidade.

No entanto, embora o discurso esteja na ordem do âmbito científico, podendo ser proferido por qualquer cientista que tenha posse dos dados, recebe uma autoria específica, sendo-lhe dado um sujeito denominado e concreto e que provém de uma instituição de renome. O interlocutor aqui pode, inclusive, se quiser, acessar o currículo do pesquisador para obter mais dados desse sujeito real. Esse procedimento aproxima o pesquisador do leitor, conferindo mais veracidade ao discurso proferido.

Percebeu-se que essas vozes que adentram o discurso têm uma concretude histórica que lhes confere mais veracidade e credibilidade. Aqui as palavras remetem às coisas, recebendo significado nessa mecânica entre o verbal e o extra-verbal. As instituições, como assevera Foucault, vão conferindo valor de verdade ao discurso.

O discurso da Lei²⁴

Em relação ao Código Florestal de 1934, modificado em 1965, a jornalista afirma: “Como está hoje é impossível de ser cumprido. Principalmente porque não considera as peculiaridades das regiões ou o tamanho das fazendas.” Nesse fragmento, observa-se a historicidade dos fatos, relatando que aquilo que era

²⁴ Nesse discurso identifica-se um dos princípios de exclusão apontados por Foucault em *A Ordem do Discurso. A interdição*, que estabelece que nem tudo pode ser dito por qualquer um em qualquer situação, estabelecendo-se no direito exclusivo e privilegiado daquele que fala em nome da lei. Somente a lei pode atribuir a legalidade para o comércio, garantindo o desenvolvimento da economia do país. Ainda que os colonos consigam praticar o comércio sem o veredicto da lei, ainda sim não são plenamente beneficiados, pois pela transgressão, seus produtos são claramente negados em muitos supermercados e podem legalmente ser barrados, conforme relata a matéria.

adequado e verdadeiro para uma época, torna-se inadequado em outro tempo, na medida em que as circunstâncias se transformam e os interesses se modificam, conforme Foucault argumenta, defendendo a ideia de que a *vontade de verdade*, ou seja, de se conhecer e aplicar a verdade, é variável de acordo com o período histórico e com as intenções em que é estabelecida. Muitas vozes são trazidas para enfatizar a caducidade do código, depreciando-se assim, o discurso da Lei. Expressões negativas utilizadas na reportagem como “ultrapassado” e “precisa ser revisto”, são enfatizadas. O Código é adjetivado hegemonicamente com vocábulos que o enfraquecem, fortalecendo-se a defesa de sua alteração. Nesse caso a construção discursiva é dialógica como entende Bakhtin/Volochínov, uma vez que se configura com réplica e resposta ao já dito, mas não é polifônica, pois há um centro organizador que se impõe e que orienta a reportagem.

Notou-se que os elementos composicionais, a ideia de necessidade de alteração histórica, a caducidade do código, as vozes do deputado, do colono, dos ruralistas e do pesquisador são procedimentos discursivos utilizados para defender a mudança do código.

O discurso ambiental

No terceiro parágrafo da matéria, a ação e os discursos dos ambientalistas são identificados pela jornalista como barreiras comerciais entre os países, porque defendem que menos áreas sejam desmatadas o que implica na redução do crescimento econômico.

Os argumentos de preservação ambiental das ONGs ambientalistas são categorizados pela jornalista como pertencentes a uma “onda verde globalizada”, os quais, segundo a matéria, necessitam de revisão justamente por apresentarem projetos que barram o comércio internacional e impedem o crescimento econômico do país.

Atente-se na terminologia “globalizada”, que transmite a ideia de que a presença do discurso ambiental não é apenas local, isto é, no Brasil. Não é “nossa ideia”, mas é de que países desenvolvidos estão, por intermédio do discurso ambientalista, privando o Brasil de crescer economicamente. Aqui, há embate discursivo entre a posição internacional e a nacional sobre a questão da preservação ambiental. A nacional, nesse caso, se foca no desenvolvimento produtivo. Isso se acentua quando entra a fala do deputado na qual emerge a

questão nacionalista. O termo “*onda verde*”²⁵, por exemplo, pode ser interpretado como um termo que cria uma imagem avassaladora de catástrofe em que a economia nacional é devastada por imposições externas, ou seja, o discurso que parte de certas ONGs. Veja-se que na reportagem não há nenhum, sujeito empírico concreto representando as ditas ONGs. Delas apenas se fala indiretamente e de modo a depreciá-las como antinacionalistas. Não se subestima a capacidade do interlocutor de arbitrar a favor do discurso ambiental, o que ele pode fazer até mesmo pela apresentação de uma idéia contrária a tal discurso, mas a possibilidade de identificação com este discurso fica restrita a um pequeno espaço no texto da reportagem.

No entanto, embora o discurso jornalístico enfatize a necessidade de se rever a legislação, na sequência, abre-se espaço para relativizar a questão, confluindo com o que afirma a teoria bakhtiniana sobre o dialogismo do discurso. Apresenta-se a necessidade de preservação da floresta para manter a qualidade da água, redução da erosão e de deslizamentos, além de ajudar na polinização natural das flores. Usa-se o relato de um agricultor que foi prejudicado em sua lavoura pelo desequilíbrio ecológico, para enfatizar a necessidade de preservação ambiental. Nesse aspecto a jornalista preserva vozes e ações contrárias à defesa do projeto de Lei. No entanto, o espaço para essa contradição é diminuto, considerando-se o espaço total da reportagem. Pode-se dizer que há lugar para a exposição de informações, mas não para uma discussão entre os lados oponentes com possibilidades iguais de expressão. Nota-se que certas vozes têm mais visibilidades que outras.

O discurso dos ruralistas

Há aqui um discurso mais genérico de classe produtora. No entanto, esse discurso favorável à revisão do Código é balizado pelo discurso do deputado e de três instituições: a ONU, a Confederação Nacional da Agricultura e a Embrapa. Os ruralistas são apresentados como grandes produtores, cuja produção mobilizará o

²⁵ Outro princípio de exclusão apontado por Foucault é o da *separação e rejeição* que se dá no âmbito da palavra ou termo anulável. Nesse caso a expressão “*Onda verde*” significa discurso desequilibrado, para aqueles que realmente almejam o crescimento econômico do país. Censuram-se os projetos de preservação ambiental e garantia da vida em favorecimento do lucro de alguns.

planeta. Aqui a mecânica discursiva da reportagem atinge um dos seus maiores objetivos, ou seja, veio da pequena propriedade no sul do Brasil e atinge grandes fazendas que salvarão o mundo do espectro da fome com sua produtividade. Nota-se como já ressaltado, que não são denominados de latifundiários. Esse vocábulo é evitado visto sua vinculação ao MST e à luta camponesa. Entretanto, embora haja essa missão para o mundo, advinda do seu trabalho no campo, emerge no discurso ruralista a questão dos ganhos econômicos e financeiros.

A representação da tecnologia

As soluções tecnológicas, na maior parte do texto, estão disseminadas pelas falas agregadas ao discurso que orienta a reportagem, mas também se apresentam distribuídas no interior de uma síntese que a jornalista faz do Código e do projeto de lei do deputado, contrastando os dois. Algumas vezes, a tecnologia e o trabalho estão associados. A associação pode ocorrer no caso dos pequenos colonos ao demonstrar que a maneira como plantam e produzem é já secular, obedecendo a uma tecnologia herdada que ainda é pertinente e eficaz. Essa tecnologia é tradicional na região e o Código poderá alterá-la. É um saber local, herdado e praticado nas pequenas fazendas. Está vinculado à vida e ao trabalho na terra, adquirindo inclusive um nível moral e ético à medida que o colono relatado afirma que “trabalha e dorme tranquilo”, pois não se vê na ilegalidade. Aqui a tecnologia é algo comunitário, carregada de valor moral, tradição e ética. Faz parte de uma comunidade e vai sendo passada de pai para filho. Essa tecnologia, todavia, é responsável pela economia de parte da região, levando o produto para as prateleiras dos supermercados e também gerando postos de trabalho fora das famílias proprietárias. A tecnologia, no entanto, não é descrita ou detalhada, ficando mais no âmbito de uma certa tradição em que o cultivo das videiras é feito do mesmo modo há séculos. O discurso sobre tecnologia aqui, agencia a tradição e não se preocupa em detalhar os procedimentos tecnológicos empregados.

Já quando se refere aos ruralistas, detentores de grandes propriedades, a tecnologia surge como salvacionista, uma vez que, poderá aumentar a produtividade, diminuindo a fome planetária. Essa tecnologia é balizada pelo discurso acadêmico-científico do pesquisador da USP e da Embrapa. A tecnologia é uma ferramenta nas mãos dos ruralistas e do Brasil. A nação, por intermédio da tecnologia que emprega na terra, diminui a fome no mundo. Além disso, a

diminuição da produção agrícola também desempregaria, segundo o texto, ou seja, menos tecnologia e desenvolvimento, menos trabalho. Aqui também não se explicita nenhuma forma de tecnologia que pudesse produzir mais em menos terra. O discurso foca-se mais no âmbito de missão dos ruralistas e do Brasil em diminuir a fome no planeta.

No tocante ao contraste entre o Código e a proposta de alteração do mesmo, surge, sobretudo, a questão da tecnologia do reflorestamento. Aqui, o discurso se complica, pois o deputado defende o reflorestamento com o uso de espécies exóticas, contrapondo-se ao Código que prevê espécies nativas. Essa incongruência se dá em função do discurso nacionalista do deputado que é neutralizado à medida que opta por espécies não nativas. Isso também se complica, pois o deputado prevê como saída tecnológica o uso de espécies de alto valor econômico (eucaliptos) em detrimento das nativas, reforçando o caráter venal, distanciando-se de um nacionalismo em que a preservação da biodiversidade local deveria ser o alvo. A tecnologia aqui é carregada de valor econômico e instrumental no sentido de maximizar os lucros do setor produtivo agrícola. Novamente o discurso não informa como essa tecnologia ocorre. Ela existe, mas não é revelada em sua concretude.

É proposto pelo deputado a regionalização da lei, ou seja, cada estado desenvolve a agricultura com as tecnologias que lhe aprover. Isto se afasta de qualquer projeto nacionalista, visto que para se ter um Estado forte, há que se apostar em união e centralização. Ressalta-se que as soluções apresentadas no projeto estão em destaque na cor vermelha.

Na concepção do discurso da reportagem, a tecnologia está muito próxima de uma visão instrumentalista, em que se busca a eficiência para satisfazer a necessidade da sociedade em geral, segundo Dagnino. Não há crítica ao proceder tecnológico, portanto descarta-se a possibilidade de estar associada à visão crítica. Entende-se que aqui é apresentada como um instrumento controlado pelo homem, fluindo por meio de métodos, ainda que não sejam detalhadamente explicados na reportagem, que atribuem à ciência o sinônimo de verdade e a tecnologia o de eficiência.

Percebemos que as soluções tecnológicas apresentadas no texto são frágeis. Parecem servir apenas a certo propósito do texto, ou seja, que é o de questionar o mérito do Código Florestal. Apresenta-se como vimos, ora associada à

comunidade de longa data, adquirindo valor de tradição, ora advinda da instituição acadêmica, sendo balizada pelo discurso e pelas pesquisas ditas científicas, ora servindo a interesses mercantis. Ainda se apresenta como salvacionista e messiânica à medida que coloca a nação como produtora de alimentos para o planeta. Entretanto, o que se percebe, é que nenhuma tecnologia foi introduzida de modo didático, minimamente científico e entendível do ponto de vista técnico para a solução real do problema, ou seja, “produzir mais em menos terra”. Ela é apresentada como um meio instrumental que soluciona, mas aparece sempre de modo superficial, sem ser detalhada. É chamada para o interior do discurso dispersa, aparecendo aqui e ali, sem, contudo, adquirir uma precisão mínima. Parece apenas um discurso, sem referente, servindo para modernizar a reportagem e afirmar que novas tecnologias podem ser empregadas para maximizar a produção, mas não se tem nenhuma ideia mais objetiva do que sejam e como vão ser operacionalizadas.

5.2 REPRESENTAÇÕES DA TECNOLOGIA: REVISTA *SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL*

O estudo, a seguir, irá se concentrar na análise discursiva da matéria jornalística veiculada pela Revista *Scientific American Brasil*. Focam-se as representações da tecnologia e do trabalho e o seu envolvimento com as questões ambientais. Verificou-se que a abordagem argumentativa enquadra-se no gênero discursivo do jornalismo científico, uma vez que a publicação se dá no contexto da divulgação científica. A análise se compõe de um exemplar de reportagem da revista, do ano de 2010 e se restringirá às primeiras seis páginas da matéria.

5.2.1 Matéria de junho de 2010

Resumo da matéria: A vida em uma nova terra. A humanidade alterou profundamente o planeta. Mas novas ideias e ações podem impedir a nossa

autodestruição. Limites para um planeta mais sustentável.

A reportagem analisada foi destaque na capa da revista, sendo percorrida ao longo de 16 extensas páginas, sem a inserção de publicidades em seu decorrer. Foi dividida em três partes, *“limites para um planeta mais sustentável”*, *“como enfrentar as ameaças ambientais”* e a necessidade de *“romper com o hábito de crescer”*. Com o intuito de simplificar essa etapa da pesquisa e reduzir em extensão o texto, a análise se restringirá ao primeiro tópico: *“limites para um planeta mais sustentável.”*

O redator da matéria, Jonatahn Foley, é também um dos cientistas pesquisadores do tema apresentado, dedicando-se a investigar o uso da terra, a agricultura e o meio ambiente global. A matéria versa sobre a preservação do futuro do planeta e o cuidado que se deve ter com as ações humanas, ressaltando que essas podem levá-lo à destruição. O crescimento populacional tem como consequência um grande consumo de recursos o que provoca danos ao meio ambiente. Os recursos estão limitados em um planeta lotado. Para o problema são apresentadas ideias e ações inovadoras, fundamentadas em pesquisas científicas e tecnológicas. Os cientistas sempre falam a partir de instituições de renome e suas pesquisas se dão no âmbito internacional, produzidas por investigadores da Europa, Estados Unidos e Austrália. As vozes adquirem credibilidade em decorrência do poder das instituições de onde emanam. Saber e poder são conjugados e conferem credibilidade aos discursos, bem como assegura Foucault.

Pesquisas realizadas pelo Centro de Resiliência de Estocolmo, chefiado pelo cientista Johan Rockström, dedicaram-se a encontrar soluções necessárias para um planeta de condições limitadas. Segundo os cientistas do centro, os processos ambientais devem permanecer dentro de certos limites para que a humanidade continue a existir. A adoção de fontes de energia de baixa emissão de carbono, a diminuição do desmatamento e a revolução em práticas agrícolas são essenciais para um planeta mais sustentável.

Oito especialistas apresentam suas contribuições para enfrentar as ameaças ambientais informando, segundo suas pesquisas, ações capazes de manter a qualidade de vida no planeta. Tais argumentos não serão abordados nesta análise.

Segundo o professor Bill McKibben, do Middlebury College, as sugestões para desacelerar a degradação ambiental são possíveis, mas enfrentam obstáculos já que a busca incessante pelo crescimento econômico é fato e persiste. Mark Fischetti, editor da revista, o desafia para que exponha de forma mais detalhada o

seu pensamento durante uma entrevista²⁶. Segundo McKibben, a industrialização e o modelo de desenvolvimento econômico são apontados como um dos fatores predominantes para a ocorrência da depredação ambiental. Contudo, por meio de medidas apresentadas pela ciência é possível se aproximar das soluções sustentáveis. Percebe-se aí outro cenário discursivo que problematiza o modelo capitalista produtor de energia e bens, considerado responsável pela agressão e impacto ambiental. O pesquisador não se esquivava de criticar o modelo, embora, apresente possíveis soluções, não permanecendo na crítica ao mesmo.

O editorial

No início da reportagem há um texto escrito pelos editores da revista. Pelo texto inicial, a Terra está sendo assolada, pelas consequências desastrosas da industrialização e somente um desenvolvimento sustentável promovido pela ciência e pela tecnologia, poderiam garantir a continuidade da vida do e no planeta.

O discurso científico é enaltecido, uma vez que, são os cientistas que determinam o quanto a Terra está perto de um “colapso” e que têm o conhecimento seguro para desenvolver projetos de sustentabilidade.

O termo “colapso” é apresentado entre aspas. Socialmente, é utilizado por profissionais da área da saúde para se referir a pessoas que tenham perdido os sentidos vitais, desmaiado, ou que tenham falecido ou ainda que estejam perto de falecer. O uso desse vocábulo permite associar a Terra a algo que está em risco, na iminência do perigo e do infortúnio.

O responsável por esse problema de ordem sócio-ambiental é o modelo de desenvolvimento econômico da sociedade moderna, segundo a voz que surge da academia. Mais uma vez a ciência é valorizada, pois a discussão apresentada é promovida pelos discursos científicos que partem, tanto dos cientistas que trabalham em laboratório, quanto dos cientistas que trabalham na academia, os quais também ocupam diferentes áreas disciplinares do conhecimento.

Os sujeitos

Nessa primeira parte da matéria, para a qual se destina a análise, são identificados fundamentalmente três sujeitos: Jonathan Foley faz o papel de dois

²⁶ O discurso da entrevista não é analisado nessa pesquisa.

sujeitos, atua como o cientista que fala a respeito da sua pesquisa; e como redator dessa primeira parte da reportagem, apresentando os dados jornalísticos. O terceiro é o pesquisador acadêmico Bill McKibben, do Middlebury College.

Os sujeitos carregam as vozes dos discursos, classificados como científico ou acadêmico. É pelo enquadramento do discurso jornalístico que tais discursos, científico e acadêmico são apresentados. O gênero jornalístico que inclui a apresentação das informações sobre o tema, a apresentação da pesquisa do cientista e a apresentação de uma discussão sobre ideias, permite o enquadramento das vozes e, conseqüentemente, dos discursos.

Segundo a teoria foucaultiana, os sujeitos são os locutores que fornecem ao discurso a sua significação²⁷. São os enunciados escritos que podem ou não apresentar parte da intencionalidade do sujeito. Tais sujeitos são os que constroem a rede discursiva, na qual cada um defende a sua concepção de verdade.

O discurso científico

Na primeira folha da reportagem há um tópico em destaque “*Dossiê: sustentabilidade*”, caracterizando o texto a ser discorrido. A palavra “dossiê”, escolhida pelo redator remete a um conjunto de informações documentadas sobre a sustentabilidade. Na sequência, ele destaca com caixas altas e coloridas o título: “*A vida em uma nova Terra*”, o que permite concluir que a sustentabilidade, garante não apenas a condição de vida na Terra, mas também a condição de uma nova Terra, o que seria de suma importância dado o destaque que essa informação recebe.

O subtítulo “*A humanidade alterou profundamente o planeta. Mas novas idéias e ações podem impedir a nossa autodestruição*²⁸” traz uma informação importante mediante o que se entende pela teoria bakhtiniana. Segundo Bakhtin/Volochínov, a consciência é criada na coletividade, nos processos de

²⁷ O leitor pode recapitular essa informação nas páginas 35 e 36 dessa pesquisa, no item 3.0 *Desdobramentos sobre a Análise do Discurso e Questões acerca da Linguagem*.

²⁸ O homem percebe que parte de suas ações são destrutivas à vida, na medida em que também age de maneira destruidora. Essa concatenação de expressões lembra, conforme Foucault, que o sujeito está submetido a certas circunstâncias e aos poderes que emanam das instituições. Assim, o ser humano, sujeito da ação que discrimina – destruir a condição de vida na Terra - poderia se ver inclinado a aceitar tal fato, não que isso não ocorra, em determinada circunstância, mas, no discurso da matéria analisada, a sociedade precisa entender que é preciso melhorar a sua condição de vida, preservar o meio ambiente. A essa sociedade são sugeridas novas ideias para impedir a autodestruição.

interação social e, nesse processo, emergem os signos, e as palavras enquanto signos verbais (BAKHTIN, 2003, p.36). Ao se tomar tal conhecimento como base para analisar o subtítulo, entende-se que a “destruição da vida humana” pode ser interpretada como um signo, bem como também o impedimento de sua autodestruição que só é possível por intermédio da “sustentabilidade.” Essas “*novas idéias e ações inovadoras*” da qual se fala, são as que constroem os projetos de sustentabilidade. Seriam dois signos em confronto que emergem na sociedade e ganham voz no discurso científico: a destruição da vida humana e a sustentabilidade.

Pelo discurso científico que se apresenta o planeta natural, transformado em um mundo industrializado, para sobreviver precisa recorrer às ações sustentáveis. Pela concepção de Bakhtin/Volochínov, a palavra, tomada como signo, não tem apenas o significado exclusivo que lhe é atribuído pelo dicionário, podendo ser plurivalente, dependendo da natureza da situação. O vocábulo “sustentabilidade”, enquanto signo, no contexto atual do mundo, pode ser muito desejado para validar os discursos, sobretudo de instituições que desejam transmitir a imagem de politicamente correta. No texto em questão, a sustentabilidade como signo verbal representa a solução para o problema da questão ambiental. Implicitamente, a tecnologia, neste momento, é vista como salvacionista, uma vez que é por meio de técnicas científicas aplicadas que se consegue chegar à sustentabilidade.

Salienta-se que o discurso escolhe três vocábulos bem importantes. O termo “humanidade” comparece para revelar que o homem, em geral, tem destruído o planeta. Essa humanidade, no entanto é genérica e parece distanciada de um “nós”. Percebe-se que o redator Jonathan Foley, cientista que é e, exercendo a função de jornalista ao redigir o texto, ora se aproxima, ora se distancia dessa humanidade ao fazer o uso alternado, em suas construções discursivas, do pronome “nós” e da impessoalidade.

O vocábulo “nossa” no referido subtítulo, aproxima o discurso do interlocutor, porque não é só o que escreve que pode passar pela autodestruição, mas o que lê também, uma vez que todos são humanos. O vocábulo “autodestrutivo” coloca os seres humanos no centro, integrados à Terra e não deslocados dela. Essa escolha de palavras não é aleatória, mas pode nos convocar a mudar de atitude à medida que nos posiciona no interior do discurso e da ação.

Enquanto pesquisador ele se distancia da humanidade, a ver no exemplo da

frase que diz “*estipulamos limites para eles – uma faixa dentro da qual a humanidade pode operar*”. Enquanto agente conscientizador, ele se aproxima da humanidade e do leitor “(...) precisamos tomar medidas para garantir nosso funcionamento dentro do espaço operacional seguro de nostros ecossistemas.”

O discurso científico é valorizado no texto, uma vez que os cientistas são convidados pela revista para falar, é, portanto, um discurso que tem voz. É desse discurso que emanam as ideias seguras o bastante para se chegar à solução. Já no primeiro momento da matéria, o cientista Jonathan Foley é citado. Ele é também o redator da matéria e faz questão de enfatizar essa informação, usando os termos “*inclusive eu*”. Nesse sentido, o texto que é caracterizado como jornalístico e científico, assemelha-se a um ato testemunhal, que aproxima o interlocutor do fato. O cientista também recebe destaque em uma imagem que o representa, situando-se no centro da quinta página, entre os textos explicativos de caráter científico. Na figura, ele olha diretamente para o interlocutor e mostra no rosto um leve sorriso, representando otimismo e esperança, apesar do problema. A leitura que se fez desse quadro é da ideia de segurança que se transmite e que provém da ciência.

A confiabilidade que a revista dá ao discurso científico, também se observa no convite lançado a oito especialistas para proporem medidas corretivas, cujo foco consiste na sustentabilidade. A fala desses especialistas é apenas mencionada nesse primeiro tópico da reportagem, para o qual se destina a análise. No quadro da página 30 da matéria, citam-se algumas medidas de precaução em busca de soluções, as quais foram desenvolvidas por esses especialistas, cujos discursos aparecem na íntegra e são identificados pelo nome e especialidade de cada pesquisador, no segundo tópico da reportagem, “*Como Enfrentar Ameaças Ambientais*”, o qual não é analisado nessa pesquisa. Contudo, a partir das medidas apresentadas no referido quadro, observa-se que são discursos de especialistas de diferentes áreas, por isso são em número de oito, pois não repetem informações. As soluções tecnológicas são detalhadas por intermédio de disciplinas e saberes específicos. Não há uma generalização e uma perspectiva difusa sobre tais soluções, como encontramos na outra reportagem. Aqui, podemos trazer a questão foucaultiana que trata do poder das disciplinas, visto que aí, isso se operacionaliza, conferindo ao discurso, mais crédito a partir das vozes especializadas.

Observou-se também a presença dos vocábulos “*grande trabalho*” e “*limites seguros*” para enfatizar a relevância do discurso científico, carregado de

conhecimento. Os textos, sobretudo os em destaque, por coloração ou tamanho da fonte, distinguindo-se dos demais ao longo da matéria, são didáticos e de caráter explicativo, salientando a importância do conhecimento científico.

Uma das relações exploradas por Foucault em *Microfísica do Poder* (2010), é que com o saber o homem tem o poder, o que se confirma neste caso, na valorização do discurso científico e na atribuição conferida ao cientista para interferir na sociedade. Segundo Foucault, o homem é sujeito e objeto da ação. Nesse sentido, as massas como toma de exemplo, não necessitam dos intelectuais para saber, elas podem até mesmo, saber de uma maneira muito melhor que os intelectuais. Mas seu conhecimento é frequentemente desrespeitado, dentro de um sistema de poder que barra, proíbe e invalida, muitas vezes, esse tipo de discurso. Este poder penetra muito sutilmente em toda a trama da sociedade e, sendo assim, os intelectuais já não estão um pouco à frente ou ao lado para dizer a verdade sobre o saber das coisas, mas estão à frente para lutar contra as formas de poder onde exatamente ele, o poder, é o objeto e o instrumento nesta ordem do saber (FOUCAULT, 2010, p. 71).

Uma das intenções do texto é esclarecer que as condições de vida no futuro só serão possíveis, caso se respeitem certos limites do planeta. A equipe do Centro de Resiliência de Estocolmo tem o seu discurso valorizado, mesmo com a margem de incerteza que os seus posicionamentos carregam. Fica claro na matéria que a instituição tem como objetivo formular políticas de controle ambiental. O Centro recebe certo prestígio, ainda que implícito, pois é dentro dele que se distribuem os mecanismos das relações de poder, em função do conhecimento e é dele que vem a pesquisa apresentada na reportagem. A *SciAm*, como meio de comunicação internacional, contribui para o destaque da instituição, bem como assevera Foucault que o saber teórico se manifesta na prática, na medida das necessidades de cada instituição (FOUCAULT, 2010, p. 110).

No subitem “Fique Bem Longe”, o texto conta que houve objeção de alguns cientistas em relação ao estabelecimento de limites para a sustentabilidade, desenvolvidos no Centro de Estocolmo. Outros ainda não concordaram com os dados quantificáveis apresentados. Identifica-se, nesse sentido, o que Bakhtin/Volochinov explica sobre o signo verbal, o qual terá duas faces parecendo para uns, verdade viva e para outros, mentira (BAKHTIN, 2003, p.48). Na tentativa de amenizar a objeção, o redator explica que sugerir limites, não significa incentivar

a exploração da Terra até se chegar nessas delimitações. A ideia, segundo o redator, é despertar o altruísmo em relação às gerações vindouras e aconselhar a se manter longe desses limites. Também afirma que a réplica da comunidade científica já era esperada como um desejo que se concretizava, sugerindo a repercussão da pesquisa. Segundo o autor da reportagem, esperava-se que “*que os resultados estimulassem discussões na comunidade científica. Parece que esse desejo se concretizou.*”

A oposição entre os cientistas no que se refere à aplicação prática das teorias está presente na revista *Nature*, mencionada na reportagem. Esse discurso, no entanto, não ganhou voz, sendo citado pelo redator, em poucas linhas e de forma indireta. Aqui, também vemos que o discurso agencia vários elementos para construir um dos seus objetivos, que é o de validar o desenvolvimento sustentável a partir de pesquisas científicas. Discursos que questionem essa solução são incorporados, mas devidamente enfraquecidos, visto que contribuem para a tese central.

O texto apresenta familiaridade com os procedimentos da pesquisa científica apresentada, já que é escrito por um dos autores da pesquisa, traduzindo os descobrimentos da ciência. É um texto de jornalismo científico, uma vez que promove a cultura científica. Segundo, Fabíola de Oliveira em *Jornalismo Científico (2005)*, o jornalismo científico não se restringe à cobertura de assuntos científicos sobre ciência e tecnologia, mas apresenta o conhecimento científico como uma possibilidade para que o leitor e, mesmo o jornalista, compreenda melhor os fatos. A informação científica permite ao jornalista e ao leitor uma visão mais sistêmica e contextualizada dos fatos noticiosos, ao contrário de uma visão fragmentada e descontinuada (OLIVEIRA, 2005, p.43-48).

Propõem-se soluções científicas e tecnológicas detalhadas ao longo da matéria, destacando-se outras fontes de consulta em endereços eletrônicos e outras revistas que complementam o tema e ajudam a compreender melhor o problema. Segundo Oliveira, essa prática de informar o leitor sobre outras fontes do mesmo assunto ressalta o caráter de jornalismo científico da matéria, o que se vê também na referida reportagem.

Essa remissão a outras fontes, não necessariamente detalhadas no texto, é também característica do discurso acadêmico-científico, que mantém uma imagem certa imagem do seu interlocutor, que se caracteriza como sujeito do conhecimento,

alguém que tem autonomia para buscar o saber e confrontar o que foi dito. O discurso incorpora um interlocutor menos leigo e tutelado.

A partir da análise, verifica-se que a ciência é apresentada como um instrumento confiável para fazer emergir ideias inovadoras, fundamentadas no desenvolvimento tecnológico, o qual deve ter como primazia, a sustentabilidade. Em busca de resoluções para o problema ambiental, as soluções apresentadas são tecnológicas e respaldadas no conhecimento científico.

O discurso acadêmico

O discurso acadêmico ganha voz e destaque nas falas do professor do Middlebury College, Bill McKibben²⁹. Para ele, há uma escassez de recursos em função do crescimento populacional e do consumo intensificado. Esse crescimento fez a poluição se tornar um problema global. O atual modelo de desenvolvimento econômico, que se contextualiza no capitalismo, seria o responsável pela causa do problema ambiental. Seu discurso ganha voz em sete páginas da matéria, sendo que duas dessas são destinadas para apresentar uma entrevista, na qual sua voz aparece em discurso direto. O discurso é relevante, portanto, mas enquadra-se no terceiro tópico da reportagem, não analisado em profundidade nessa pesquisa, conforme informado anteriormente. Ressalta-se, no entanto, o que desse discurso aparece nos itens analisados, sendo ele defensor da revisão do atual modelo de desenvolvimento econômico, frisando a necessidade de mudança para que, de fato, o problema da questão ambiental seja resolvido. A partir da informação que se tem, é possível perceber nesse discurso que a tecnologia e a ciência não resolvem o problema e nem salvam o planeta, mas são instrumentos úteis nas mãos dos cientistas para melhorar a situação mundial. Entretanto, a tecnologia só poderá solucionar o problema caso se altere o consumo exacerbado e o modelo de desenvolvimento instituído. O discurso acadêmico aparece aí como descompromissado com a economia capitalista, sendo independente do valor de mercado.

²⁹ O professor Bill McKibben também tem a sua fotografia exibida e de modo semelhante a Foley, olha para o interlocutor com um leve sorriso representando otimismo, esperança. Essa informação consta nas páginas 36 e 41 da reportagem, as quais não estão presentes nessa pesquisa por não serem analisadas. Essa referência, contudo, é feita para que o leitor possa estar bem contextualizado, em relação aos procedimentos discursivos utilizados na reportagem.

Nota-se com isso, que o discurso acadêmico não atribui à ciência um caráter salvacionista, mas reconhece que a por meio dela pode se chegar a solução. É um discurso que apresenta uma autocrítica, já que é também do universo acadêmico que se desenvolve a ciência. É nesse discurso que se reconhece que ciência e tecnologia estão imbricadas em elementos sociais numa relação de interdependência. Os elementos sociais como economia, ética e moral permeiam as ações responsáveis pela atual situação do planeta. A solução para a escassez dos recursos e da poluição mundial, não se restringe às práticas exclusivamente, advindas do desenvolvimento científico e tecnológico, mas requer ações também nessas áreas.

A representação da tecnologia

Para Foucault existem certas regiões do discurso que são penetráveis, outras proibidas, sendo reveladas, muitas vezes, pela forma como tal discurso é escrito. Esse modo de escrita está relacionado à existência de uma “sociedade do discurso” designada e formada pela atribuição singular que o escritor dá ao que escreve e ao que chama de criação. Um discurso científico, por exemplo, poderia ser caracterizado como impenetrável se apresentado com uma linguagem específica de determinada área disciplinar da ciência. Mas para Foucault, o inverso desta sociedade do discurso são as doutrinas filosóficas, políticas e religiosas que têm como características a tendência à difusão, o reconhecimento de verdades semelhantes e a aceitação de regras em conformidade com discursos validados. Esses mecanismos doutrinários questionam o sujeito que fala por meio do enunciado. (FOUCAULT, 1996, p. 40-42).

Pelo histórico da revista *Scientific American Brasil* apresentado no capítulo 4, constatou-se que o discurso que antes era emitido pela revista, se julgado pela teoria foucaultiana, poderia ser considerado impenetrável, já que se destinava especificamente, ao corpo científico. Atualmente, a revista continua destinando-se aos cientistas, mas também aos demais leitores. A linguagem adotada não se fundamenta em termos específicos de certas áreas da ciência, mas pretende ser acessível a uma audiência maior que não sejam exclusivamente os cientistas. Há também a necessidade de reconhecimento de verdades, ou seja, a busca pela validação deste tipo de discurso pela aceitação do público, que no contexto atual é mais generalizado.

Foucault lembra que existem doutrinas discursivas que ligam os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbem outros; liga os indivíduos entre si e os diferencia. Faz isso na medida em que pertence a diferentes classes de *status* da sociedade, de etnia, de nacionalidade, de interesse, de luta, de revolta, de resistência ou de aceitação (FOUCAULT, 1996, p. 43). Nesse caso em análise, a doutrina do discurso científico liga cientistas e leigos ao tema em defesa do meio ambiente, mas separa-os na medida em que valida como verdadeiro o discurso e o conhecimento do cientista e as soluções tecnológicas que ele apresenta. O como, quando e por que preservar o meio ambiente é explicado pela ciência, aí se vê a exaltação do seu valor. É como se, nessa circunstância, o leigo tivesse de se assujeitar à voz do cientista, por que é com este que está o conhecimento comprovado como verdadeiro.

O enunciador dos discursos afirma que a compreensão humana em relação aos processos ambientais e sociais é limitada. Ainda que ações em conjunto em prol do meio ambiente, tais como a diminuição do consumo de carbono, a diminuição dos desmatamentos e os investimentos em práticas agrícolas inovadoras sejam praticadas simultaneamente, essas talvez não sejam as soluções finais, mas seriam as mais seguras para o momento. Tais considerações são provenientes de experimentos científicos que requereram determinados tipos de tecnologia para se operacionalizarem. Além disso, demandam de tecnologias específicas para acontecerem na prática. Isso sugere a tecnologia aliada ao trabalho do cientista que pesquisa em laboratório. Não fica claro na matéria, se as medidas preventivas desenvolvidas pelos pesquisadores aconteceram em laboratório, mas subentende-se.

Saberes tradicionais e vozes do senso comum, não são trazidos para o interior do discurso. A voz que advém da Academia ou dos centros de estudos científicos é, todavia, valorizada e detém as soluções tecnológicas para o problema entre desenvolvimento e meio ambiente. É também um discurso disciplinar e verticalizado, que tem como centro organizador o cientista jornalista.

A relação da tecnologia com o universo do trabalho aqui, destaca-se no trabalho que é exercido pelo cientista e pesquisador que estuda, critica, analisa, avalia e informa a população sobre seu trabalho e o que se deve fazer com ele. O cientista é alguém que valoriza o seu trabalho, à medida que reconhece que ele é importante para resolver problemas humanos e planetários. Nesse caso, o da

própria continuidade da espécie.

A tecnologia, por meio do trabalho do cientista, é moldada pelas práticas sociais e pela economia e serve como um instrumento para aproximar a solução do problema. No discurso do cientista, no entanto, a tecnologia e a ciência parecem ser salvacionistas, quando o cientista infere sobre o valor da sua pesquisa, sugerindo práticas eficazes de preservação ambiental. Também ocorre que o discurso da ciência parece não ser considerado tão eficiente assim, à medida que se incorpora a voz da academia que é enfática em afirmar que a tecnologia por si só não resolverá os problemas ambientais, sendo necessária uma mobilização cultural e uma mudança no modelo de desenvolvimento econômico. Isso confere à tecnologia, segundo a visão de Dagnino, um caráter crítico. Porém a visão majoritária que consta na reportagem é a da tecnologia como um meio para se chegar a determinados fins (o da preservação, o da sustentabilidade) sendo, portanto, funcional, instrumental. Todavia, como já salientado, a voz que se contrapõe às soluções tecnológicas sem mudanças no modelo econômico ocupa um espaço diminuto na parte da reportagem que é analisada.

É por meio da aplicação correta da tecnologia que se deve atribuir à ciência o sinônimo de verdade, bem como consiste a visão instrumental de Dagnino. Tal autor ressalta que são os princípios éticos que visam atender a continuação da vida na Terra, reconhecidos consensual e explicitamente, capazes de controlar a tecnologia de um modo mais benéfico à sociedade. É nesse sentido em que tal visão sobre a tecnociência, na *SciAm*, também se aproxima de uma visão instrumentalista. Mesmo sendo aqui considerada neutra, pois não é condicionada a valores culturais de uma comunidade específica, pode ser controlada pela reunião de princípios éticos reconhecidos consensualmente. A tecnologia é representada majoritariamente na reportagem, pela visão instrumental, em que por meio de uma discussão ética e consensual, a partir de estudos científico-tecnológicos, poder-se-ia utilizar a tecnologia de maneira beneficente para a sociedade.

6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises mostraram que as reportagens das revistas *Época* e *Scientific American Brasil*, vinculadas pela unicidade do tema, que trata da mesma formação ideológica (meio ambiente e sustentabilidade), quando colocadas em uma relação de interdiscurso, podem apresentar posicionamentos semelhantes de interlocutores diferentes. Esses interlocutores podem ser oriundos de diferentes formações discursivas (cientistas, políticos, agricultores), mas mesmo assim, discutir em confluência a questão acerca da relação entre tecnologia, meio ambiente e sustentabilidade. Fato que se comprova na representação da tecnologia, identificada como instrumental em ambas as análises.

O discurso da *Época* e o discurso da *SciAm* especificamente nas reportagens consideradas, em princípio não teriam relação entre si, a não ser pelo tema que debatem e pelo gênero discursivo que é o jornalístico no padrão de reportagem impressa em revista. Esses discursos, mesmo tratando de temas parecidos, circulam em esferas distintas em função do público-alvo a que se destinam e da própria proposta editorial. Ambos os discursos são contemporâneos, surgem em uma mesma situação sócio-histórica, e existem ao mesmo tempo em uma comunidade discursiva de jornalistas e seus interlocutores.

O discurso geral da revista *Época* privilegia temas políticos e de comportamento social, fazendo jus a uma proposta editorial. Os temas mais recorrentes em capa, de acordo também com os dados quantificáveis coletados, relacionavam-se às questões sociais ligadas ao comportamento, à política nacional e às invenções tecnológicas. O levantamento quantitativo fornece uma análise dessa informação elementar. Meio ambiente associado à preservação ambiental e tecnologia à sustentabilidade foram destaque de capa, em um período de três anos, por 4 vezes em meio a cerca de 144 edições; 4 edições ao mês ao longo de 36 meses analisados, um índice pequeno em relação à quantidade de edições que a revista publica.

Discorre-se sobre editorial das revistas porque ele, em contexto geral, seria o centro organizador do discurso, ou a institucionalização de poder que delimita a proposta discursiva das reportagens veiculadas. É nesse sentido que a proposta editorial pode exercer poder sobre a proposta da reportagem, bem como Foucault

fala que o discurso é uma forma de exercer ação e poder sobre o outro (FOUCAULT, 1996, p. 10, 21).

A conexão que a *Época* faz entre meio ambiente e desenvolvimento econômico nacional é mais intensa que na *SciAm* e se apresenta em uma relação de interdependência. Na reportagem em específico, enfatiza-se a questão da economia, enquanto que, a prática de tecnologias inovadoras e apresentação de projetos políticos são como caminhos possíveis para se chegar ao determinado fim: desenvolvimento econômico sustentável e progresso nos setores comerciais. O foco, contudo, estaria no capital.

A revista *Scientific American Brasil*, em relação à linha editorial pela qual se norteia, tem como objetivo focar assuntos sobre, ciência, tecnologia e meio ambiente, mantendo a tradição dos temas discutidos desde sua criação. Ao apresentar essas informações, não se pretende aqui, contudo, comparar a linha editorial das revistas e incitar que uma seja melhor que a outra. Ao contrário, mesmo sendo diferentes, as revistas tratam de um tema, com menos ou mais frequência, mas com um semelhante teor discursivo sobre a representação da tecnologia.

A reportagem da *SciAm* também está relacionada à questão econômica. Todavia, apresenta uma crítica ao modelo vigente de economia mundial. As tecnologias inovadoras são apresentadas como possíveis soluções para os problemas ambientais, são enquadradas na voz de pesquisadores de áreas disciplinares específicas da ciência, e também são identificadas como possíveis caminhos para se chegar a um determinado fim: ao de garantir um desenvolvimento econômico sustentável. O foco estaria na sustentabilidade.

Ambas as revistas apresentam comentários e manifestações de opinião dos entrevistados, ressaltando as diferentes formações discursivas que existem nesse complexo ideológico, o que caracteriza a dialogia do discurso, apesar das diferenças de espaço para a exposição dos mesmos. Se essa diferença induz ou não à formação de opinião, isso não podemos afirmar, mas é fato que ela existe (BAKHTIN, 2010, p. 150, 161, 181). Embora haja dialogia nas vozes que se contrapõem, há um propósito discursivo. Na *Época* consiste em validar a renovação do projeto de Lei e a partir daí implantar soluções tecnológicas e na *SciAm*, consiste em minimizar o impacto ambiental, pelo conhecimento científico e tecnológico.

O gênero discursivo de jornalismo científico da *SciAm* possibilita que os problemas ambientais e uso da tecnologia sejam expostos de modo mais detalhado.

Buscam-se as causas, observam-se as consequências, apresentam-se soluções tecnológicas fundamentadas em pesquisas científicas. A ciência concerne à tecnologia o valor de verdade. Aqui, o saber da ciência é valorizado ao longo de todo o trecho analisado. O conhecimento científico aliado ao desenvolvimento de tecnologia detém as respostas para se resolver parte dos problemas sócio-ambientais. Já na *Época*, até pelo fato de não abordar fundamentalmente a mesma questão, lança-se às discussões políticas como elementares para uma maior compreensão dos problemas sócio-ambientais. A ciência e a tecnologia ficam em segundo plano, mas também são apresentadas como medidas que podem salvar.

Sobre a apresentação da renovação do projeto de lei, da matéria da *Época* dos projetos científicos, de acordo com a *SciAm*, cada empreendimento, sendo ele jurídico ou científico é resultado de ações humanas que, para acontecerem demandaram de outras ações humanas, gerando uma cadeia hierárquica de comando, na qual, os sujeitos que ocupam cargos nas instituições de poder determinam as práticas a serem cumpridas pela sociedade em geral. O discurso da Lei e o discurso da ciência emanam poder.

Os discursos do político, do colono e do pesquisador, constantes na primeira reportagem, defendem a ideia de revisão do código florestal. A proposta de solução tecnológica é apresentada no discurso do político e do pesquisador e serviria para atender aos interesses de pequenos e grandes proprietários rurais e da sociedade como um todo, sobretudo em relação à questão da fome no planeta. A questão do impacto ambiental que essa iniciativa acarretaria é pouco detalhada, bem como o emprego de novas tecnologias para tal feito.

Na segunda reportagem, o discurso científico é enaltecido, à ciência é atribuído o valor de verdade e à tecnologia o valor de solução. Ressalta-se, entretanto, no discurso acadêmico, que a tecnologia só pode ser solução se houver uma crítica ao modelo de desenvolvimento econômico e uma mudança no comportamento social. As soluções tecnológicas são detalhadas, já que partem da voz de especialistas e compõem o conteúdo principal da reportagem, adequando-se ao caráter editorial da revista que se enquadra no gênero de jornalismo científico.

Ao tomar como base as interpretações de Dagnino sobre os conceitos de tecnologia, o enquadramento na visão determinista é descartado, já que os valores políticos, éticos e sociais intervêm na sua constituição. O homem controla a tecnologia na medida da sua necessidade, que por sua vez é estimulada por seus

valores. Por isso também pode ser adequada à visão instrumentalista, pois que à ciência é atribuído o sinônimo de verdade e à tecnologia o de eficiência, como fica implícito, sobretudo, na matéria da *SciAm*. Há uma fé no progresso que é associado à tecnologia.

A visão crítica e substantivista não são identificadas. Isso porque apesar de se reconhecer nas reportagens as consequências catastróficas do desenvolvimento tecnológico, não se atribui a responsabilidade ao fracasso humano em criar instituições apropriadas para o exercício da tecnologia. Também não se discute o fato da tecnologia estar condicionada a valores de um sistema como o econômico, por exemplo, e que tanto é enfatizado. A visão substantivista, colocaria em xeque a tecnologia capitalista o que, sobretudo, o artigo da *Época* não faz. Seu discurso é otimista e aponta para uma instrumentalidade em que deve haver preservação para a continuidade do modelo. A preservação recebe um caráter instrumental e não apresenta relação com o pessimismo e denúncia da Escola de Frankfurt que participam da construção da visão substantivista.

Buscar a representação da tecnologia consistiu em buscar o sentido de um enunciado e analisar em que perspectiva se constroem, no plano discursivo, as relações sociais de poder das instituições (políticas, sócio-econômicas, ambientalistas, científicas, acadêmicas e jornalísticas), representadas pela voz dos seus interlocutores e apresentadas nas reportagens.

A representação da tecnologia recebeu legitimidade, como elemento participante da ordem dos discursos analisados, contribuindo para as discussões ideológicas entre os atores sociais presentes na reportagem.

7.0 CONCLUSÃO E SUGESTÃO PARA ESTUDOS FUTUROS

O discurso é elemento participante das práticas humanas que consistem na produção da linguagem, sobretudo na fala e na escrita, constituindo saberes e refletindo poderes que emanam das instituições. Há uma grande variedade de discursos produzidos na sociedade pertencentes a diferentes formações ideológicas e com diferentes formações discursivas. Falou-se nesta pesquisa do discurso ambiental, pela perspectiva jornalística em duas reportagens.

Viu-se que os discursos são produzidos de acordo com os diferentes âmbitos de atividades humanas. No caso do discurso ambiental pela perspectiva jornalística em reportagem, consideraram-se as revistas como um lugar em que aparecem diferentes âmbitos de atividade, cada um deles gerando um conjunto de discursos distintos que se refletem nas reportagens analisadas. Enfocaram-se os diferentes sentidos produzidos em relação à tecnologia. Tais sentidos que são produzidos por locutores e interlocutores de diferentes formações discursivas, transmitindo crenças, e valores culturais, sociais e ideológicos. Dessa forma confirmou-se a inexistência de discurso neutro, uma vez que todos os discursos verificados produziram sentidos para expressarem as posições sociais e ideológicas dos sujeitos da linguagem.

Antes de pensarmos em que poderes representariam ou influenciariam o futuro é importante pensarmos sobre que perspectiva devemos representar o futuro no presente, ou sobre que conhecimento valorativo devemos nos apoiar para representar o futuro. Sendo assim, penso que nessa relação entre tecnologia, trabalho e meio ambiente e sustentabilidade, devemos nos apoiar numa visão crítica da tecnologia que contemple todas as diferentes possibilidades de manuseio da tecnologia para a criação de um mundo melhor. Uma visão crítica da tecnologia que considere os diferentes pontos de vista, mas que tenha um foco, um objetivo central.

Apesar de, nas reportagens analisadas pela análise discursiva, a tecnologia ter sido representada como instrumental, supõe-se que, em função de circunstâncias distintas não consideradas nessa pesquisa, a tecnologia possa ser qualquer uma dessas coisas: determinante, instrumental, substantiva ou crítica, carregada de valor ético, moral, tradicional ou econômico, pode ser salvacionista e de grande valor. Se isso for verdade, a questão pertinente é, o que vamos fazer com ela, ainda que seja

qualquer uma dessas coisas. O que vamos fazer com ela no meio ambiente e o que vamos fazer com ela em nossas vidas.

Esta foi uma pesquisa que se destinou a realizar uma análise discursiva sobre as representações da tecnologia nos discursos jornalísticos de duas revistas com diferentes teores editoriais, mas que se propunham a discutir o mesmo tema em determinado momento de suas veiculações. Acredita-se que seja possível aprofundar-se, em termos de doutorado, nas reflexões acerca da tecnologia, obtidas a partir dessa pesquisa, aumentando o corpus e tornando a pesquisa mais relevante e investigando como a tecnologia pode ser colocada em prática de forma ética e responsável, se isso já vem acontecendo sendo evidenciado em diferentes discursos, jornalísticos, publicitários, empresariais, científicos, ou mesmo em situações de trabalho, isto é, nos discursos produzidos pelo trabalho em situação, propondo uma discussão que envolva os setores da linguagem, da comunicação, do discurso e do meio ambiente, com base também, mais aprofundada, nos conceitos de Hans Jonas sobre ética e responsabilidade, para a geração de hoje e do amanhã.

REFERÊNCIAS

ANER Disponível em: http://www.aner.org.br/aner/sumarios/sumario_187.asp
Acesso em: 07 jan. 2013.

ÂNGELO, Fabrício F. **O jornalismo ambiental como ferramenta para a sustentabilidade**. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

BAKHTIN, Mikhail/Volochínov. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. De M Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010, 14^aed.

BENTES, C. Ana e MUSSALIM, Fernanda. **Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2007. 3^a ed.

BRANDÃO, Helena Hatshue Nagamine. **Analisando o discurso**. In: Museu da Língua Portuguesa. Estação da Luz.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Marajoara, 2007.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. Ed. rev. e atual. Por Helena Bonito C. Pereira, Rena Singer. São Paulo. FTD. LISA, 1996.

DAGNINO, Renato. **Mais além da participação pública na ciência**: buscando uma reorientação dos Estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade em Ibero-américa. Disponível em: <http://www.oie.es/revistactsi/numero7/articulo02.htm> Acesso em: 19 jan. 2010.

DALLEMOLE, Dilamar. **Vantagens comparativas e degradação ambiental**. Movendo Idéias, Belém, v. 8, n. 14, p. 54-59, nov. 2003. Disponível em: http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/227.pdf. Acesso em: 19 ago. 2010.

ENGELS Fiedrich; MARX Karl. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. Textos das Edições Sociais. São Paulo. 1977, v.1.

ÉPOCA Revista.
Disponível em: <http://www.aner.org.br/aner/solucoes/busca.asp?t=Época> Acesso em: 11 nov. 2011.

FEENBERG, Andrew. **O que é Filosofia da Tecnologia?**

Disponível em: <www-rohan.sdsu.edu/faculty/feenberg/oquee.htm> Acesso em: 26 dez 2012.

FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social**: a história amena de um jornal mineiro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 260 p.

FORTUNATO, Márcia Vescovi. **Autoria e Aprendizagem da Escrita**. 2009. 217f. Tese – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996. 20ª ed.

_____, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 291 p.

_____, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal, 2010. 28ªed.

FONSECA, M. Sérgio. **Movimento Ambientalista e Desenvolvimento Sustentável**. In: III Encontro Nacional de Economia Ecológica, 1999, Recife. Anais do III EcoEco, 1999. Disponível em: <<http://www.race.nuca.ie.ufrj.br/eco/trabalhos/comu2/6.doc>> Acesso em: 25 mar. 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Mayara Rodrigues. **Jornalismo e filosofia da comunicação**. São Paulo: Escrituras, 2004.

GLOBO, Editora. Disponível em: <<http://corp.editoraglobo.globo.com/historia/>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica / Hans Jonas; tradução do original alemão Marijane Lisboa, Luiz Marros Montez. – Rio de Janeiro. Contraponto. Ed. PUC-Rio, 2006.

KIPERSTOK, A. et al. **Inovação como requisito do desenvolvimento sustentável.** In: Revista eletrônica de administração: gestão ambiental e competitividade na empresa. Porto Alegre, Edição Especial 30, v. 8, n. 6, dez. 2002.

LEMOS, H. M. de e SALATI, E. **Água e o desenvolvimento sustentável.** In: *Águas doces no Brasil*. São Paulo: Escrituras, 1999.

LEROI-GOURHAN, A. **O gesto e a palavra – 1.** Técnica e Linguagem. Lisboa: Edições 70, 1964.

LIMA, S. Raquel. **O conceito de cultura em Raymond Williams e Edward P. Thompson:** breve apresentação das idéias de materialismo cultural e experiência. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/cantareira/novacantareira/artigos/edicao8/artigo02.pdf>> Acesso em: 26 dez.

LOPES, Fernanda Lima. **Entre a Objetividade e a Vigilância: Contradições do Trabalho e da Identidade Jornalísticos.** Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ciberlegendajulhoartigofernanda.pdf>> Acesso em: 15 jan 2013.

MARX, K. **A Maquinaria e a Indústria Moderna.** In:----. O Capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAES, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil:** um estudo das construções discursivas em *Veja* e *Manchete*. 1º ed. São Paulo: Annablume, 2002.

NOTICIAKI, Disponível em: <http://www.noticiaki.com/revista-epoca.html> Acesso em jan, 2013.

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo Científico.** São Paulo. Editora Contexto, 2005.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso**. São Paulo. Hackers, 1999.
MANGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez 2001.

RATTNER, Henrique. **Prioridade: construir o capital social**. Disponível em: <<http://www.mundodigital.unesp.br/sulamericana/materias/6prioridadeconstruirocapital-social-henriquerattner.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2010.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2003.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 2º. ed. São Paulo: Contexto, 2004. 112 p.

SCIENTIFIC American Revista.
Disponível em: <<http://www.scientificamerican.com/>> Acesso em: 11 nov. 2011.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do Caráter**. São Paulo: Record, 2004.

SIGNIFICADOS, Disponível em:<<http://www.significados.com.br/meio-ambiente/>>,
Acesso em 07 jan. 2013.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

SOUZA, Sergio. **Conhecendo a análise do discurso: linguagem, sociedade e ideologia**. Manaus: Valer, 2006.

STURM, Ingrid Nancy. **Você está chorando ou vendendo lenço? As relações interdiscursivas no discurso sobre o trabalho na administração moderna: a prática discursiva da Você S/A**. 2006. 157f. Tese – Universidade Estadual de Campinas, SP, 2006.

TAVARES, M. Hugo. **Raymond Williams: o pensador da cultura**. Revista Ágora, Vitória, n.8, 2008, p.1 -27

VIANA, Francisco. **Reputação: a imagem para além da imagem**. São Paulo: Coleção Cadernos Aberje, vol. 1, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.